ISAAC ASIMOV

OS NOVOS ROBÔS





BIBLIOTECA
DO EXILADO

OS NOVOS ROBÔS

Isaac Asimov

Tradução de Aurea Weissenberg

Título original: *The Rest of The Robots*

INTRODUÇÃO

Gostaria de conhecer o pesadelo de um escritor?

Imagine, então, um autor de considerável prestígio, que tem a convicção de ser um grande homem. Conceda-lhe uma esposa com pretensões a escritora também, mas naturalmente nada que se compare ao seu extraordinário marido, aos olhos dela própria, do mundo inteiro e (o mais importante) aos dele mesmo.

E imagine que, em consequência de uma conversa, ela sugira que poderia escrever um romance sobre o assunto debatido. E o grande homem, sorrindo benignamente, responda: “Claro, meu bem. Escreva”.

Ela escreve, o livro é publicado e faz um tremendo sucesso. Segue-se então que, embora o grande homem seja considerado o máximo, é o romance de sua mulherzinha que se torna mais conhecido — tão conhecido que seu título passa a ser um lugar-comum.

Que situação embaraçosa para um escritor profissional, em geral pessoa egocêntrica.

Mas não estou imaginando isso. É uma história verdadeira. Aconteceu.

O grande homem é Percy Bysshe Shelley, um dos magníficos poetas líricos da língua inglesa. Aos vinte e dois anos, fugiu com Mary Wollstonecraft Godwin, acontecimento que, embora romântico, era ligeiramente irregular, pois Shelley já estava casado na época.

Foi tal a publicidade, que os dois tiveram de sair da Inglaterra, passando o verão de 1816 às margens do lago de Genebra, na Suíça, com um poeta igualmente notório, George Gordon, Lord Byron.

Na época, o mundo da ciência estava em efervescência. Em 1791, o físico italiano Luigi Galvani descobrira que os músculos das rãs contorciam-se quando tocados simultaneamente por dois diferentes metais, donde concluiu que o tecido vivo continha “eletricidade animal”. Esta teoria foi combatida por outro físico italiano, Alessandro Volta, que demonstrou a possibilidade da produção de correntes elétricas pela justaposição de diferentes metais, com a presença de tecidos vivos ou não. Volta criou, assim, a primeira pilha, e o químico inglês Humphry Davy, em 1807/8, construiu uma de potência sem precedentes, obtendo com sua ajuda uma diversidade de reações químicas, até então impossíveis aos cientistas da era anterior à eletricidade.

Eletricidade era, portanto, a palavra de ordem e, embora a “eletricidade animal” de Galvani houvesse desmoronado diante das pesquisas de Volta, permaneceu como uma expressão mágica para o público leigo. Era imenso o interesse pelo relacionamento entre a eletricidade e a vida.

Certa noite, um pequeno grupo, composto de Byron, Shelley e Mary Godwin,

discutia a possibilidade de se criar a vida por meio da eletricidade, e ocorreu a Mary escrever uma fantasia em torno do assunto.

Byron e Shelley aprovaram, chegaram mesmo a achar que talvez escrevessem histórias fantásticas para diversão do pequeno grupo.

Somente Mary realizou o intento. No fim daquele ano, a primeira Sra. Shelley suicidou-se, de modo que o poeta e Mary puderam casar-se e regressar à Inglaterra. Ali, em 1817, Mary Shelley terminou seu livro, que foi publicado em 1818. Era a história de um jovem cientista, um estudante de anatomia, que criou um ser no laboratório, conseguindo infundir-lhe a vida por meio da eletricidade. O ser (que não recebeu nome algum) era uma criatura monstruosa, de dois metros e meio de altura, com fisionomia tão horrível que assustava a todos que o fitavam.

O monstro não encontra lugar na sociedade humana e, em sua dor, volta-se contra o cientista e os que lhe são caros. Um a um, os parentes (inclusive a noiva) são destruídos e, finalmente, o próprio cientista morre. O monstro sai a esmo por uma floresta e presume-se que morra de remorso.

O livro teve sucesso extraordinário e permanente. Não há dúvida sobre qual dos Shelley deixou marca mais indelével sobre o público em geral. Para os estudantes de literatura talvez seja Percy Bysshe, mas é só perguntar na rua a qualquer pessoa se ouviu falar em *Adonais,* ou na *Ode ao Vento Oeste,* ou em *Os Cenci.* É possível que a resposta seja afirmativa, mas é provável que não. Depois pergunte se já ouviu falar em *Frankenstein.*

Pois *Frankenstein* era o nome do livro da Sra. Shelley e do jovem cientista que criou o monstro. Desde então, a expressão é usada para qualquer pessoa ou coisa que destrói seu criador. A exclamação “Criei um Frankenstein” se tornou lugar-comum, a ponto de hoje em dia só se poder usá-la pejorativamente.

Frankenstein obteve sucesso, pelo menos em parte, por ser a confirmação de um dos eternos temores da humanidade: o do saber perigoso. Frankenstein era um novo Fausto em busca de conhecimento não destinado ao homem, criando seu nêmesis mefistofélico.

Em princípios do século XIX, era bem clara a verdadeira natureza da intrusão sacrílega no conhecimento proibido. Graças ao progresso científico seria possível talvez insulflar a vida em matéria inerte, mas o homem não poderia jamais criar a alma, pois isso era prerrogativa exclusiva de Deus. Frankenstein criaria, no máximo, uma inteligência sem alma, e tal ambição era maligna, merecedora do mais severo castigo.

A barreira teológica do “não farás” diante do saber humano em evolução e da ciência em progresso foi enfraquecendo no decorrer do século XIX. A revolução industrial ampliou-se e aprofundou-se, e o tema faustiano cedeu temporariamente diante de uma

fé exultante no progresso e na inevitável utopia-através-da-ciência.

Este sonho foi destruído pela I Guerra Mundial. O terrível holocausto deixou bem claro que a ciência podia, afinal, ser inimiga da humanidade. Por sua causa, novos

explosivos foram fabricados e aviões e outras aeronaves construídos para transportá-los até qualquer ponto da retaguarda inimiga, o que no passado seria considerado seguro. Foi a ciência que deu margem a que surgisse o maior horror dos campos de batalha: o gás venenoso[1].

O Cientista Maligno, ou, na melhor das hipóteses, o Cientista Tolo, tornou-se, portanto, personagem obrigatório na ficção científica depois da I Guerra Mundial.

Na época imediatamente posterior à conflagração surgiu um exemplo dramático e marcante deste tema, girando novamente em torno à criação de uma qua-se-vida. Tratava-se da peça RUR, do escritor tcheco Karel Capek, escrita em 1921 e traduzida para o inglês em 1923. RUR significava *Robôs Universais Rossum.* Como Frankenstein, Rossum descobrira o segredo de criar homens artificiais. Chamou-os *robots,* vocábulo tcheco que significa “trabalhador”. A palavra foi adotada posteriormente pelas demais línguas.

Os robôs destinavam-se, conforme sugeria o nome, a ser operários, mas a coisa saiu errada. A humanidade, perdida a sua motivação, deixou de reproduzir-se. Os estadistas aprenderam a usar os robôs na guerra. Estes revoltaram-se, destruíram o que restava dos homens e passaram a dominar o mundo.

Mais uma vez o Fausto científico foi destruído por sua criatura mefistofélica.

Na década de vinte, a ficção científica começou a se tornar uma forma de arte popular, deixando de ser um *tour de force* nas mãos de mestres como Verne e Wells. Surgiram revistas dedicadas exclusivamente ao assunto, e escritores especialistas na matéria emergiram no palco literário.

E um dos enredos obrigatórios do gênero incluía a invenção de um robô — apresentado geralmente como uma criatura de metal, sem alma ou emoções. Sob a influência dos conhecidos feitos e destino de Frankenstein e Rossum, aparentemente só poderia haver uma alternativa na história. — Robôs eram criados e destruíam seu criador, robôs eram criados e destruíam seu criador, robôs eram criados e destruíam seu criador…

Na década de trinta, me tornei leitor de ficção científica e rapidamente me cansei daquela monótona história mil vezes repetida. Como uma pessoa interessada em ciência, ressentia-me daquela interpretação puramente faustiana da ciência.

O conhecimento contém seus perigos, sim, mas a solução será recuar diante dele? Estaremos dispostos a voltar ao macaco e renunciar à própria essência da humanidade? Ou o saber deverá ser usado como barreira contra o perigo que ele próprio acarreta?

Em outras palavras: Fausto deve enfrentar Mefistófeles, mas *não precisa sair derrotado!*

As facas são fabricadas com cabos a fim de serem seguras sem perigo, as escadas possuem corrimãos, a fiação elétrica é isolada, as panelas de pressão têm válvulas — em cada artefato procura-se reduzir ao mínimo o perigo. Às vezes, a segurança alcançada é insuficiente, por causa de limitações impostas pela natureza do universo ou da mente humana. Contudo, o esforço está sempre presente.

Consideremos o robô, então, como um simples artefato, semelhante a qualquer outro. Como máquina será, com certeza, desenhado com vistas ao máximo de segurança. Se os robôs estão aperfeiçoados a ponto de imitar os processos mentais do ser humano, a natureza desses processos será, é claro, orientada pelos engenheiros humanos, que lhes acrescentarão dispositivos de segurança. Esta talvez não seja perfeita (o que é perfeito?), mas será tão completa quanto humanamente possível.

Com isto em mente principiei, em 1940, a escrever histórias de robôs, mas com uma diferença: nunca, jamais, um dos meus robôs voltou-se estupidamente contra seu criador sem outra finalidade a não ser demonstrar, mais uma vez, o crime e o castigo de Fausto.

Tolice! Meus robôs eram máquinas desenhadas por engenheiros, não pseudo-homens criados por blasfemos. Meus robôs reagiam segundo as leis tradicionais que existiam em seu "cérebro", desde o momento da construção.

Devo admitir, porém, que de vez em quando, em minhas primeiras tentativas, considerei o robô como pouco mais do que uma figura cômica. Imaginei-o uma criatura completamente inócua, dedicada apenas ao trabalho a que era destinada. Incapaz de prejudicar o homem, era, porém, vítima de seres humanos que, sofrendo do "complexo de Frankenstein" (conforme o chamei em algumas de minhas histórias), insistiam em considerar as pobres máquinas criaturas mortalmente perigosas.

Um exemplo disso é *O Robô AL-76 se Extravia,* que foi publicada pela primeira vez em fevereiro de 1942, em *Amazing Stories.*

PRIMEIRA PARTE

OS NOVOS ROBÔS

1 - O ROBÔ AL-76 SE EXTRAVIA

Jonathan Quell franziu as sobrancelhas, preocupado, por trás dos óculos sem aro, ao transpor a porta marcada com gerente geral.

Depositando com força o papel dobrado sobre a escrivaninha, falou, incisivo:

— Veja isto, chefe!

Sam Tobe passou o charuto para o outro lado da boca e leu, esfregando o queixo precisado de barbear.

— Que inferno! Que é que eles querem dizer?

— Que expedimos cinco robôs AL — explicou Quell, desnecessariamente.

— Expedimos seis — replicou Tobe.

— Claro, seis! Mas receberam apenas cinco. Remeteram os números seriados e o AL-76 desapareceu.

Tobe fez cair a cadeira, ao erguer seu vigoroso corpo, e transpôs a porta como se deslizasse sobre rodinhas lubrificadas. Depois disso, cinco horas se passaram. A fábrica fora vasculhada desde as salas de montagem até as câmaras de vácuo. Cada um dos duzentos empregados havia passado por minucioso interrogatório, e Tobe, suando e descabelado, enviou uma mensagem de emergência à fábrica central, em Schenectady.

Ali houve uma súbita explosão de pânico. Pela primeira vez na história da U.S. Robôs e Homens Mecânicos S.A., um robô fugira para o exterior. O mais sério não era a lei proibindo a presença de robôs na Terra, fora da fábrica licenciada da corporação. As leis podiam ser contornadas. O que melhor definia a situação era a declaração feita por um dos matemáticos do departamento de pesquisas.

— Aquele robô foi criado para dirigir um Disinto sobre a Lua. Seu cérebro positrônico estava equipado para o ambiente lunar, *somente* para o ambiente lunar. Na Terra receberá setenta e cinco zilhões de impressões sensoriais para as quais jamais foi preparado. Impossível prever suas reações. Impossível! — E com as costas da mão

enxugou a testa coberta de suor.

Dentro de uma hora um estratoplano partiu para a fábrica de Virgínia. Levava instruções muito simples:

— Agarrem o robô! E depressa!

AL-76 estava confuso! Na verdade, confusão era a única impressão retida por seu delicado cérebro positrônico. Tudo começou quando ele se viu naquele estranho ambiente. De que modo havia acontecido ele ignorava. Tudo se confundia.

O solo era coberto de verde, e estacas marrons erguiam-se a sua volta, encimadas por outra camada de verde. O céu era azul quando devia ser negro. O sol estava correto — redondo, amarelo e quente —, mas onde o solo poroso, onde os imensos anéis das crateras?

Via-se apenas o verde aqui embaixo e o azul lá no alto. Todos os sons que o rodeavam eram estranhos. Passara por água corrente que lhe chegava à cintura. Era azul, fria e molhada. E quando cruzava com pessoas, o que ocorria de vez em quando, elas não usavam trajes espaciais, como deveriam. E ao vê-lo, gritavam e saíam correndo.

Um homem apontara-lhe uma arma. O projétil assobiara pela sua cabeça. Depois o homem saíra correndo também.

Não tinha a menor idéia do tempo que passara vagueando a esmo antes de encontrar a cabana de Randolph Payne, a dois quilômetros da cidadezinha de Hannaford, no meio da floresta. Randolph Payne, chave de parafusos numa das mãos e cachimbo na outra, aspirador de pó em conserto entre os joelhos, estava agachado diante da porta.

Payne cantarolava baixinho, pois era um camarada bem-humorado quando se encontrava na sua cabana. Possuía em Hannaford uma moradia mais respeitável, ocupada principalmente por sua mulher, fato que ele sincera mas silenciosamente lamentava. Talvez por isso houvesse aquela sensação de alívio e liberdade quando conseguia fugir para a sua “casa de cachorro de luxo”, onde podia fumar em paz, enquanto se dedicava ao seu *hobby,* consertar utensílios domésticos.

Não era grande coisa como *hobby,* mas às vezes alguém surgia com um rádio, ou um despertador, e o dinheiro que então tilintava em seus bolsos era o único que não passava pelas mãos avarentas de sua mulher.

Aquele aspirador de pó representava seis dólares ganhos sem esforço.

Pensando nisso começou a cantar, ergueu a vista e suou frio. A canção engasgou-se na sua garganta, os olhos arregalaram-se, a transpiração tornou-se mais intensa. Tentou levantar-se, como preparativo para correr desabaladamente, mas as pernas não cooperaram.

Foi então que AL-76 agachou-se ao seu lado e perguntou:

— Diga, por que todos os outros saíram correndo?

Payne sabia muito bem por que, mas o nó que se formara no seu diafragma não

permitiu resposta. Tentou afastar-se ligeiramente do robô. AL-76 prosseguiu, ressentido:

— Um deles até atirou em mim. Se acertasse dois centímetros abaixo teria arranhado o revestimento do meu ombro.

— D-devia estar 1-louco — gaguejou Payne.

— É possível. — O tom do robô tornou-se confidencial. — Ouça, que há de errado por aí?

Payne olhou rapidamente ao redor. Notara que o robô falava em tom extraordinariamente manso para alguém de aparência tão pesada e brutalmente metálica. Lembrou-se também de ter ouvido dizer que os robôs eram mentalmente incapazes de fazer mal ao ser humano e sentiu um certo alívio.

— Não há nada errado.

— Não? — replicou AL-76, fitando-o acusadora-mente. — *Você* está todo errado. Onde deixou seu traje espacial?

— Não tenho nenhum.

— Então, por que não está morto? Isto surpreendeu Payne.

— Bem… não sei.

— Está vendo! — replicou o robô, triunfante. — Tudo está errado. Onde se encontra o Monte Copérnico? Onde a Estação Lunar 17? E onde está o meu Disinto? Quero trabalhar. — Parecia perturbado e tinha a voz trêmula ao prosseguir: — Venho andando há horas, tentando conseguir que alguém me diga onde está o meu Disinto, mas todos fogem. Agora é provável que esteja atrasadíssimo, e o chefe vai ficar furioso. Que bela situação!

Aos poucos Payne foi conseguindo estabelecer ordem no caos da sua mente. Perguntou então:

— Como é mesmo o seu nome?

— Meu nome de série é AL-76.

— Al basta para mim. Se você está procurando a Estação Lunar 17, ela fica na Lua, sabia?

AL-76 meneou gravemente a cabeça.

— Claro. Mas estive à sua procura…

— Fica na Lua. E nós não estamos na Lua.

Foi a vez do robô mostrar-se confuso. Observou Payne especulativamente e depois indagou devagar:

— Que quer dizer com essa história? Aqui não é a Lua? Claro que é a Lua. Se não fosse, o que seria então? Responda essa pergunta.

Payne emitiu um estranho ruído e respirou fundo. Agitando um dedo na frente

do robô falou:

— Ouça! — Súbito, teve uma brilhante idéia e interrompeu-se com uma exclamação abafada.

AL-76 fitou-o com ar de reprovação.

— Isso não é resposta. Creio que tenho direito a uma resposta bem-educada quando faço uma pergunta bem-educada.

Payne não o ouvia. Ponderava consigo mesmo. Claro como o dia. Aquele robô fora construído para ir à Lua, mas por qualquer motivo encontrava-se perdido na Terra. Era natural que estivesse confuso, já que seu cérebro positrônico fora construído exclusivamente para o ambiente lunar, e o meio terrestre lhe era totalmente estranho.

Se pudesse conservar ali o robô, até entrar em contato com a fábrica de Petersboro… Robôs valiam dinheiro. O mais barato custava cinquenta mil dólares, haviam dito, e alguns chegavam a valer milhões. Imagine a recompensa!

"Oba, rapaz, *imagine só a recompensai"* E tudo para ele, até o último centavo. Nem um níquel furado para Mirandy. Não, que diabo!

Levantando-se, finalmente disse:

— Al, nós dois somos amigos! Amigões! Gosto de você como de um irmão. — E estendeu-lhe a mão: — Aperte!

O robô engoliu em seco, estendeu a pata de metal e apertou de leve a mão que lhe era oferecida. Não entendia muito bem.

— Isto significa que você me ensinará a chegar à Estação Lunar 17?

Payne ficou um tanto embaraçado.

— Não, não exatamente. Para falar a verdade, gosto tanto de você que quero que fique algum tempo aqui comigo.

— Ah, isso eu não posso. Preciso trabalhar. — E meneou a cabeça. — Gostaria de atrasar sua quota de trabalho hora após hora, minuto a minuto? Quero trabalhar. Preciso trabalhar.

Payne pensou consigo mesmo que gostos variam e respondeu:

— Está bem, vou lhe explicar uma coisa, porque estou vendo pela sua aparência que você é uma pessoa inteligente. Tenho ordens do seu chefe de seção para conservá-lo aqui por algum tempo, até que ele mande buscá-lo.

— Para quê? — indagou AL-76, desconfiado.

— Não posso dizer. Segredo de Estado. — Payne rezou intimamente para que o robô engolisse aquilo. Sabia que alguns eram inteligentes, mas aquele parecia um modelo antiquado.

E enquanto Payne rezava, AL-76 ponderava. Seu cérebro, ajustado para dirigir um Disinto na Lua, não dava o máximo rendimento quando entregue ao raciocínio

abstrato. Ainda assim, desde que se perdera, AL-76 descobrira que seus processos mentais mostravam-se cada vez mais estranhos. O meio ambiente exercia sobre ele alguma influência.

Sua pergunta seguinte foi quase astuta:

— Como se chama o meu chefe de setor?

Payne engoliu em seco e raciocinou rápido. Em tom magoado respondeu:

— Al, você me ofende com essa desconfiança. Não posso dizer o nome dele. As árvores têm ouvidos.

AL-76 examinou muito sério a árvore mais próxima e respondeu:

— Não têm.

— Eu sei. Quero dizer é que há espiões em toda parte.

— Espiões?

— Sim. Gente má, que quer destruir a Estação Lunar 17.

— Por quê?

— Porque são más. Querem destruir você também, e é por isso que precisa ficar aqui algum tempo, senão eles o encontrarão.

— Mas… mas preciso de um Disinto. Não posso me atrasar.

— Você terá o seu Disinto. Terá mesmo — prometeu Payne muito sério, amaldiçoando o cérebro unilateral do robô. — Mandarão um amanhã. Sim, amanhã.

Isso lhe daria muito tempo para entrar em contato com a fábrica e receber lindas pilhas de notas de cem dólares.

Mas AL-76 tornou-se progressivamente obstinado à medida que a pressão daquele ambiente estranho agia sobre seu mecanismo pensante.

— Não, preciso de um Disinto agora. — Movimentando rigidamente as articulações, levantou-se. — Melhor continuar a procurá-lo.

Adiantando-se, Payne agarrou um ombro frio e gritou:

— Espere! Você precisa ficar aqui…

Algo emitiu um sinal na mente do robô. Todas as coisas estranhas que o rodeavam reuniram-se numa bolha, explodiram, deixando o cérebro a funcionar com um estranho aceleramento de eficiência. Voltando-se para Payne, disse:

— Sabe de uma coisa? Construirei um Disinto aqui mesmo. Depois poderei trabalhar.

Payne parecia duvidoso.

— Não creio que consiga. — E perguntou a si mesmo se valeria a pena fingir o contrário.

— Não se preocupe. — AL-76 percebeu que os canais positrônicos do seu cérebro traçavam novos sinais e sentiu uma estranha exultação. — Vou construir um. — E olhando para a casa de cachorro, modelo de luxo, pertencente a Payne, acrescentou: — Você tem aqui todo o material necessário.

Randolph Payne relanceou para a confusão que enchia a cabana: rádios com as vísceras para fora, um refrigerador sem a parte de cima, motores enferrujados de automóvel, um fogão a gás imprestável, vários quilômetros de arame farpado e cerca de cinquenta toneladas do mais heterogêneo amontoado de ferro velho, diante do qual todo negociante de sucata torceria o nariz.

— Tenho mesmo? — murmurou.

Duas horas depois, duas coisas aconteceram quase simultaneamente. Primeira: Sam Tobe, da filial de Petersboro da U.S. Robôs e Homens Mecânicos S.A., recebeu uma chamada pelo videofone, de Randolph Payne, morador de Hannaford, com um recado relativo ao robô desaparecido. Tobe, com um rosnado profundo, interrompeu a ligação, ordenando que todos os outros chamados fossem encaminhados para o sexto vice-presidente encarregado dos controles.

Não se tratava de um verdadeiro absurdo. Na semana anterior, embora o Robô AL-76 tivesse desaparecido completamente, havia afluído para ali uma enxurrada de notícias sobre o seu paradeiro, vindas de todos os recantos do país. Pelo menos catorze por dia — em geral de catorze diferentes Estados.

Tobe estava cansado da história, sem mencionar que já andava meio louco por outros motivos. Falava-se até em inquérito governamental, embora todos os roboticistas, físicos e matemáticos de renome do mundo inteiro jurassem que o robô era inofensivo.

Naquele estado de espírito não era surpreendente que levasse três horas para ponderar de que modo aquele Randolph Payne soubera que o robô estava programado para a estação Lunar 17 e que seu número de série era AL-76. Estes detalhes não haviam sido divulgados pela companhia.

Ponderou durante um minuto e meio e depois entrou em ação.

Contudo, nas três horas que transcorreram entre a chamada e a ação, deu-se o segundo acontecimento. Randolph Payne, depois de interpretar corretamente a interrupção de sua chamada como descrença generalizada por parte do oficial que o ouvia na fábrica, regressou à sua cabana munido de uma objetiva.

Impossível discutir diante de uma foto e ele não seria idiota de mostrar-lhes o artigo genuíno antes de ver a cor do dinheiro.

AL-76 continuava ocupado com seu trabalho. Metade do conteúdo da cabana encontrava-se espalhado pelos dois acres de terreno, e no meio daquilo via-se o robô agachado, mexendo com válvulas de rádio, pedaços de ferro, fiação de cobre e outras complicações, sem prestar a mínima atenção a Payne que, deitado de bruços, procurava ângulos para uma bonita foto.

Foi então que Lemuel Oliver Cooper fez a curva da estrada e imobilizou-se

diante do espetáculo. A razão da sua presença ali era uma torradeira elétrica, que adquirira o irritante costume de atirar longe as fatias de pão, mesmo quando ainda não estavam torradas. O motivo da sua partida foi mais óbvio. Chegara em marcha tranquila, alegre, própria de manhã de verão. Partia com uma velocidade que levaria qualquer treinador de corridas a erguer as sobrancelhas e franzir os lábios com ar aprovador.

E não diminuiu a velocidade até entrar no gabinete do delegado, sem chapéu e sem torradeira, colidindo direto com a parede.

Mãos prestimosas levantaram-no. Tentou falar, mas durante meio minuto não conseguiu nem sequer se acalmar para respirar direito.

Deram-lhe uísque e o abanaram, e quando finalmente falou saiu-se com esta:

— Monstro… dois metros e meio de altura… cabana destruída… coitado do Ronnie Payne… etc.

Aos poucos foram sabendo da história: havia um imenso monstro metálico, de dois metros e meio de altura, talvez três ou quatro, na cabana de Ran-dolph Payne. O coitado do Payne estava caído de bruços, “um corpo sangrento, dilacerado”. O monstro ocupava-se em destruir a cabana por puro prazer de destruição. Voltara-se para Lemuel Ohver Cooper, que escapara por um triz.

O Delegado Saunders apertou o cinto na ampla cintura e disse:

— É aquela máquina que fugiu da fábrica de Petersboro. Recebi um aviso no sábado passado. Ei, Jake, reúna todos os homens de Hannaford capazes de atirar e coloque no peito deles um distintivo de delegado. Reúna-os aqui ao meio-dia. E ouça, Jake, antes disso, passe pela casa da viúva Payne e dê-lhe a má notícia com todo o cuidado.

Diz-se que Mirandy Payne, ao saber do ocorrido, fez uma pausa para certificar-se de que a apólice de seguro do marido se encontrava no cofre, emitiu algumas observações relativas ao fato dele não ter dobrado a quantia, e depois entregou-se a um prolongado choro de cortar o coração, como cabe a qualquer viúva que se preza.

Horas depois, Randolph Payne — ignorando sua horrível mutilação e morte — estudou os negativos das fotos. Estava satisfeito. As sequências de ângulos do robô trabalhando não deixavam pairar dúvidas. Poderiam intitular-se: “Robô Contemplando Pensativo um Aspirador de Pó”, “Robô Dividindo Fios”, “Robô Manejando Chaves-de-Parafusos”, “Robô Despedaçando Refrigerador com Grande Violência” etc.

Como só restava a tarefa simples de revelar as fotos, saiu da câmara escura improvisada, a fim de fumar um pouco e bater um papo com AL-76.

Ignorava completamente que a floresta ao redor pululava de fazendeiros nervosos, carregando as mais variadas espécies de objetos contundentes, assim como uma infinidade de armas, desde um arcabuz colonial, verdadeira relíquia, até uma metralhadora portátil, empunhada pelo delegado. Ignorava também que meia dúzia de roboticistas, sob a chefia de Sam Tobe, percorriam a estrada de Petersboro a mais de duzentos quilômetros por hora, com a finalidade exclusiva de ter o prazer e a honra de conhecê-lo.

Enquanto essas duas ocorrências caminhavam para um clímax, Randolph Payne suspirava, satisfeito consigo mesmo, riscava um fósforo nos fundilhos das calças, tirava uma fumaça do cachimbo e observava AL-76 com ar divertido.

Tornara-se óbvio que o robô estava mais do que lunático. Randolph Payne era bastante hábil com aparelhos domésticos, tendo construído vários que não podiam ser expostos à luz do dia sem ferir os olhos de quem os contemplava, mas nunca concebera algo parecido com a monstruosidade que AL-76 estava criando.

Faria os Rube Goldbergs da época morrerem de inveja. Faria Picasso (se vivesse ainda para contemplá-lo) desistir da arte, convicto de estar totalmente obsoleto. Azedaria o leite nas tetas de todas as vacas, numa circunferência de meio quilômetro.

Era de fato horripilante!

De uma base de ferro maciça e enferrujada, que se parecia vagamente com uma parte de trator de segunda mão, erguia-se um amontoado de entontecer: fios, rodas, tubos, horrores inomináveis sem conta, terminando num megafone de aparência decididamente sinistra.

Payne sentiu ímpetos de espreitar pelo megafone, mas conteve-se. Vira aparelhos mais sensatos que aquele explodirem violentamente.

— Ei, Al — chamou.

O robô levantou a cabeça. Estava deitado de braços, ajustando uma fina placa de metal.

— Que quer, Payne?

— Que é isto? — perguntou, no tom de quem se refere a algo sujo, em decomposição, mal seguro entre duas varas de três metros de comprimento.

— É um Disinto, para eu poder começar a trabalhar. Aperfeiçoei o modelo anterior. — Erguendo-se, tirou ruidosamente o pó de seus joelhos metálicos e sorriu, orgulhoso.

Payne estremeceu. Um "aperfeiçoamento"! Não era para admirar que escondessem o original nas cavernas da Lua. Pobre satélite! Pobre satélite morto! Sempre quisera saber o que seria sorte pior que a morte. Agora sabia.

— Funciona?

— Claro.

— Como sabe?

— Tem de funcionar. Fui eu que fiz, não fui? Só preciso de uma coisa agora. Tem uma lanterna de bolso?

— Creio que sim. — Payne entrou na cabana e voltou logo em seguida.

O robô desatarraxou a extremidade e pôs-se a trabalhar. Dentro de cinco minutos havia terminado. Recuando, disse:

— Tudo pronto. Agora vou entrar em ação. Pode olhar, se quiser.

Uma pausa, enquanto Payne tentava ponderar a magnitude do oferecimento.

— É seguro?

— Até uma criança seria capaz de manejá-lo.

— Ah — Payne teve um débil sorriso e colocou-se por trás da árvore mais volumosa das imediações. — Vamos, tenho a maior confiança em você.

AL-76 apontou para o espantoso amontoado de ferro velho e disse:

— Observe! — E pôs-se a trabalhar.

Os fazendeiros de Hannaford, Virgínia, em pé de guerra, aproximavam-se da cabana de Payne, apertando o cerco. Com o sangue de seus heróicos antepassados circulando rápido nas veias — e arrepios descendo a espinha — esgueiravam-se de árvore em árvore.

O Delegado Saunders ordenou:

— Atirem quando eu der o sinal. E apontem para os olhos.

Jacob Linker — Lank Jake para os amigos e assistente de delegado para si mesmo — aproximou-se.

— Acha que a máquina deu o fora? — Não conseguiu conter o tom esperançoso da voz.

— Não sei — resmungou o delegado. — Acho que não. Teríamos encontrado com ela na floresta, e não encontramos.

— Mas está tudo tão quieto. E parece que já estamos bem perto da cabana de Payne.

O lembrete era desnecessário. O Delegado Saunders tinha um bolo tão grande na garganta que precisou engoli-lo em três prestações.

— Recue — ordenou — e mantenha o dedo no gatilho.

Encontravam-se na orla da clareira. O delegado fechou os olhos e espreitou pelo cantinho de um deles, por trás de uma árvore. Não vendo coisa alguma, fez uma pausa, tentou novamente, olhos abertos, desta vez.

Os resultados, naturalmente, foram melhores.

Para ser exato, viu um imenso homem mecânico, de costas para ele, inclinado sobre um aparelho de arrepiar, de origem incerta e finalidade *idem.* O único detalhe que lhe escapou foi a trêmula figura de Randolph Payne agarrado à terceira árvore na direção nor-noroeste.

O delegado saiu para terreno descoberto e ergueu a metralhadora. O robô, voltando-lhe ainda amplas costas de metal, disse em voz baixa, para pessoa ou pessoas desconhecidas:

— Veja! — E quando o delegado abriu a boca para ordenar a fuzilaria geral, dedos metálicos comprimiram uma alavanca.

Impossível fazer uma descrição adequada do que ocorreu então, apesar da presença de setenta testemunhas oculares. Nos dias, meses e anos seguintes, nem um só dos setenta seria capaz de descrever os segundos subsequentes ao momento em que o delegado abriu a boca para dar a ordem de fogo. Quando interrogados empalideciam e afastavam-se oscilantes.

É óbvio, porém, graças a provas circunstanciais, que o que aconteceu foi mais ou menos o seguinte:

O Delegado Saunders abriu a boca, AL-76 puxou uma alavanca. O Disinto funcionou, e setenta e cinco árvores, dois celeiros, três vacas e os três quartos superiores do morro Duckbill desfizeram-se no ar.

Fundiram-se, por assim dizer, com as neves de antanho.

A boca do delegado permaneceu aberta por um espaço indefinido de tempo, mas nada — nem ordem de fogo, nem coisa alguma — dali saiu. E então…

Então ouviu-se uma agitação no ar, uma série de raios cor de púrpura cortou a atmosfera, tendo a cabana de Randolph Payne como centro. Dos componentes do grupo atacante, não sobrou vestígios.

Restaram diversas armas espalhadas pelo local, inclusive a metralhadora niquelada, de fogo extra-rápido, garantida contra enguiços, pertencente ao delegado. Viam-se também cerca de cinquenta chapéus, algumas pontas de charutos e artigos de indumentária variados, que se haviam desprendido na agitação. Mas ser humano não havia um só.

À exceção de Lank Jake, nenhum espécime humano surgiu por ali durante três dias, e a exceção só ocorreu porque sua fuga meteórica foi interrompida por meia dúzia de homens da fábrica de Petersboro, penetrando no bosque com igual velocidade.

Foi Sam Tobe quem o deteve, segurando habilmente a cabeça de Lank Jake, que colidira com o seu estômago. Quando recuperou o fôlego, Tobe perguntou:

— Onde é a cabana de Randolph Payne? Lank Jake permitiu que seus olhos o focalizassem por um instante e respondeu:

— Amigo, siga na direção oposta à minha.

E, com isso, miraculosamente desapareceu. Viu-se um ponto no horizonte, que se desviava das árvores e talvez fosse ele, mas Sam Tobe não seria capaz de jurar.

Isso foi o que aconteceu com o grupo. Mas resta saber o que ocorreu com Payne, cujas reações assumiram forma um tanto diferente.

Para Randolph Payne, o intervalo de cinco segundos subsequentes ao puxar da alavanca e ao desaparecimento do morro Duckbill foram um branco total. A princípio espreitara através das moitas espessas, por trás das árvores. Quando tudo terminou

encontrava-se pendurado nos mais altos galhos. O mesmo impulso que impelira o grupo horizontalmente impulsionara-o verticalmente.

Quanto ao modo como percorrera os quinze metros entre raízes e topo da árvore — se galgara, saltara ou voara — isso não sabia nem queria saber.

O que ele sabia é que a propriedade fora destruída por um robô temporariamente em seu poder. Desapareciam assim todas as visões de recompensas, substituídas por pesadelos de cidadãos hostis, multidões ululantes, processos, acusações de assassinato e recriminações de Mirandy Payne. Principalmente as recriminações de Mirandy Payne.

Rouco e furioso, gritou:

— Ei, robô, destrua essa coisa, ouviu? Destrua completamente! E esqueça de que eu tenho algo a ver com a história. Não o conheço, ouviu? Nunca mais fale no assunto. Esqueça, ouviu?

Não esperava que suas ordens surtissem efeito, eram apenas um reflexo. O que ignorava é que um robô obedece sempre a ordens humanas, a menos que envolva perigo para outro ser humano.

AL-76, portanto, pôs-se a demolir, tranquila e metodicamente, o seu Disinto, transformando-o num monte de sucata.

Quando estava amassando o último centímetro cúbico de metal, Sam Tobe chegou com o seu contingente, e Randolph Payne, percebendo que se tratava dos verdadeiros donos do robô, caiu de cabeça do alto da árvore e desapareceu em regiões desconhecidas.

Nem esperou pela recompensa.

Austin Wilde, engenheiro robótico, voltou-se para Sam Tobe e indagou:

— Conseguiu obter alguma coisa do robô?

Tobe meneou a cabeça, com um grunhido surdo.

— Nada. Nada absolutamente. Esqueceu tudo o que aconteceu depois que saiu da fábrica. Deve ter recebido ordens para esquecer, caso contrário não estaria tão em branco. Que pilha de ferro velho era aquela com que estava brincando?

— Exatamente isso: uma pilha de ferro velho. Mas deve ter sido um Disinto antes de ser destruído e eu gostaria de matar o camarada que lhe deu ordens para amassá-lo — usando tortura lenta, se possível. Veja isto!

Estava a meia encosta do que fora o morro Duckbill — no ponto exato em que fora cortada, e Wilde colocou a mão sobre a superfície perfeitamente reta que talhara solo e rocha.

— Que Disinto! Arrancou a montanha pela base.

— Por que o terá construído?

Wilde deu de ombros.

— Não sei. Algum fator ambiental. Impossível saber o que reagiu sobre seu cérebro positrônico programado para a Lua, levando-o a fabricar um Disinto com um monte de ferros velhos. Há um bilhão de chances contra uma de descobrir esse fator, agora que o próprio robô o esqueceu. Nunca possuiremos aquele Disinto.

— Não importa. O principal é que temos o robô.

— Ao diabo com ele! — Havia um pungente lamento na voz de Wilde. — Tem alguma idéia do que são os Disintos na Lua? Consomem energia como porcos eletrônicos e só funcionam quando se obtém um potencial de milhão de volts. Mas este Disinto funcionava diferente. Examinei os destroços com microscópio. Gostaria de ver a única fonte de energia que encontrei?

— Que é isso?

— Apenas isso! E jamais saberemos como as utilizou.

E Austin Wilde exibiu a fonte de energia que possibilitara a um Disinto cortar uma montanha em meio segundo: *duas baterias de lanterna portátil!*

O outro exemplo é menos cômico, porém nele os robôs não são ainda levados a sério. A história nasceu de outra — não de robôs — para a qual serviu de continuação.

No número de outubro de 1941, Astounding Science Fiction publicou um conto meu, intitulado Provisório, *no qual os colonos humanos de Ganimedes (o maior dos satélites de Júpiter) entraram em contato pelo rádio com formas de vida no planeta. Essas formas se revelaram loucamente hostis e os terrestres começaram a temer por sua segurança, caso os habitantes de Júpiter conseguissem realizar viagens espaciais.*

É claro que a gravidade do planeta é tão intensa e sua atmosfera tão densa que as espaçonaves de material comum não poderiam suportar aquele meio ambiente contra o vácuo do cosmos, nem erguer-se acima dele. Contudo, a tecnologia humana criou campos de força, e se os habitantes de Júpiter fizessem o mesmo, talvez conseguissem sair de seu planeta protegidos por paredes de energia pura, em lugar de paredes de matéria.

Era preciso investigar a questão, mas nenhum ser humano sobreviveria a uma viagem à superfície extraordinariamente hostil de Júpiter.

Contudo, se os seres humanos não estavam aptos, os robôs construídos por eles o conseguiriam. Com isto em mente escrevi Vitória Involuntária, *que foi publicado pela primeira vez no número de agosto de 1942 de Super Science Stories*.

2 - VITÓRIA INVOLUNTÁRIA

A espaçonave vazava como uma peneira.

Estava destinada a isso. Era exatamente o que se desejava.

É claro que durante a viagem de Ganimedes a Júpiter ficou transbordante do mais sólido vácuo espacial. E já que não dispunha também de aquecimento, o vácuo manteve-se à sua temperatura normal, que é uma fração de grau acima do zero absoluto.

Isto estava também de acordo com os planos. Pequeninas coisas como a ausência de ar e calor não afetavam a ninguém naquela espaçonave.

Os primeiros resquícios da atmosfera de Júpiter começaram a penetrar na nave vários milhares de milhas acima da superfície do planeta. Constituía-se quase toda de hidrogênio, embora talvez uma cuidadosa análise revelasse também sinais de hélio. Os indicadores de pressão começaram a subir lentamente.

Esta subida acelerou-se à medida que a nave caía na órbita de Júpiter. Os mostradores, cada qual destinado a indicar pressões mais elevadas, moveram-se até alcançar as imediações de um milhão de atmosferas, onde os números perderam significado. A temperatura, registrada em pares termoelétricos, ergueu-se lenta e vacilante, firmando-se afinal em cerca de setenta graus centígrados abaixo de zero.

A nave movia-se lentamente em direção ao destino, abrindo caminho, pesada, pelo emaranhado de moléculas de gás tão unidas que o próprio hidrogênio era reduzido à densidade de um líquido. Vapor amoníaco, emanando dos vastíssimos oceanos daquele líquido, saturava a horrível atmosfera. O vento, que começara a soprar mil milhas acima, atingira um ponto que mal poderia ser classificado de furacão.

Era evidente, muito antes que a nave pousasse numa ilha bastante extensa do planeta, umas sete vezes o tamanho da Ásia, que Júpiter não era um mundo agradável.

Contudo, os três membros da tripulação acharam que sim. Estavam convictos disso. Mas acontece que não eram exatamente humanos. Nem exatamente habitantes de Júpiter.

Eram simplesmente robôs fabricados na Terra para a viagem a Júpiter.

ZZ Três falou:

— Parece um local desolado.

ZZ Dois, reunindo-se a ele, contemplou muito sério a paisagem varrida pelo vento e disse:

— Há estruturas a distância que parecem artificiais. Sugiro esperarmos que os habitantes nos procurem.

Do outro lado da cabina, ZZ Um ouviu, mas nada disse. Dos três fora o primeiro a ser construído, e era meio experimental. Falava menos, portanto, que seus dois companheiros.

A espera não foi longa. Uma nave aérea de estranho contorno sobrevoou a espaçonave terrestre, seguida de outras. Depois uma fila de veículos terrestres aproximou-se, tomou posição e despejou organismos. Com estes vinham diversos acessórios inanimados, que poderiam ser armas. Algumas eram sustentadas por um só jupiteriano, outras por diversos, e outras ainda moviam-se por si mesmas, contendo talvez tripulantes.

Isso os robôs ignoravam.

ZZ Três falou:

— Eles nos rodearam. O gesto de paz mais lógico seria sair da nave. Concordam?

Concordaram, e ZZ Um abriu a pesada porta, que não era dupla, nem particularmente vedada.

O aparecimento dos três foi sinal de agitação entre os jupiterianos. Movimentaram-se vários dos maiores acessórios inanimados, e ZZ Três sentiu que a temperatura subia no revestimento externo de seu corpo de berilo-irídio-bronze. Relanceando para ZZ Dois perguntou:

— Está sentindo? Creio que estão projetando energia de calor contra nós.

ZZ Dois manifestou surpresa.

— Por quê?

— Trata-se definitivamente de um raio calórico Veja!

Um dos raios desviou-se do alvo, por qualquer motivo incompreensível, e sua linha de radiação atravessou um riacho faiscante de amônia pura, que de imediato começou a ferver.

Três voltou-se para ZZ Um:

— Tome nota disso, ouviu?

— Claro. — A ele cabia o trabalho rotineiro de secretaria, e seu método de tomar notas era fazer uma adição mental ao apurado rolo da memória que existia no seu interior. Já fizera o registro horário de cada instrumento importante de bordo, durante a viagem para Júpiter. E acrescentou tranquilamente: — Que razão atribuirei à reação? Os mestres humanos gostariam com certeza de saber.

— Nenhuma razão. Ou melhor — corrigindo-se —, nenhuma razão aparente. Registre que a temperatura máxima do raio era cerca de trinta graus centígrados.

Dois interrompeu-o:

— Tentamos nos comunicar?

— Seria perda de tempo — replicou Três. — Não pode haver mais que uns poucos jupiterianos a pai do código de rádio usado entre Júpiter e Ganimedes. Terão de chamar um deles, e quando chegar estabelecerá contato. Entretanto vamos observá-los. Não compreendo sua maneira de agir, digo francamente.

E a compreensão não chegou de imediato. A radiação catódica cessou, e outros instrumentos foram trazidos para a linha de frente e exibidos. Diversas cápsulas caíram aos pés dos robôs em observação, tombando rápida e pesadamente por causa da gravidade de Júpiter. Abrindo-se, derramaram um líquido azul, que formava poças e em seguida diminuía rapidamente, evaporando-se.

O terrível furacão dispersava os vapores, e os jupiterianos afastavam-se do seu caminho. Um deles, demasiado lento, contorceu-se com violência e em seguida ficou imóvel.

ZZ Dois inclinou-se, mergulhou um dedo na poça e observou o líquido gotejar.

— É oxigênio — concluiu.

— É oxigênio, sim — concordou Três. — Isto me parece cada vez mais estranho. Deve ser um sistema perigoso, pois diria que é venenoso para estas criaturas. Uma delas morreu!

Houve uma pausa e em seguida ZZ Um, cuja menor complexidade levava a uma Unha de reflexão mais direta, ponderou:

— É possível que estas estranhas criaturas estejam fazendo tentativas infantis de nos destruírem.

Dois, ao impacto da sugestão, respondeu:

— Creio que tem razão, Um!

Houve uma ligeira trégua nas atividades jupiterianas e então surgiu uma nova estrutura. Ostentava uma fina haste apontando para o céu encoberto pela impenetrável escuridão jupiteriana. Mantinha-se sob o impacto daquele vento incrível numa imobilidade que indicava excepcional vigor estrutural. Da extremidade partiu um estalido, seguido de um raio que iluminou até as profundezas da atmosfera mergulhada num *fog* cinzento.

Por um instante os robôs ficaram banhados numa pegajosa radiação. Pensativo, Três falou:

— Eletricidade em alta tensão! Uma força bastante respeitável. Um, creio que tem razão. Afinal, nossos chefes humanos disseram que estas criaturas procuram destruir toda a humanidade, e organismos que possuam tão louca malignidade, a ponto de abrigar pensamentos nocivos a um ser humano — sua voz estremeceu à idéia —, não teriam escrúpulos em destruir-nos.

— È uma vergonha possuir mente tão pervertida — disse ZZ Um. — Pobres sujeitos!

— É uma idéia muito triste — admitiu Dois. — Voltemos à nave. Já vimos o bastante por agora.

Foi o que fizeram, decididos a aguardar. Conforme observara ZZ Três, Júpiter era um grande planeta e poderia levar tempo até que um transporte jupiteriano trouxesse um especialista em códigos à nave. Contudo, paciência é o que não falta aos robôs.

Para ser exato, Júpiter rodou três vezes em torno do seu eixo, segundo o cronômetro, antes que o especialista chegasse. O nascer e pôr do sol não alteravam de maneira alguma a profunda escuridão nas profundezas daquelas três mil milhas de denso gás-líquido, de modo que não se podia falar em dia e noite. Mas nem robôs nem jupiterianos enxergavam por meio de radiação visível, de modo que isso não tinha

importância.

Naquele intervalo de trinta horas, os nativos persistiram no ataque com uma paciência e constância diante da qual o robô ZZ Um resolveu tomar inúmeras notas mentais. A nave foi atacada por uma força diferente de hora em hora e os robôs observaram atentamente cada uma delas, analisando as armas que reconheciam. Mas isso não acontecia com todas.

Os humanos, porém, haviam construído solidamente. A nave levara quinze anos para ser estruturada, assim como os robôs e suas partes essenciais, e o conjunto podia ser definido em duas palavras: força bruta. O ataque desgastava-se inutilmente, sem afetar a espaçonave ou os robôs.

— Creio que a atmosfera os prejudica — falou Três. — Não podem usar energia atômica, pois abririam um buraco naquela espessa camada e explodiriam.

— Não usaram também explosivos violentos, o que é ótimo — observou Dois. — Não nos afetariam, naturalmente, mas seríamos um tanto sacudidos.

— Explosivos violentos estão fora de cogitação. Não se pode ter um explosivo sem expansão de gases, e isto é impossível nesta atmosfera.

— É uma ótima atmosfera — murmurou Um. — Eu gosto dela.

O que era natural, uma vez que fora para ela construído. Os robôs ZZ eram os primeiros fabricados pela U.S. Robôs e Homens Mecânicos S.A. sem a mais leve aparência humana. Eram baixos e atarracados, com o centro de gravidade a menos de trinta centímetros do solo. Tinham seis pernas, curtas e vigorosas, desenhadas para erguer toneladas em gravidade duas vezes e meia maior que a normal da Terra. Seus reflexos tinham rapidez proporcional, para compensar a gravidade, e compunham-se de uma liga de berilo-irídio-bronze resistente a qualquer agente corrosivo conhecido e a qualquer agente destruidor — à exceção de um disruptor atômico de mil megatons — sob quaisquer condições.

Em outras palavras, eram indestrutíveis e tão vigorosos que passaram a ser os únicos a quem os roboticistas da corporação jamais tiveram a coragem de impor um apelido. Um brilhante técnico havia sugerido Sissy Um, Dois e Três, mas em voz baixa, e a sugestão não encontrara eco.

As últimas horas de espera foram passadas em discussão. Procuravam descrever a aparência dos jupiterianos. ZZ Um anotara que possuíam tentáculos e simetria radial, e nisso haviam ficado. Dois e Três fizeram tentativas, mas não conseguiram ajudá-lo.

— Não é possível descrever muito bem coisa alguma sem um padrão de referência — declarou Três, finalmente. — Estas criaturas não parecem com coisa alguma que eu conheça. Estão inteiramente por fora das trilhas do meu cérebro positrônico. É como tentar descrever um raio gama a um robô não equipado para a recepção de raios gama.

Naquele exato momento, a barragem atacante novamente cessou e os robôs voltaram a atenção para o exterior da nave.

Um grupo de jupiterianos adiantava-se de modo estranhamente desigual, mas nem a mais minuciosa observação poderia determinar seu método exato de locomoção. De que modo usavam os tentáculos era difícil saber. Às vezes deslizavam de maneira surpreendente, depois moviam-se a grande velocidade, talvez com a ajuda do vento, pois adiantavam-se nesse sentido.

Os robôs saíram ao encontro dos jupiterianos, que se detiveram a uns três metros de distância. Ambas as facções permaneceram silenciosas e imóveis.

ZZ Dois falou:

— Devem estar nos observando, mas não sei como. Algum de vocês nota órgãos fotossensíveis?

— Não sei — resmungou Três. — Eles não fazem sentido absolutamente.

Ouviu-se de repente um clique metálico entre o grupo jupiteriano e ZZ Um falou, encantado:

— É o código de rádio. Trouxeram o especialista em comunicações.

Era e tinham trazido mesmo. O complicado sistema de ponto-traço, elaborado penosamente durante vinte e cinco anos pelos jupiterianos e os terrestres de Ganimedes, transformara-se num meio bastante flexível de comunicação e estava afinal sendo posto em ação a curta distância.

Um jupiteriano permaneceu mais à frente, enquanto os outros recuavam. Era ele quem estava falando. Os sinais diziam:

— De onde vêm?

ZZ Três, o de mentalidade mais adiantada, assumiu naturalmente a liderança do grupo.

— Somos do satélite de Júpiter, Ganimedes. O jupiteriano continuou:

— Que querem?

— Informação. Viemos estudar o seu mundo e trazer as nossas descobertas. Se pudéssemos obter a sua cooperação…

Os sinais do jupiteriano interromperam-no:

— Vocês precisam ser destruídos!

ZZ Três fez uma pausa e num aparte aos companheiros disse, pensativo:

— Exatamente a atitude que nossos mestres terrenos previram. São muito estranhos.

Voltando aos sinais perguntou simplesmente:

— Por quê?

O jupiteriano considerava, evidentemente, certas perguntas demasiado tolas para merecerem resposta. Disse apenas:

— Se partirem dentro de um só período de evolução nós os pouparemos, até o dia em que sairmos do nosso mundo para destruir os vermes não-jupiterianos de Ganimedes.

— Gostaria de observar que nós, de Ganimedes e dos planetas interiores…

O jupiteriano interrompeu-o:

— Nossa astronomia conhece o Sol e nossos quatro satélites. Não existem planetas interiores.

Três não insistiu, recomeçando:

— Nós, de Ganimedes, não temos intenções belicosas com relação a Júpiter. Estamos dispostos a oferecer a nossa amizade. Durante vinte e cinco anos seu povo comunicou-se livremente com os seres humanos de Ganimedes. Haverá razão para uma guerra súbita com os humanos?

— Durante vinte e cinco anos supomos que os habitantes de Ganimedes eram jupiterianos — foi a resposta glacial. — Quando descobrimos que não e que vínhamos tratando com animais inferiores ao nosso nível de inteligência, fomos obrigados a tomar medidas para resgatar nossa honra.

E terminou, com lentidão e energia:

— Nós, de Júpiter, não suportaremos a existência de vermes!

O jupiteriano recuou, de certo modo, fazendo um esforço contra o vento, e a entrevista evidentemente ficou encerrada.

Os robôs recolheram-se à nave.

— As coisas estão más, não é? — disse ZZ Dois, que prosseguiu, pensativo: — Foi como disseram os mestres humanos. Eles possuem um complexo de superioridade extraordinariamente desenvolvido, combinado a uma extrema intolerância a qualquer pessoa ou coisa que perturbe esse complexo.

— A intolerância é consequência natural do complexo — observou Três. — O problema é que a intolerância deles é agressiva. Têm armas — e sua ciência é bastante avançada.

— Não surpreende que tenhamos sido especificamente instruídos para não atender às ordens jupiterianas — exclamou ZZ Um. — São seres horríveis, intoleráveis, pseudo-superiores! — E acrescentou enfaticamente, com lealdade e fé robóticas: — Mestre humano algum seria assim!

— Isso, embora verdadeiro, não tem relevância — falou Três. — O que importa é que os mestres humanos estão em terrível perigo. Este mundo é gigantesco e os jupiterianos são cem vezes maiores em número e recursos, talvez mais, do que todos os homens do Império Terrestre. Se forem capazes de fabricar um campo de força e usá-lo no casco de uma espaçonave — como os nossos mestres humanos já fizeram — dominarão à vontade todo o sistema. A questão é saber até que ponto avançaram nesse sentido, quais as

outras armas que possuem, que preparativos estão fazendo etc. Regressar com esse informe é a nossa função, naturalmente, de modo que é melhor decidirmos qual será nosso próximo passo.

— Isto talvez seja difícil — replicou Dois. — Os jupiterianos não nos ajudarão. — O que, tendo-se em vista as circunstâncias, era dizer muito pouco.

— Parece-me que só temos que esperar. Tentaram destruir-nos durante trinta horas e não conseguiram. Fizeram o possível, com certeza. Um complexo de superioridade envolve sempre a eterna necessidade de salvar as aparências, e o ultimato que nos dirigiram o prova neste caso. Jamais nos permitiriam partir se pudessem destruir-nos. Mas se não partimos fingirão, com certeza, que estão dispostos, por motivos que só eles conhecem, a nos permitir ficar.

E mais uma vez esperaram. Passou-se o dia. A barragem bélica não voltou a funcionar. Os robôs não se retiraram. A ameaça revelara-se inútil. De novo os robôs se defrontaram com o especialista em código de rádio.

Se os modelos ZZ houvessem sido equipados com senso de humor estariam se divertindo imensamente.

Como isso não acontecera, sentiam apenas uma solene satisfação.

O jupiteriano falou:

— Decidimos permitir que permaneçam por um curto período, a fim de verificar pessoalmente o nosso poderio. Regressarão a Ganimedes para informar aos outros vermes seus semelhantes de seu desastroso fim, dentro de uma revolução solar.

ZZ Um anotou mentalmente que uma revolução jupiteriana durava doze anos terrestres. Três respondeu tranquilamente:

— Obrigado. Podemos acompanhá-los à cidade mais próxima? Há muita coisa que gostaríamos de aprender. — E acrescentou: — Nossa nave não será tocada, naturalmente.

Disse isso em tom de pedido, e não de ameaça, pois nenhum modelo ZZ era belicoso. Toda capacidade mesmo para a mais leve irritação fora cuidadosamente banida de sua construção. Com robôs tremendamente potentes, como os ZZ, um bom humor inalterável era essencial para a segurança nos amos de teste na Terra.

— Não estamos interessados em sua mísera nave — replicou o jupiteriano. — Nenhum de nós se contaminará aproximando-se dela. Podem acompanhar-nos, mas não devem de modo algum chegar a menos de três metros de qualquer jupiteriano. Serão instantaneamente destruídos.

— Convencidos, hem? — observou Dois, num sussurro bem-humorado, enquanto lutavam contra o vento.

A cidade era um porto às margens de um incrível lago de amônia. O vento soprava furioso e ondas espumantes saltavam na superfície líquida em louca velocidade, sublinhada pela gravidade. O porto não era vasto nem imponente e parecia bastante óbvio

que a maior parte das construções era subterrânea.

— Qual a população deste local? — perguntou Três.

— É uma pequena cidade de dez milhões de habitantes — replicou o jupiteriano.

— Compreendo. Anote isso, Um.

ZZ Um anotou mecanicamente e voltou-se de novo para o lago, que estivera contemplando, fascinado. Tocando o ombro de Três, perguntou:

— Acha que existem peixes aí?

— Que importa?

— Acho que devemos saber. Os mestres humanos ordenaram que descobríssemos o máximo possível. — Sendo o mais simples dos robôs, aceitava as ordens de maneira mais literal.

Dois interveio:

— Um pode investigar, se quiser. Não há mal em que o garoto se divirta um pouco.

— Está bem. Não há objeção, se não perder tempo. Não viemos procurar peixes, mas… pode ir, Um.

ZZ Um partiu muito animado, descendo rapidamente à praia e mergulhando com espalhafato na amônia. Os jupiterianos observaram-no atentamente. Não haviam compreendido nada da conversa anterior, é claro.

O especialista em código transmitiu:

— É evidente que seu companheiro resolveu abandonar a vida, desesperado com a nossa grandeza.

Três replicou, surpreendido:

— Nada disso. Quer investigar os organismos vivos, se é que existem, na amônia. — E acrescentou como quem pede desculpas: — Nosso amigo é às vezes muito curioso e menos inteligente do que nós, o que é uma pena. Compreendemos isso e procuramos fazer-lhe a vontade sempre que possível.

Houve uma prolongada pausa e o jupiteriano observou:

— Ele se afogará.

Três respondeu tranquilamente:

— Não há perigo. Nós não nos afogamos. Podemos entrar na cidade assim que ele voltar?

Naquele momento produziu-se no lago um jato de líquido de várias centenas de metros de altura. Projetando-se loucamente para cima, caiu transformado em vapor, que foi soprado pelo vento. Outro jato, mais outro. Depois uma espuma branca formou-se, deixando uma esteira até a margem e desaparecendo gradualmente.

Os dois robôs observaram surpreendidos o fenômeno e a absoluta imobilidade dos jupiterianos indicava que também eles observavam.

Então a cabeça do ZZ Um emergiu e aproximou-se lentamente da margem. Mas algo o seguia! Um ser de dimensões gigantescas, que parecia ser todo constituído de presas, garras e espinhas. Viram então que não o acompanhava por livre e espontânea vontade, mas estava sendo arrastado para a praia. Seu corpo apresentava uma significativa imobilidade.

Aproximando-se timidamente, ZZ Um apossou-se da comunicação, transmitindo uma agitada mensagem ao jupiteriano:

— Lamento muito o que aconteceu, mas esta coisa atacou-me. Eu estava apenas tomando notas. Espero que não seja uma criatura de muito valor.

A resposta não veio de imediato, pois quando o monstro apareceu houve uma louca correria nas fileiras jupiterianas. Quando estas se reconstituíram lentamente e uma cautelosa observação provou que a criatura estava de fato morta, a ordem restabeleceu-se. Alguns mais ousados tocavam o corpo, curiosos.

ZZ Três disse humildemente:

— Espero que perdoe nosso amigo. Às vezes ele se mostra desajeitado. Não temos nenhuma intenção absolutamente de fazer mal a qualquer criatura de Júpiter.

— Ele me atacou — explicou Um. — Mordeu-me sem provocação. Veja! — e exibiu uma presa de sessenta centímetros de comprimento, terminando numa ponta serrilhada. — Quebrou-a no meu ombro e quase deixou um arranhão. Só lhe dei um safanão para afastá-lo… e ele morreu. Sinto muito!

O jupiteriano falou finalmente, e o código parecia um gaguejo.

— É uma criatura selvagem, raramente encontrada tão junto à margem, mas o lago é profundo aqui.

Ansioso, Três falou:

— Se puderem utilizá-lo para alimentação teremos o maior prazer…

— Não. Podemos conseguir comida sem a ajuda de verm… sem a ajuda de outrem. Comam-no vocês mesmos.

ZZ Um ergueu então o ser e atirou-o ao mar com leve movimento de braço. Três falou calmamente:

— Obrigado por sua bondosa oferta, mas não precisamos de alimento. Não comemos, naturalmente.

Escoltados por cerca de duzentos jupiterianos armados, os robôs passaram por uma série de rampas, penetrando na cidade subterrânea. Se na superfície ela parecia pequena e sem importância, sob a terra assumia a aparência de uma vasta megalópole.

Os robôs foram conduzidos a carros acionados por controle remoto — pois

nenhum jupiteriano que se respeitasse arriscaria sua superioridade colocando-se no mesmo veículo que os vermes — e transportados a tremenda velocidade para o centro da cidade. Viram o bastante para calcular que ela teria uns cinquenta quilômetros de extensão e mergulhava pelo menos uns oito quilômetros na crosta de Júpiter.

ZZ Dois não parecia muito feliz ao dizer:

— Se isto é uma amostra do progresso jupiteriano, nosso relatório aos mestres humanos não será muito auspicioso. Afinal, pousamos a esmo na superfície do planeta, com uma chance contra mil de nos encontrarmos nas imediações de uma zona populosa. Segundo o especialista, isto é uma cidadezinha.

— Dez milhões de jupiterianos — disse Três, distraído. — O total da população deve orçar pelos trilhões, o que é bastante, mesmo para Júpiter. Devem ter uma civilização completamente urbana, o que significa que seu desenvolvimento científico será tremendo. Se tiverem campos de força…

Três não possuía pescoço, pois, no interesse do vigor das cabeças, os modelos ZZ giravam firmemente o torso, com os delicados cérebros positrônicos protegidos por três diferentes camadas de liga de irídio, com dois centímetros e meio de espessura. Mas se tivesse a teria meneado tristemente.

Haviam parado num espaço livre. Ao redor viam-se avenidas e estruturas fervilhantes de jupiterianos, tão curiosos como qualquer terrestre em circunstâncias similares.

O especialista em código aproximou-se.

— Chegou a hora de retirar-me até o próximo período de atividade. Chegamos ao cúmulo de providenciar alojamento para vocês, com grande incômodo para nós, pois a estrutura precisará ser destruída e reconstruída mais tarde. Contudo, poderão dormir por algum tempo.

ZZ Três agitou um braço num gesto deprecatório e transmitiu:

— Agradecemos, mas não precisam se incomodar. Não pretendemos ficar aqui. Se quiserem dormir e descansar, não façam cerimônia. Esperaremos por vocês. — E acrescentou tranquilamente: — Nós não dormimos.

O jupiteriano não respondeu, embora, caso tivesse rosto, fosse interessante observar-lhe a expressão. Retirou-se e os robôs permaneceram no carro, com uma escolta de jupiterianos bem armados e substituídos com frequência.

Horas depois, as fileiras dos guardas abriram-se para deixar passar o especialista em código. Vinha acompanhado de outros jupiterianos, a quem apresentou.

— Trago dois oficiais do governo central, que graciosamente consentiram em falar-lhes.

Um dos oficiais evidentemente conhecia o código, pois seu clique interrompeu asperamente o do especialista. Dirigindo-se aos robôs falou:

— Vermes! Saiam do carro para que eu possa vê-los.

Os robôs obedeceram com a maior boa vontade. Enquanto Três e Dois saltavam por sobre a borda, ZZ Um atravessou a esquerda do veículo. A palavra atravessou foi usada corretamente, pois uma vez que não acionou o mecanismo para baixar a parede lateral, por onde se saía, carregou com aquele lado e mais duas rodas e um eixo. O carro desmoronou-se e ZZ Um contemplou as ruínas, num silêncio embaraçado.

Finalmente disse, em voz baixa:

— Lamento muito. Espero que o carro não seja muito valioso.

ZZ Dois acrescentou, pedindo desculpas:

— Nosso companheiro é meio desajeitado às vezes. Desculpem-no, por favor. — E fez uma leve tentativa para reconstituir o carro.

ZZ Um fez outro esforço para desculpar-se.

— O material do carro era pouco resistente, estão vendo? — E ergueu um pedaço de plástico duro como metal, de sete centímetros de espessura. Exercendo pressão com ambas as mãos, facilmente quebrou-o ao meio. — Eu devia ter tido mais cuidado — confessou.

O oficial do governo jupiteriano falou em tom um pouco menos áspero:

— O carro teria que ser mesmo destruído, depois de poluído por sua presença. — E, após um silêncio: - Criaturas! Nós, jupiterianos, não sentimos curiosidade com respeito aos animais inferiores, mas nossos cientistas procuram fatos.

— Concordamos plenamente — replicou Três, bem-humorado. — Pensamos da mesma maneira.

O jupiteriano ignorou-o.

— Vocês aparentemente não dispõem de órgão sensível à massa. Como percebem os objetos distantes?

Três pareceu interessado.

— Quer dizer que vocês são diretamente sensíveis à massa?

— Não estou aqui para responder às suas perguntas — suas impudentes perguntas — a nosso respeito.

— Suponho então que objetos de pequena massa específica seriam transparentes para você, mesmo na ausência de radiação. — E voltando-se para Dois:

— É assim que eles vêem. Sua atmosfera é tão transparente para eles como o espaço.

Os cliques do jupiteriano recomeçaram.

— Responda imediatamente à minha pergunta, senão perderei a paciência e mandarei destruí-lo.

Três respondeu logo:

— Somos sensíveis à energia, jupiteriano. Podemos ajustar-nos à vontade a toda escala eletromagnética. No momento, nossa visão a longa distância é devida à transmissão de ondas de rádio por nós mesmos emitidas, e de perto vemos por meio de… — calou-se, voltando-se para Dois: — Não existe nenhum código para o raio gama, existe?

— Não que eu saiba — respondeu Dois. Três prosseguiu, voltando-se para o jupiteriano:

— De perto vemos por meio de outra radiação, para a qual não temos código.

— De que se compõe seu corpo? — indagou o jupiteriano.

Dois murmurou:

— Ele está perguntando isso provavelmente porque sua sensibilidade à massa não pode penetrar a epiderme. Alta densidade, compreende? Devemos dizer a ele?

Três respondeu, hesitante:

— Nossos mestres humanos não recomendaram particularmente que guardássemos nenhum segredo. — Em código de rádio, disse ao jupiteriano: — Somos constituídos principalmente de irídio. E mais cobre, latão, um pouco de berilo e um punhado de outras substâncias.

Os jupiterianos recuaram e pelo obscuro contorcer de diversas porções de seus corpos indescritíveis davam a impressão de estar imersos em animada conversa, embora não emitissem som algum.

Finalmente o oficial regressou:

— Seres de Ganimedes! Ficou decidido que lhes mostraremos algumas de nossas fábricas, exibindo assim uma fração de nossas grandes realizações. Em seguida permitiremos que regressem, a fim de espalharem o desespero entre os outros verm… os outros seres do mundo exterior.

Três disse para Dois:

— Observe o efeito de sua psicologia. Têm necessidade de insistir em sua superioridade. É também uma questão de salvar as aparências. — E em código: — Agradecemos a oportunidade.

Mas a operação foi eficiente, conforme os robôs logo perceberam. A demonstração transformou-se numa excursão, a excursão numa “Grande Exibição”. Os jupiterianos exibiram tudo, explicaram tudo, responderam animadamente a todas as perguntas e ZZ Um tomou centenas de notas desesperadoras.

O potencial bélico daquela única cidade sem importância era várias vezes maior que o de Ganimedes inteiro. Dez cidades semelhantes produziriam mais do que todo o Império Terrestre. Dez outras não seriam sequer um pequeno fragmento de toda a força de que Júpiter dispunha.

Três sentiu uma forte cotovelada nas costas.

— O que foi? — perguntou, voltando-se. Muito sério, Um respondeu:

— Se tiverem campos de força, os mestres humanos estão perdidos, não estão?

— Temo que sim. Por que pergunta?

— Porque os jupiterianos não nos estão mostrando o lado direito desta fábrica. É possível que os campos de força sejam fabricados ali. Eles guardariam segredo. É melhor descobrirmos. Não há nada mais importante do que isso.

Três olhou sombrio para Um.

— Talvez tenha razão. Não adianta ignorar coisa alguma.

Encontravam-se numa imensa siderúrgica, observando lingotes de trezentos metros de uma liga de silicone-aço, resistente à amônia, sendo fabricados à razão de vinte por segundo. Três perguntou baixinho:

— Que contém aquela ala?

O oficial do governo indagou aos encarregados da fábrica, que explicaram:

— É o departamento de altos fornos. Vários processos exigem tremendas temperaturas, que a vida não pode suportar, e todos devem ser indiretamente controlados.

Conduzindo-os a uma divisão de onde o calor se irradiava, indicou uma área pequena e redonda de material transparente. Fazia parte de uma fileira de outras iguais, através das quais as luzes vermelhas de brilhantes forjas eram vistas na pesada atmosfera.

ZZ Um olhou desconfiado para o jupiteriano e transmitiu:

— Poderíamos entrar e dar uma espiada? Estou muito interessado nisto.

— Você está sendo infantil, Um — falou Três. — Estão dizendo a verdade. Ora, dê uma espiada se quiser, mas não demore. Precisamos seguir adiante.

O jupiteriano avisou:

— Não faz idéia do calor desprendido. Morrerá.

— Oh, não — replicou Um, tranquilo. — O calor não nos afeta.

Houve uma confabulação entre os jupiterianos e em seguida uma cena de confusão, enquanto a vida da fábrica era ativada para enfrentar aquela emergência. Telas de material isolante foram montadas e então abriu-se uma porta, que jamais fora aberta enquanto os fornos estavam em funcionamento, ZZ Um entrou e a porta fechou-se por trás dele. Os jupiterianos reuniram-se diante dos setores transparentes para observá-lo.

ZZ Um encaminhou-se para o forno mais próximo e deu pancadinhas no seu revestimento. Como era demasiado baixo para vê-lo confortavelmente, inclinou-o de modo que o metal líquido pingasse um pouco da borda. Observando-o, curioso, nele mergulhou a mão, agitando-a durante algum tempo para testar a consistência. Depois sacudiu as gotas de metal incandescente, enxugou o resto numa de suas seis coxas e

percorreu lentamente a fileira de fornos. Por sinais transmitiu então o desejo de sair.

Os jupiterianos recuaram respeitável distância quando ele transpôs a porta e fizeram funcionar um jato de amônia que assobiou e ferveu até atingir novamente uma temperatura suportável.

Ignorando o banho de amônia, ZZ Um falou:

— Disseram a verdade. Não há campos de força.

Três começou:

— Sabe… — mas Um interrompeu-o, impaciente:

— Não adianta demorarmos aqui. Os mestres humanos nos orientaram no sentido de descobrirmos tudo e já o fizemos.

Voltando-se para o jupiteriano transmitiu, sem a menor hesitação:

— Ouça, os jupiterianos já conseguiram elaborar campos de força?

Franqueza era, naturalmente, uma das naturais consequências dos poderes mentais menos desenvolvidos de ZZ Um. Dois e Três sabiam disso, de modo que se abstiveram de manifestar desaprovação diante da pergunta.

O oficial jupiteriano abandonou um tanto sua atitude rígida, que dava a impressão de estar olhando estupidamente para a mão de Um, aquela que o robô mergulhara no metal líquido, e disse lentamente:

— Campos de força? Então é este o principal objeto de sua curiosidade?

— Sim — respondeu Um, enfático.

O jupiteriano readquiriu, súbito, parte de sua segurança, pois os sinais tornaram-se mais enérgicos. E falou quase gritando:

— Venha comigo, verme! Três disse para Dois:

— Voltamos a ser vermes… parece que há más notícias pela frente.

Dois concordou, sombrio.

Foram conduzidos, então, para o extremo da cidade, ao setor que na Terra seria chamado subúrbio, onde percorreram uma série de estruturas, que corresponderiam vagamente a uma universidade terrestre.

Não houve explicações, e mesmo estas não foram solicitadas. O oficial jupiteriano caminhava rápido e os robôs o acompanhavam com a sombria convicção de que o pior estava a pique de acontecer.

Foi ZZ Um quem parou diante de uma abertura na parede, depois que todos os outros haviam passado.

— Que é isto? — quis saber.

A sala estava equipada com bancos estreitos e baixos, diante dos quais

jupiterianos manipulavam uma série de estranhos dispositivos, onde se destacavam fortes eletromagnetos com três centímetros de comprimento.

— Que é isto? — perguntou Um, novamente. O jupiteriano voltou-se, impaciente:

— É um laboratório de biologia para os estudantes. Não há nada aí que possa interessá-lo.

— Mas que estão fazendo?

— Estudando vida microscópica. Nunca viu um microscópio?

Três interveio, explicando:

— Claro que viu, mas não desse tipo. Nossos microscópios são destinados a órgãos sensíveis à energia e funcionam por refração de energia radiante. É evidente que estes funcionam baseados na expansão da massa. Bastante engenhoso.

— Poderia examinar um dos seus espécimes? — perguntou Um.

— Para quê? Não pode usar os nossos microscópios por causa de suas limitações sensoriais e, além disso, nos forçará a inutilizar todos os espécimes de que se aproximar sem uma razão válida.

— Mas não preciso de microscópio — explicou Um, surpreendido. — Posso ajustar-me facilmente à visão microscópica.

Dirigiu-se à mesa mais próxima, enquanto os estudantes agrupavam-se a um canto, para evitar contaminação. Afastando um microscópio, ZZ Um examinou cuidadosamente a lâmina. Recuando, intrigado, estudou outra… e mais outra… e mais outra.

Regressando, perguntou ao jupiteriano:

— Deviam estar vivos, não? Refiro-me àqueles vermezinhos.

— Certamente — replicou o jupiteriano.

— É estranho. Quando olho para eles, morrem! Três emitiu uma exclamação, voltando-se para os companheiros:

— Esquecemos nossa radiação de raios gama. Vamos sair daqui, Um, senão mataremos toda a vida microscópica desta sala.

E voltando-se para o jupiteriano:

— Nossa presença pode ser fatal a formas de vida menos resistentes. É melhor sairmos. Espero que os espécimes possam ser substituídos com facilidade. E já que falamos no assunto, seria conveniente afastarem-se de nós, pois nossa radiação pode ter efeitos desagradáveis. Até o momento sentiu-se bem? Espero.

O jupiteriano saiu da sala em orgulhoso silêncio, mas os robôs notaram que de então em diante duplicou a distância que vinham mantendo.

Ninguém disse mais nada até que os robôs se encontravam numa vasta sala, em cujo centro imensos lingotes de metal jaziam sem apoio no ar, ou antes, sem qualquer apoio visível — enfrentando a gravidade de Júpiter.

O oficial transmitiu:

— Este é um campo de força recentemente aperfeiçoado. Dentro daquela bolha há o vácuo, sustentando todo o peso da nossa atmosfera, mais a quantidade de metal equivalente a duas grandes espaçonaves. Que acham disso?

— Que as viagens espaciais tornaram-se uma possibilidade para vocês — replicou Três.

— Sem dúvida. Nenhum metal ou plástico tem força para sustentar nossa atmosfera contra o vácuo, mas um campo de força é capaz disso. E nossas espaçonaves serão bolhas de campos de força. Dentro de um ano estaremos produzindo centenas de milhares. Em seguida, elas atacarão Ganimedes para destruir as pseudo-inteligências que tentam disputar o nosso domínio universal.

— Os seres humanos de Ganimedes jamais tentaram… — começou Três, numa leve censura.

— Silêncio! — ordenou o jupiteriano. — Regressem agora e contem o que viram. Seus campos de força inferiores, como aquele com que está equipada a sua nave, não resistirão aos nossos, pois as menores naves daqui terão cem vezes o tamanho e a potência das terrestres.

— Então, nada mais temos a fazer e regressaremos com a informação — disse Três. — Se nos conduzirem à nave, nós nos despediremos logo. Por uma questão de registro, gostaria de esclarecer algo que não compreenderam. Os seres humanos de Ganimedes possuem campos de força, naturalmente, mas a nossa nave não é equipada com nenhum. Não precisamos disso.

O robô voltou-lhes as costas e fez sinal aos companheiros que o seguissem. Ficaram calados por algum tempo, depois ZZ Um murmurou, desanimado:

— Não podemos destruir a cidade?

— Não adianta — replicou Três. — Eles nos dominariam. É inútil. Dentro de uma década os mestres humanos serão liquidados. É impossível enfrentar Júpiter. São demasiado poderosos. Enquanto estiverem presos à superfície, os humanos estarão em segurança. Mas agora que já têm campos de força… Só nos resta levar a notícia. Construindo-se esconderijos, alguns sobreviverão por um curto período de tempo.

A cidade ficou para trás. Encontravam-se na planície descampada junto ao lago e a nave era apenas um pontinho escuro no horizonte quando o jupiteriano falou subitamente:

— Criaturas, estão dizendo que não dispõem de campo de força?

Três replicou, desinteressado:

— Não é preciso.

— Então, de que modo a nave resiste ao vácuo espacial sem explodir devido à pressão atmosférica interior? — E moveu um tentáculo, como se a um simples gesto indicasse que a atmosfera de Júpiter pesava sobre eles com a força de vinte milhões de quilos por centímetro quadrado.

— É muito simples — explicou Três. — Nossa nave não é vedada. As pressões se equiparam no interior e no exterior.

— Mesmo no espaço? Vácuo no interior da nave? É mentira!

— Pode examinar à vontade a espaçonave. Não possui campo de força e não é vedada. Mas não há nada de extraordinário nisto. Não respiramos. Obtemos energia diretamente da força atômica. A presença ou ausência de pressão pouco nos afeta e ficamos inteiramente à vontade no vácuo.

— Mas zero absoluto!

— Não tem importância. Regulamos o nosso próprio calor. Não nos interessam as temperaturas exteriores. — E, após uma pausa: — Podemos voltar sozinhos à nave. Adeus. Transmitiremos aos humanos de Ganimedes a sua mensagem — guerra total!

— Esperem! Voltarei — gritou o jupiteriano, dirigindo-se à cidade.

Os robôs fitaram-no espantados e aguardaram em silêncio.

Três horas depois ele regressou, ofegante de tanta pressa. Deteve-se a três metros dos robôs, como sempre, mas depois começou a avançar de estranha maneira, como se rastejasse. Só falou quando sua epiderme cinza e borrachenta quase os tocava. O código de rádio soou manso e respeitoso.

— Honrados senhores, comuniquei-me com o chefe do nosso governo central, que se encontra agora a par de todos os fatos, e asseguro-lhes que Júpiter só deseja a paz.

— Não compreendo — falou Três, atônito. O jupiteriano acrescentou logo:

— Estamos dispostos a voltar a comunicar-nos com Ganimedes, prometendo não nos aventurarmos no espaço. Nosso campo de força será utilizado somente na superfície de Júpiter.

— Mas…

— Nosso governo terá o maior prazer em receber quaisquer representantes de nossos veneráveis irmãos humanos que Ganimedes queira nos enviar. Se condescenderem agora em fazer um juramento de paz…

Um tentáculo escamoso adiantou-se para os robôs, e Três, espantado, apertou-o, imitado por Dois e Um.

Solene, o jupiteriano declarou:

— Reinará paz eterna entre Júpiter e Ganimedes.

A espaçonave, que vazava como uma peneira, encontrava-se novamente no

cosmos. A pressão e a temperatura haviam voltado a zero e os robôs observavam o imenso globo que diminuía à distância — Júpiter.

— Eles são decididamente sinceros — falou ZZ Dois — e a total mudança de atitude é muito agradável, mas não a compreendo.

— Creio que os jupiterianos caíram em si ao compreender tudo o que havia de mau na idéia de prejudicar um mestre humano. O que é muito natural.

ZZ Três suspirou, dizendo:

— Ouçam, é uma questão de psicologia. Aqueles jupiterianos têm um tremendo complexo de superioridade e ao verem que não nos podiam destruir quiseram salvar as aparências. Toda aquela exibição e explicações eram uma forma de se gabarem, destinada a nos humilhar diante de sua força e superioridade.

— Compreendo tudo isso, mas… — interpôs ZZ Dois.

Três prosseguiu:

— Mas funcionou às avessas. Só conseguiram provar que éramos mais fortes, que não nos afogávamos, que não nos alimentávamos, nem dormíamos e que metal incandescente não nos afeta. Nossa simples presença é fatal à vida em Júpiter. Sua última cartada era o campo de força. Ao descobrir que não precisávamos absolutamente dele, que podíamos viver no vácuo ao zero absoluto, capitularam. — Calou-se e depois acrescentou filosoficamente: — Quando um complexo de superioridade como aquele se desmorona, desmorona para valer.

Os outros dois ponderaram um instante e Dois falou:

— Mas continuo a não compreender. Que importa a eles o que podemos ou não fazer? Somos apenas robôs. Não somos nós que lutamos.

— Ê isso exatamente, Dois — falou Três. — Só pensei nisso depois que saímos de Júpiter. Sabe que esquecemos involuntariamente de dizer que somos apenas robôs?

— Eles não perguntaram — disse Um.

— Exato. Julgaram que somos seres humanos e que todos os habitantes da Terra são iguais a nós!

E voltou a contemplar Júpiter, pensativo:

— Não é para admirar que tenham desistido!

SEGUNDA PARTE

2 - AS LEIS DA ROBÓTICA

Nem o Robô AL-76, nem o ZZ-3 *representavam plenamente as minhas idéias. Para ser exato, eu iniciaria corretamente com* Robbie *a minha primeira história de robô, publicada no número de setembro de 1940 de* Super Science Stories *(sob o título escolhido pelos editores e para mim desagradável de* Estranho Companheiro de Brinquedo).

Robbie *girava em torno de um modelo primitivo de robô, incapaz de falar. Destinava-se às tarefas de babá e saía-se admiravelmente. Longe de ser uma ameaça aos seres humanos, desejando destruir seu criador, ou dominar o mundo, empenhava-se apenas em fazer aquilo para que fora destinado. (Um automóvel deseja voar? Uma lâmpada elétrica ambiciona escrever à máquina?)*

Mantive esta linha em oito histórias escritas na década de quarenta, todas publicadas em Astounding Science Fiction. *Eram elas:*

"Razão", *abril de 1941.*

"Mentiroso!", *maio de 1941.*

"Brincadeira de Pegar", *março de 1942.*

"Pegar o Coelho", *fevereiro de 1944.*

"Fuga!", *agosto de 1945.*

"Prova", *setembro de 1946.*

"Pobre Robô Perdido", *março de 1947.*

"O Conflito Evitável", *junho de 1950.*

Estas oito histórias e mais Robbie *foram reunidas numa coletânea intitulada* Eu, Robô, *publicada pela Gnome Presse em 1950. Após as habituais reedições e publicações em línguas estrangeiras, esgotou-se. Mas os empreendedores cavalheiros de Do-bleday & Company, conhecedores de uma Boa Oportunidade, decidiram lançar uma nova edição em 1963.*

Meus sensatos e não mefistofélicos robôs não eram verdadeiramente novos em folha. Houvera outros do mesmo tipo antes de 1940. De fato, encontramos alguns destinados a preencher uma finalidade razoável, sem complicações, nem perigos, na

Uíada. *No Livro* XVM *daquele épico, Thetis visita o ferreiro-deus Hefaisto, a fim de obter para o filho Aquiles uma armadura divinamente forjada. Hefaisto é coxo, anda com dificuldade. Há uma passagem que o descreve indo ao encontro de Thetis:*

"Então ele… claudicou, apoiado num forte cajado, com duas servas a ajudá-lo. Estas eram de ouro, mas pareciam jovens vivas. Tinham bom senso, sabiam falar e usar os músculos, tecer a fazer seu trabalho…"

Em suma: eram robôs.

Embora não sendo o primeiro no setor, com margem bastante ampla de 2500 anos, consegui criar para meus contos um background *consistente ganhando a fama de iniciador da "história de robôs contemporânea".*

Gradualmente, conto a conto, minhas noções sobre o assunto foram evoluindo. Meus robôs tinham cérebro de platina-irídio e os "circuitos cerebrais" eram marcados pela produção e destruição de positrons. (Não, não sei como isto se realiza.) Em consequência, foi como "robôs positrônicos" que minhas criaturas se tornaram conhecidas.

Para designar o cérebro positrônico dos meus robôs foi preciso criar um vasto e complexo ramo da tecnologia, ao qual dei o nome de Robótica. *Pareceu-me um vocábulo natural, tão natural como "física", ou "mecânica". Contudo, para minha surpresa, apesar de ser uma palavra, não se encontra nem na segunda nem na terceira edição do* Dicionário Webster Completo:

0 mais importante é o que denominei "As Três Leis da Robótica", destinadas a expressar em palavras o objetivo básico do cérebro de um robô, ao qual tudo o mais era subordinado.

Eram as leis:

1 - Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal.

2 - Um robô deve obedecer às ordens que lhe sejam dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens contrariem a Primeira Lei.

3 - Um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira e a Segunda Leis.

Parece que foram estes ditames da Robótica (pela primeira vez apresentados explicitamente em Brincadeira de Pegar) *que mais fizeram no sentido de modificar a natureza das histórias de robôs na ficção científica moderna. Ê raro encontrar-se um robô do velho tipo, que se volta contra seu criador, nas páginas das melhores revistas de ficção científica, simplesmente porque isso violaria a Primeira Lei. Vários escritores do gênero, mesmo sem mencionar as três leis, aceitam-nas com naturalidade e esperam que os leitores façam o mesmo.*

De fato, disseram-me que se alguém se lembrar futuramente de mim será por causa das Três Leis da Robótica. De certo modo isso me aborrece, pois estou habituado a

considerar-me um cientista. E ser recordado por lançar os fundamentos de uma ciência que não existe é na verdade embaraçoso. Contudo, se a Robótica alcançar o apogeu descrito em minhas histórias, é possível que algo parecido com as Três Leis exista de fato e neste caso eu terei conseguido uma vitória extraordinária (póstuma, infelizmente).

Meus contos de robôs positrônicos dividem-se em dois grupos: os que incluem a Dra. Susan Calvin e os que não a incluem. Nos últimos surgem com frequência Gregory Powell e Mike Donovan, que testavam constantemente os robôs experimentais em ação e com a mesma constância envolviam-se em complicações. As Três Leis eram bastante ambíguas para proporcionar os conflitos e incertezas necessárias a novas histórias e, para meu grande alívio, eu conseguia sempre descobrir um novo ângulo nas sessenta e cinco palavras das Três Leis.

Quatro contos de Eu, Robô *tinham como personagens Powell e Donovan. Após a publicação do livro foi lançada uma história com Donovan somente. Mais uma vez eu me divertia à custa dos meus robôs, mas não era eu quem fazia a narrativa e sim Donovan, e por ele não sou responsável.*

Primeira Lei *foi publicado em outubro de 1956, em* Fantastic Universe Science Fiction.

3 - PRIMEIRA LEI

Mike Donovan olhou aborrecido para a caneca vazia de cerveja e decidiu que já tinha ouvido bastante. Em voz alta declarou:

— Já que estão falando em robôs fora do comum, conheci um que desobedeceu à Primeira Lei.

Como isso era absolutamente impossível, todos se calaram e voltaram-se para Donovan.

Este lamentou imediatamente ter falado demais e quis mudar de assunto, dizendo, em tom de conversa:

— Ouvi uma ótima, ontem… MacFarlane, sentado junto dele, interveio:

— Quer dizer que conheceu um robô que fez mal a um ser humano? — Este era o significado da Primeira Lei, naturalmente.

— De certo modo. Ontem ouvi uma a respeito…

— Conte — ordenou MacFarlane, e os outros bateram com as canecas na mesa, em apoio.

Sem escapatória, Donovan falou:

— Aconteceu em Titã, há cerca de dez anos. — E fazendo um rápido cálculo: — Sim, foi em vinte e cinco. Haviam acabado de receber um carregamento de três robôs de modelo novo, especialmente destinados a Titã. Foram os primeiros modelos MA. NÓS os batizamos de Ema Um, Dois e Três. — Estalou os dedos e pediu outra cerveja, olhando muito sério para o garçom. — Vejamos, que aconteceu depois?

— Lidei com robótica a metade da minha vida, Mike, e nunca ouvi falar na série MA —- disse MacFarlane.

— É porque deixaram de fabricá-la imediatamente após… após o que vou contar. Não se lembra?

— Não.

Donovan prosseguiu, rápido:

— Colocamos logo os robôs em ação. Até então a Base ficava inteiramente inutilizada na estação das tempestades, que se prolongava por oitenta por cento da revolução de Titã à volta de Saturno. Durante as terríveis nevascas, a Base tornava-se invisível mesmo a poucas centenas de metros. As bússolas eram inúteis, pois Titã não tem campo magnético.

Ainda no mesmo tom ele continuou:

— A virtude dos robôs MA era estarem equipados com vibro-detetores de modelo novo, que lhes possibilitavam encontrarem a Base fosse qual fosse o tempo. Isto significava que se podia proceder à mineração sem interrupções. Não diga nada, Mac. Os vibro-detetores foram também retirados do mercado e é por isso que você nunca ouviu falar neles. — Donovan tossiu de leve. — Segredo militar, compreende?

E prosseguiu ainda:

— Os robôs funcionaram muito bem na primeira estação tempestuosa, mas em princípios do tempo ameno, Ema Dois começou a agir estranhamente. Vivia se escondendo pelos cantos e mergulhando sob fardos, de onde só saía depois de muita insistência. Finalmente abandonou a Base e não voltou. Concluímos que houvera uma falha na fabricação e nos ar-

ranjamos com os outros dois. Mas isso significava pessoal a menos, ou antes, robôs a menos, de modo que lá pelos fins da estação amena alguém precisou ir a Kinsk, e eu me aventurei a isso, desacompanhado de robô. Parecia bastante seguro. As tempestades só começariam daí a dois dias e eu voltaria dentro de vinte e quatro horas, no máximo.

Estava regressando, e a uns bons dez quilômetros da Base, quando o vento começou a soprar e a atmosfera tornou-se pesada. Pousei o carro aéreo imediatamente, antes que o vento o despedaçasse, orientei-me para a Base e comecei a correr. Em baixa gravidade podia muito bem percorrer aquela distância. Mas em linha reta? Esta era a questão. Meu suprimento de ar era amplo e o aquecimento do meu traje, satisfatório, mas dez quilômetros sob uma tempestade titânica é o infinito.

Quando as torrentes de neve transformaram o dia num crepúsculo sombrio e tenebroso, onde até Saturno esmaeceu e o Sol tornou-se uma pálida esfera, parei e inclinei-me contra o vento. Havia um objeto pequeno e escuro bem à minha frente. Mal conseguia distingui-lo, mas sabia o que era: um filhote das tempestades, o único ser vivo capaz de suportar uma conflagração em Titã e o mais maligno que jamais viveu, fosse onde fosse. Sabia que meu traje não me protegeria se ele me atacasse, e com a escuridão teria de esperar para fazer um disparo à queima-roupa, caso contrário não ousaria. Se falhasse, ele estaria sobre mim.

Recuei lentamente, e a sombra acompanhou-me. Aproximou-se e eu ergui minha arma, rezando interiormente, quando uma sombra maior projetou-se de repente sobre mim e eu gritei, mas gritei de alívio. Era Ema Dois, o robô MA desaparecido. Eu nunca deixarei de intrigar-me com o seu desaparecimento, nem de me preocupar com a razão. Gritei apenas: “Ema, meu bem, agarre esse filhote e leve-me de volta à Base”.

Olhou-me como se não tivesse ouvido e gritou: “Mestre, não atire. Não atire”.

E avançou correndo para o filhote.

“Agarre esse maldito filhote, Ema”, gritei novamente. Apanhou o filhote, sem dúvida, mas segurou-o ao colo e *continuou a andar.* Gritei até ficar rouco, mas não voltou. Deixou-me para morrer na tempestade.

Donovan fez uma pausa dramática.

— Todos conhecem a Primeira Lei, é claro: “Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal!” Pois bem, Ema Dois fugiu com o filhote da tempestade e deixou-me morrer. Infringiu a Primeira Lei.

Felizmente consegui sobreviver. Meia hora depois a tempestade amainou. Fora um vento prematuro, temporário. Acontece, às vezes. Corri para a Base, e as tempestades começaram para valer no dia seguinte. Ema Dois regressou duas horas depois de mim, e, naturalmente, o mistério esclareceu-se e os modelos MA foram imediatamente retirados do mercado.

— E qual era a explicação? — quis saber MacFarlane.

Donovan fitou-o, muito sério.

— É exato que eu era um ser humano em perigo mortal, Mac, mas para o robô havia algo mais importante do que eu, mais importante até que a Primeira Lei. Não esqueça de que esses robôs pertenciam à série MA e que aquele, em particular, estivera se escondendo pelos cantos antes de desaparecer. Era como se aguardasse algo de especial — e particular. — E parece que algo de especial acontecera mesmo.

Donovan olhou reverentemente para o teto, e sua voz estremeceu ao dizer:

— O filhote da tempestade não era filhote de tempestade coisa alguma. Nós o batizamos de Ema Júnior, quando Ema Dois o trouxe de volta. Ema Dois tinha de protegê-lo da minha arma. Que representava a Primeira Lei comparada aos elos sagrados do amor materno?

Havia outro conto da época pós-Eu, Robô *fora do comum por uma razão: era o primeiro que não incluía nem Susan Calvin, nem Powell-Donovan. Intitulava-se* Reunião *e foi publicado no número de fevereiro de 1957 de* Infinity Science Fiction.

Era fora do comum também em outro sentido. Cerca de dois anos após sua publicação solicitaram-me permissão para transcrevê-lo e (sendo indolente ao máximo) respondi: “Claro!” Quando afinal recebi um exemplar da revista com a transcrição da história descobri que se tratava de uma dessas publicações que endeusam o corpo feminino despido.

Deus sabe que não tenho objeções a formas divinas, mas o ocorrido deixou-me com uma pergunta sem resposta. Reunião *não continha nem sexo, nem personagens femininos. Por que a revista decidira transcrevê-lo?*

Talvez (disse a mim mesmo) pelo fato de a considerarem uma boa história.

Talvez mesmo. Pelo menos é o que espero.

4 - REUNIÃO

Uma certa paz reinava há um século, e as pessoas haviam esquecido qualquer outro tipo de situação. Nem saberiam como reagir se descobrissem que uma espécie de guerra já começara.

Elias Lynn, chefe do *Bureau* de Robótica, não soube reagir quando finalmente descobriu. O *Bureau* de Robótica tinha sede em Cheyenne, de acordo com a tendência para a descentralização, que já durava há um século, e Lynn fitou meio cético o jovem oficial da Segurança, vindo de Washington, que trouxera a notícia.

Elias Lynn era um homem vigoroso, feio mas atraente, com olhos azul-pálidos meio protuberantes. Em geral as pessoas não se sentiam muito à vontade sob seu olhar, mas o oficial da Segurança permaneceu impassível.

Lynn decidiu que sua primeira reação seria de incredulidade. Inferno, mesmo! Não conseguia acreditar, pura e simplesmente!

Tornando a sentar-se, falou:

— Até que ponto é exata a informação?

O oficial, que se apresentara como Ralph G. Breckenridge e exibira credenciais para comprová-lo, tinha a suavidade da juventude: lábios cheios, bochechas redondas que coravam facilmente e olhar franco. Suas roupas pareciam estranhas em Cheyenne, mas adaptavam-se a uma Washington universalmente condicionada, onde a Segurança, apesar de tudo, continuava sediada.

Breckenridge corou ao dizer:

— Não há dúvida a respeito.

— Suponho que saibam tudo que diz respeito a ELES — disse Lynn, incapaz de conter um laivo de ironia. Quase inconscientemente sublinhara o pronome que se referia ao inimigo, o que equivalia a maiúsculas em letra impressa. Era um hábito inerente à cultura de sua geração e da que a antecedera. Ninguém dizia “Leste”, “Vermelhos”, “Soviéticos”, ou “Russos”. Seria demasiado confuso, uma vez que alguns não eram do leste, nem vermelhos, nem soviéticos, nem russos. Era muito mais simples dizer NÓS e ELES. E muito mais definido.

Segundo observação frequente de diversos viajantes, ELES faziam o mesmo, só que ao contrário. Lá eles éramos NÓS (em diferentes idiomas) e NÓS éramos ELES.

Quase ninguém se lembrava disso. Tudo se tornara tranquilo e descontraído. Nem sequer havia ódio. De início haviam chamado a situação de *Guerra Fria.*

Agora não passava de um jogo bem-humorado, com regras tácitas e uma certa

decência.

Súbito, Lynn perguntou: Por que haveriam de perturbar a situação?

Levantando-se, estudou o mapa mundial dividido em duas regiões, com leves contornos a cores. Uma parte irregular à esquerda era delineada em verde-claro. Outra menor e também irregular, à direita, era limitada por uma linha rosa-pálido. NÓS e ELES.

O mapa não sofrerá alteração durante cerca de um século. A perda de Formosa e a conquista da Alemanha Oriental há oitenta anos fora a única modificação territorial de importância.

Houvera outra, porém, bastante significativa, e referia-se às cores. Há duas gerações, o território deles era colorido de vermelho-sangue e o nosso de branco-imaculado. Agora havia uma certa neutralidade nos tons. Lynn vira os mapas DELES e sabia que o mesmo ocorria do outro lado.

— ELES não fariam uma coisa dessas — falou.

— Mas estão fazendo — replicou Breckenridge —, e é melhor que se acostume à idéia. Compreendo, naturalmente, não ser agradável saber que se encontram tão à nossa frente em Robótica.

Seu olhar permaneceu cândido, mas os subentendidos penetraram fundo, e Lynn estremeceu ao impacto.

Isso explicava por que o chefe de Robótica só fora notificado tão tarde e por intermédio de um simples oficial da Segurança. Perdera prestígio aos olhos do governo, se a Robótica havia fracassado na luta, Lynn podia perder as esperanças de qualquer clemência política.

Em tom fatigado disse:

— Mesmo que seja exato, ELES não estão muito adiantados em relação a NÓS. Poderíamos construir robôs humanóides.

— E construímos, senhor?

— Sim. Para ser exato, construímos alguns modelos, para fins experimentais.

— É o que ELES faziam há dez anos. Daí para cá, têm dez anos de avanço.

Lynn estava perturbado. Perguntava a si mesmo se sua incredulidade em relação à história era resultado de orgulho ferido e temor de perder emprego e prestígio. Embaraçava-o a possibilidade, contudo não podia evitar colocar-se na defensiva.

— Ouça, rapaz, o empate entre ELES e NÓS jamais foi perfeito até o último detalhe — falou. — Estiveram a nossa frente num setor ou noutro. Caso se encontrem mais adiantados do que NÓS em Robótica, no momento, é porque fizeram um esforço maior nesse sentido. E isso significa que algum outro setor recebeu mais atenção da nossa parte. Talvez estejamos mais adiantados em pesquisa de campos de força, ou em hiperatômica.

Lynn aborreceu-se com sua própria afirmativa no sentido de que o empate não era perfeito. Isso era exato e constituía o grande perigo que ameaçava o mundo. A humanidade dependia de que o empate fosse o mais perfeito possível. Se as pequenas discrepâncias, que existiam sempre, se inclinassem demasiado numa direção, ou na outra…

No início da Guerra Fria, ambas as facções haviam construído armas termonucleares, e uma conflagração tornara-se um absurdo. A competição passara do campo militar ao econômico e o psicológico, ali se fixando.

Mas existira sempre um esforço, em ambas as facções, para quebrar o impasse, criar uma defesa contra qualquer ataque possível, elaborar um golpe que não pudesse ser surpreendido a tempo — algo que tornasse a guerra novamente possível. Não porque um deles a quisesse desesperadamente, mas porque ambos temiam que o outro fosse o primeiro a fazer uma descoberta crucial.

Durante cem anos, ambos os lados haviam mantido em equilíbrio a luta, e no processo a paz fora respeitada. E como resultado de pesquisa intensiva e contínua, campos de força haviam sido elaborados, aproveitada a energia solar, e controlados os insetos

e os robôs. Ambos os lados começavam a compreender a mentálica, nome dado à bioquímica e à biofísica do pensamento. Cada qual tinha seus postos avançados na Lua e em Marte. A humanidade avançava a passos gigantescos, graças ao recrutamento obrigatório.

Era até necessário que as duas facções se mostrassem tão corretas e humanas quanto possível, entre si, para que a crueldade e a tirania não granjeassem amigos para o outro lado.

Não era possível que o impasse se rompesse e sobreviesse uma guerra.

— Quero consultar um dos meus auxiliares — disse Lynn. — Preciso de sua opinião.

— Ele é digno de confiança? Lynn teve uma expressão de nojo.

— Santo Deus, qual o elemento trabalhando em Robótica que não foi investigado até os últimos extremos pelo pessoal da Segurança? Sim, respondo por ele. Se não confiarmos num homem como Humphrey Carl Laszlo, não temos condição de enfrentar o tipo de ataque que você diz que ELES planejam.

— Ouvi falar em Laszlo — disse Breckenridge.

— Muito bem. Aprovado?

— Sim.

— Então, vou mandar chamá-lo para saber o que acha da possibilidade de robôs invadirem os Estados Unidos.

— Não exatamente — disse Breckenridge, macio. — Ainda não aceitou de todo a idéia. Descubra o que ele pensa do fato de robôs já terem invadido os Estados Unidos.

Laszlo era neto de um húngaro que atravessara o que então se chamava a Cortina de Ferro. Considerava-se por isso tranquilamente acima de qualquer suspeita. Era vigoroso, com um princípio de calvície e um ar agressivo permanentemente gravado na fisionomia, mas seu sotaque era puro Harvard e falava com voz muito macia, quase em excesso.

Para Lynn, cônscio de que após tantos anos de administração deixara de ser *expert* em diversos setores da Robótica moderna, Laszlo era o receptáculo do conhecimento total. Sentiu-se melhor com sua simples presença.

— Que acha? — perguntou.

Uma expressão feroz contorceu a fisionomia de Laszlo.

— Que ELES estejam tão adiantados em relação a NÓS? Absolutamente incrível. Significaria que produziram humanóides impossíveis de ser distinguidos dos seres humanos, mesmo de perto. Significaria um considerável progresso em robô-mentálica.

— Você está se envolvendo pessoalmente — disse Breckenridge, frio. — Deixando de lado o orgulho profissional, por que exatamente é impossível que ELES estejam mais adiantados que NÓS.

Laszlo deu de ombros.

— Asseguro que estou a par da literatura DELES relativa à robótica e sei aproximadamente onde se encontram.

— Sabe aproximadamente onde querem você pense que ELES se encontram — corrigiu Breckenridge. — Visitou alguma vez o outro lado?

— Não — replicou Laszlo secamente.

— Nem o senhor, Dr. Lynn?

— Não, nem eu.

— Algum especialista em Robótica visitou o outro lado nos últimos vinte e cinco anos? — perguntou Breckenridge, com a segurança de quem já conhecia a resposta.

Por segundos a atmosfera tornou-se vibrante de tensão. Um mal-estaT refletiu-se na ampla fisionomia de Laszlo.

— Para ser exato, ELES não têm promovido conferências sobre Robótica há muito tempo.

— Vinte e cinco anos — disse Breckenridge. — Isto não é significativo?

— Talvez — disse Laszlo, relutante. — Mas há outra coisa que me preocupa. Nenhum DELES jamais

compareceu às nossas conferências sobre robótica. Não que eu me lembre.

— Foram convidados? — perguntou Breckenridge. Lynn, preocupado, interveio rapidamente:

— É claro. Breckenridge indagou:

— Recusam-se a comparecer a qualquer outro tipo de conferência científica que promovemos?

— Não sei — respondeu Laszlo, andando de um lado para outro. — Nunca ouvi dizer que recusassem. Ouviu alguma coisa chefe?

— Não — respondeu Lynn.

— Diria que preferem não se colocar em posição de ter que retribuir tais convites? Ou que temem que um dos seus homens fale demais? — perguntou Breckenridge.

Era exatamente o que parecia, e Lynn sentiu que a história da Segurança devia ser verdadeira, afinal.

Por que outro motivo não houvera contato entre os dois campos, no setor da Robótica? Estabelecera-se um proveitoso intercâmbio de pesquisadores nos tempos de Eisenhower e Krushchev. E motivos para isso não faltavam: uma sincera apreciação do caráter supranacional da ciência, impulsos de cordialidade difíceis de fazer desaparecer completamente no ser humano, o desejo de expor-se a um ponto de vista novo e interessante, sacudindo suas próprias noções um tanto batidas, mas consideradas novas e interessantes por estranhos.

Os próprios governos estavam ansiosos para que' tal ocorresse. E havia sempre a idéia óbvia de que aprendendo tudo o que era possível e revelando o mínimo, o seu lado ganharia com a troca.

Mas não no caso da Robótica. Não neste setor.

Bastava uma pequenina coisa para convencer. E era algo que todos sabiam há muito tempo. Deprimido, Lynn pensou: “Nós adotamos uma atitude complacente”.

Como o outro lado nada fizera ostensivamente no setor da Robótica, éramos tentados a concluir que nos encontrávamos em posição de superioridade. Por

que não parecera possível, nem mesmo provável, que ELES estivessem escondendo os trunfos, aguardando a ocasião favorável? Com voz alterada, Laszlo disse:

— Que faremos? — Era evidente que o mesmo raciocínio conduzira-o a idêntica convicção.

— Que faremos? — repetiu Lynn. Era difícil pensar, no momento, em qualquer coisa que não fosse o horror resultante daquela convicção. Havia dez robôs humanóides em diferentes partes dos Estados Unidos, cada qual transportando um fragmento de bomba CT.

CT! A corrida armamentista unicamente para o horror terminava ali. CT! Conversão Total! O Sol não mais servia de sinônimo. Conversão Total transformava-o numa insignificante vela.

Dez humanóides, completamente inócuos quando isolados, poderiam, pelo

simples ato de reunir-se, ultrapassar a massa crítica e…

Lynn ergueu-se pesadamente, e as olheiras escuras, que em geral emprestavam-lhe ao rosto feio uma aparência ameaçadora, tornaram-se mais acentuadas que nunca.

— Cabe a nós descobrir meios de distinguir um humanóide de um ser humano e depois encontrar os invasores.

— De quanto tempo dispomos? — murmurou Laszlo.

— Apenas cinco minutos depois que se reúnam — berrou Lynn. — E eu não sei quando se reunirão.

Breckenridge meneou a cabeça.

— Alegro-me de que tenha aceito a idéia, senhor. Preciso levá-lo a Washington para uma conferência.

Lynn ergueu as sobrancelhas.

— Está bem.

Perguntou a si mesmo se teria sido imediatamente substituído, caso levasse mais tempo para convencer-se. Era possível que um outro chefe de Robótica fosse em seu lugar à conferência de Washington. E súbito desejou que acontecesse exatamente isso.

Estavam presentes o primeiro assistente presidencial, o secretário de Ciência, o secretário de Defesa, Lynn e Breckenridge. Cinco homens sentados ao redor de uma mesa, nos porões de uma fortaleza subterrânea, próximo a Washington.

O Assistente Presidencial Jefreys era um homem importante, belo, cabeleira branca, queixo saliente, sólido, sério e tão moderado do ponto de vista político quanto deve ser um assistente presidencial.

— Na minha opinião temos três questões a enfrentar — disse, incisivo. — *Primeiro:* quando se reunirão os humanóides? *Segundo:* onde se reunirão? *Terceiro:* de que modo os impediremos de se reunirem?

O Secretário de Ciência Amberley meneou enfaticamente a cabeça. Fora o deão da engenharia do noroeste antes de sua nomeação. Era magro, feições bem marcadas e visivelmente nervoso. Com o indicador traçava lentos círculos na mesa.

— Quanto à época em que se reunirão — falou —, suponho que esteja bem certo de que isto não se dará imediatamente.

— Por que pensa assim? — perguntou Lynn, áspero.

— Encontram-se pelo menos há um mês nos Estados Unidos. É o que diz a Segurança.

Lynn voltou-se automaticamente para Breckenridge, e o Secretário de Segurança Macalaster interceptou o olhar. — A informação é digna de crédito. Não deixe que a aparente juventude de Breckenridge o iluda, Dr. Lynn. Isso faz parte do seu valor para nós. Na verdade, ele tem trinta e quatro anos e trabalha no Departamento há dez. Esteve em

Moscou durante quase um ano e sem ele continuaríamos alheios a este terrível perigo. Sendo assim, conhecemos a maioria dos detalhes.

— Não os cruciais — disse Lynn.

Macalaster sorriu, glacial. Seu queixo bem marcado e olhos próximos um do outro eram bem conhecidos do público, mas ignorava-se quase tudo a seu respeito.

— Somos todos humanos e finitos, Dr. Lynn — falou. — O Agente Breckenridge fez o que pôde.

O Assistente Jefreys interveio:

— Digamos que dispomos ainda de algum tempo. Se ação imediata fosse necessária já teria acontecido. Parece provável que estejam esperando um momento específico. Se conhecêssemos o local, talvez a data se tornasse evidente.

— Se pretendem destruir o alvo, a idéia será prejudicar-nos o mais possível. Assim, devemos pensar numa cidade importante. De qualquer modo, só uma grande cidade vale como alvo de uma bomba CT. Creio que há quatro possibilidades: Washington, como centro administrativo, Nova Iorque, como centro financeiro, Detroit e Pittsburgh, como os dois centros industriais.

Macalaster, da Segurança, falou:

— Voto por Nova Iorque. A administração e a indústria foram tão descentralizadas que a destruição de uma determinada cidade não impedirá o revide imediato.

— Então, por que Nova Iorque? — perguntou Amberley, talvez com mais aspereza do que pretendia.

— O setor financeiro também foi descentralizado.

— Questão de moral. É possível que pretendam destruir nossa vontade de resistir, induzir à rendição pelo simples horror do primeiro golpe. A maior destruição de vida humana ocorreria na área metropolitana de Nova Iorque.

— Seria uma tremenda crueldade — murmurou Lynn.

— Eu sei, mas ELES não são capazes disso, caso obtivessem uma vitória definitiva ao primeiro golpe

— disse Macalaster. — NÓS não faríamos…

O Assistente Presidencial Jefreys alisou para trás a cabeleira branca e disse:

— Suponhamos que o pior aconteça. Que Nova Iorque seja destruída durante o inverno, de preferência logo após uma série de nevascas, em que as comunicações ficam prejudicadas e as consequências numa quebra de fornecimento de utilidades e mantimentos se tornam mais sérias. De que modo os deteremos?

Amberley, dos assuntos científicos, disse apenas:

— Descobrir dez homens no meio de duzentos e vinte milhões é o mesmo que

procurar uma pequenina agulha num imenso palheiro.

Jefreys meneou a cabeça.

— Não é bem assim. São dez humanóides entre duzentos e vinte milhões de seres humanos.

— Não há diferença — replicou Amberley. — Ignoramos se um humanóide pode ser distinguido à primeira vista de um ser humano. É provável que não. — E voltou-se para Lynn. Os outros fizeram o mesmo.

— Nós, em Cheyenne, não conseguimos fazer nenhum que pudesse se confundir com um ser humano à luz do dia — falou, pesadamente.

— Mas ELES podem — disse Macalaster, da Segurança. — E não só do ponto de vista físico. Temos certeza disso. Adiantaram-se nos processos mentálicos a ponto de poderem desfazer o padrão microeletrônico do cérebro e focalizá-lo nas trilhas positrônicas do robô.

Lynn arregalou os olhos e perguntou:

— Quer dizer que são capazes de criar uma réplica do ser humano, inclusive personalidade e memória?

— Exatamente.

— De seres humanos específicos?

— Isso mesmo.

— Isto também se baseia nas descobertas do Agente Breckenridge?

— Sim. Há provas irrefutáveis.

Lynn inclinou a cabeça, meditativo, por um instante e falou:

— Então, dez homens nos Estados Unidos não são homens e sim humanóides. Mas ELES precisariam obter os originais. Não poderiam ser orientais, pois seriam facilmente localizados, portanto devem ser europeus ao leste, ou não entrariam no pais. Com a rede de radar cobrindo o mundo inteiro, como introduziriam um indivíduo, humano ou humanóide, sem que soubéssemos?

Macalaster, da Segurança, falou então:

— É possível. Há certas infiltrações válidas pela fronteira. Negociantes, pilotos, até turistas. São vigiados, naturalmente, de ambos os lados. Contudo, dez deles poderiam ter sido raptados e usados como modelos para os humanóides. E estes seriam enviados no seu lugar. Como não estaríamos esperando uma substituição, não o perceberíamos. Se fossem americanos não haveria dificuldade em introduzi-los no país. É muito simples.

— E nem os amigos, nem a família notariam a diferença?

— É o que devemos supor. Temos estado à espera de qualquer relatório que sugira crises de amnésia, ou mudanças de personalidade. Verificamos milhares.

Amberley, examinando as pontas dos dedos, falou:

— Creio que medidas rotineiras não adiantam. O ataque deve partir do *Bureau* de Robótica, e eu confio no chefe daquele departamento.

Novamente todos os olhares voltaram-se para Lynn, numa expectativa.

Lynn sentiu crescer sua amargura. Teve a impressão de que a conferência só tivera aquela finalidade. Ninguém dissera até então qualquer coisa de novo, disso tinha certeza. Não havia solução para o problema, nenhuma sugestão relevante. Era um recurso para o registro, um recurso da parte de homens que temiam profundamente a derrota e desejavam que a responsabilidade fosse nítida e inequivocamente lançada sobre alguém.

Contudo, havia uma certa justiça no caso. Fora na Robótica que o país fracassara. E Lynn não era apenas Lynn. Era o chefe da Robótica, e a responsabilidade era sua.

Passou a noite em claro e estava abatido de corpo e alma quando procurou e obteve outra entrevista com o Assistente Presidencial Jefreys, na manhã seguinte. Breckenridge estava presente e, embora Lynn preferisse uma entrevista particular, percebeu a justiça da situação. Era óbvio que Breckenridge conquistara imenso prestígio junto ao governo em consequência de seu trabalho de informação. Bem, por que não?

— Senhor, considero a possibilidade de nos expormos inutilmente a dançar conforme a música do inimigo.

— De que modo?

— Tenho a certeza de que, por mais impaciente que o público se mostre, às vezes, e por mais que os legisladores julguem oportuno falar, o governo reconhece, pelo menos, que o impasse mundial é benéfico, ELES devem pensar o mesmo. Dez humanóides com uma bomba de CT é um modo trivial de romper o impasse.

— A destruição de quinze milhões de seres humanos dificilmente poderia ser considerada trivial.

— Sim, do ponto de vista do domínio mundial. Não nos desmoralizaria a ponto de levar-nos à rendição, nem nos prejudicaria convencendo-nos da nossa incapacidade de vencer. Prosseguiria a mesma velha luta planetária, que ambos os lados evitaram por tanto tempo e com tanto êxito. A única coisa que conseguiria era forçar-nos a lutar com uma cidade a menos. Basta.

— Que sugere, então? — indagou Jefreys, glacial. — Que não existem dez humanóides no nosso país? Que não há uma bomba CT à espera do momento da reunião?

— Concordo que estejam aqui, mas talvez por uma razão de maior amplitude do que uma loucura de inverno.

— Qual é?

— É possível que a destruição física resultante da reunião dos humanóides não seja o pior do que nos venha acontecer. Que acha da destruição moral e intelectual,

consequência do fato de se encontrarem aqui, simplesmente? Com o devido respeito ao Agente Breckenridge, que acham da idéia: ELES *desejam* que NÓS saibamos a respeito dos humanóides e estes jamais se reunirão, permanecendo aqui apenas para nos preocuparem?

— Por quê?

— Diga-me uma coisa: que medidas já foram tomadas contra os humanóides? Suponho que a segurança esteja examinando as fichas de todos os cidadãos que atravessaram a fronteira, ou estiveram bastante próximos para possibilitar um sequestro. Soube ontem por Macalaster que estão estudando casos suspeitos em psiquiatria. Que mais?

— Pequenos aparelhos de raios x estão sendo instalados em locais-chaves, nas grandes cidades, nos pontos de concentração das massas, por exemplo…

— Onde dez humanóides poderiam esgueirar-se entre centenas de milhares de espectadores, durante um jogo de futebol, ou de pólo aéreo?

— Exatamente.

— E salas de concerto e igrejas?

— Precisamos começar por alguma parte. Não podemos fazer tudo ao mesmo tempo.

— Sobretudo quando se deve evitar pânico — disse Lynn. — Não seria conveniente que o público soubesse que, a qualquer momento imprevisível, uma cidade também imprevisível, com todo o seu conteúdo humano, subitamente poderia deixar de existir.

— Isto é óbvio. Onde quer chegar? Penosamente Lynn explicou:

— Uma crescente fração do esforço nacional seria desviada para o irritante problema que Amberley classifica de procurar uma pequena agulha num grande palheiro. Correremos em círculos, enquanto ELES ampliarão a dianteira na pesquisa, a ponto de não conseguirmos alcançá-los. E então teremos de nos render sem fazer o menor gesto de revide.

Como não fora interrompido, Lynn prosseguiu:

— Consideremos ainda que a notícia acabe se divulgando, um número cada vez maior de pessoas se envolva nas contramedidas e todo mundo comece a perceber o que estamos fazendo. Que aconteceria?

O pânico nos prejudicaria mais do que uma bomba CT.

Irritado, o assistente perguntou:

— Em nome de Deus, homem, que sugere que se faça, neste caso?

— Nada. Continuar impassível. Viver como sempre vivemos, arriscando-nos a pensar que não ousarão romper a trégua por causa de uma simples bomba.

— Impossível! — exclamou Jefreys. — Completamente impossível. O bem-

estar de todos nós repousa em grande parte nas minhas mãos, e ficar inativo é algo que não posso fazer. Concordo em que talvez raios x em estádios esportivos sejam uma medida superficial, ineficaz, mas é preciso tomá-la para que mais tarde não se chegue à amarga conclusão de que perdemos o país por causa de uma sutil linha de raciocínio que incentivava a inércia. Na verdade, nossas medidas precisam ser bem dinâmicas.

— Como?

O Assistente Jefreys fitou Breckenridge. O jovem oficial da segurança, até então em silêncio, falou tranquilamente:

— É inútil discutirmos uma possível quebra da situação quando esta quebra já se deu. Não importa que os humanóides explodam ou não. Talvez sejam mesmo um artifício para nos distrair, conforme disse. Mas permanece o fato de estarmos um quarto de século atrasados em Robótica e isso pode ser fatal. Que outros progressos neste setor surgirão em face de uma guerra? A única solução é concentrar imediatamente todos os nossos esforços, *agora,* um programa de pesquisa Robótica, onde o primeiro problema será descobrir os humanóides. Pode chamar a isso exercício de Robótica, se quiser, ou então prevenção da morte de quinze milhões de homens, mulheres e crianças.

Lynn moveu a cabeça, em sinal de desânimo.

— Não podemos fazer isso. Cairíamos exato onde ELES querem. Pretendem levar-nos a um beco sem saída, enquanto ficam livres para avançar em todas as direções.

Jefreys replicou, impaciente:

— É o que você pensa. Breckenridge apresentou suas sugestões através dos canais competentes e o governo aprovou. Começaremos com uma conferência de todos os setores da ciência.

— Todas as ciências?

— Fizemos uma relação dos cientistas importantes, de todos os ramos da ciência natural. Irão a Cheyenne. Na agenda haverá um só ponto: como fazer progredir a Robótica. O subtítulo mais importante, logo abaixo deste, será: como elaborar um aparelho receptor para os campos eletromagnéticos do córtex cerebral capaz de distinguir entre um cérebro humano protoplásmico e um cérebro humanóide positrônico.

— Esperamos que chefie a conferência — disse Jefreys.

— Não fui consultado sobre o assunto.

— O tempo é curto, senhor. Concorda em ficar à frente?

Lynn sorriu de leve. Novamente a questão da responsabilidade, que devia recair nitidamente sobre Lynn, do Departamento de Robótica. Percebeu que quem dirigiria tudo, na verdade, seria Breckenridge. Mas, que fazer?

— Concordo.

Breckenridge e Lynn regressaram juntos a Cheyenne, onde, naquela mesma noite, Laszlo ouviu, com crescente desconfiança, a descrição de Lynn sobre o que estava

para acontecer.

— Enquanto esteve ausente, chefe, coloquei cinco modelos experimentais de estrutura humanóide em estágio de teste. Nossos homens estão distribuídos em turnos de doze horas, que se sobrepõem. Se tivermos de organizar uma conferência ficaremos superlotados, e envolvidos em infindável trabalho burocrático. O trabalho de verdade será interrompido.

— Isto é provisório. Ganharão mais do que se prejudicarão — disse Breckenridge.

Laszlo franziu o cenho ao ponderar:

— Um punhado de astrofísicos e geoquímicos não ajudarão nem um pouco a Robótica.

— Pontos de vista de especialistas em outros setores poderão ser úteis.

— Tem certeza? Como saberemos se há algum modo de detectar as ondas cerebrais e, caso haja, como diferenciá-las das humanóides? Quem planejou tudo isso, afinal?

— Eu — respondeu Breckenridge.

— *Você?* Conhece Robótica?

Tranquilo, o jovem agente da segurança respondeu:

— Estudei a matéria.

— Não é a mesma coisa.

— Tive acesso a material relativo à Robótica entre os russos — em russo. Material *top-secret,* muito mais importante do que qualquer de que disponham aqui.

— Nisso ele passa à nossa frente — disse Lynn, pesaroso.

— Foi baseado nesse material que sugeri esta linha de investigação — prosseguiu Breckenridge. — É razoavelmente certo que ao se copiarem as ondas eletromagnéticas de uma mente humana específica não se possa obter uma duplicata perfeitamente exata. Primeiro, o mais complicado cérebro positrônico, bastante pequeno para caber num crânio de homem, é centenas de vezes menos complexo do que o cérebro humano. Não pode captar todas as sutilezas. Deve haver algum jeito de nos aproveitarmos do fato.

Laszlo parecia impressionado, a contragosto, e Lynn sorriu sem humor. Era fácil ressentir-se contra Breckenridge e a intrusão de várias centenas de cientistas de especialidades diferentes da Robótica, mas o problema era fascinante. Havia pelo menos este consolo.

A idéia ocorreu-lhe mansamente.

Lynn descobriu que, na posição de executivo, que se tornara simplesmente titular, nada tinha a fazer, exceto ficar sentado sozinho no seu gabinete. Talvez isso

ajudasse. Dava-lhe tempo para pensar, imaginar os cientistas criativos que convergiriam para Cheyenne, vindos de meio mundo.

Era Breckenridge quem, com tranquila eficiência, providenciava todos os detalhes da operação. Havia uma espécie de confiança na maneira como dissera:

— Vamos nos reunir e nós os venceremos. Vamos nos reunir.

Ocorreu a Lynn tão mansamente que quem quer que o estivesse fitando no momento teria visto seus olhos pestanejarem duas vezes — e mais nada.

Fez o que tinha a fazer com uma isenção de ânimo que o mantinha calmo, quando sentia que, por todos os cânones, devia estar enlouquecendo.

Procurou Breckenridge no seu alojamento improvisado e encontrou-o sozinho. Cenho franzido, ele perguntou:

— Algo errado, Sr. Lynn?

— Tudo, creio — disse, cansado. — Decretei a lei marcial.

— O quê?

— Como chefe de divisão posso fazê-lo, se for de opinião que a situação o exija. Em meu setor posso ser, portanto, um ditador. Uma das vantagens da descentralização.

— Cancelará a ordem imediatamente — disse Breckenridge, adiantando-se. — Estará perdido quando Washington souber disso.

— Estou perdido de qualquer maneira. Pensa que não percebi que me destinaram o papel do maior vilão da história do país, o homem que permitiu o rompimento do impasse? Nada tenho a perder. E talvez muito a ganhar.

E riu com exagero.

— Que objetiva a Divisão de Robótica, hem, Breckenridge? Apenas alguns milhares de homens liquidados por uma bomba CT capaz de arrasar trezentos quilômetros quadrados num microssegundo. Mas quinhentos desses homens são os nossos maiores cientistas. Ficaríamos na estranha situação de ter de lutar sem dirigentes, ou então render-nos. Creio que nos renderíamos.

— Mas é impossível. Ouviu, Lynn? Compreende? De que modo os humanóides passariam pelo nosso dispositivo de segurança? Como se reuniriam?

— Mas estão se reunindo! Nós os ajudamos. Ordenamos que o fizessem. Nossos cientistas visitam o outro lado, Breckenridge. Visitam-no regularmente. Você acertou ao dizer que era estranho que ninguém do setor da Robótica fazia o mesmo. Bem, dez dos nossos cientistas encontram-se lá, e em seu lugar dez humanóides estão convergindo para Cheyenne.

— Mas isso é ridículo.

— Acho que é uma boa teoria, Breckenridge. Mas só funcionaria se soubéssemos que havia humanóides na América, para convocarmos uma reunião. É uma

coincidência que tenha sido você a trazer a notícia dos humanóides, a sugerir a reunião e a agenda, a dirigir o espetáculo e a saber exatamente quais cientistas deveriam ser convidados. Certificou-se de que os dez estavam na lista?

— Dr. Lynn! — exclamou Breckenridge, insultado, fazendo um gesto para adiantar-se.

— Não se mova. Tenho uma arma comigo. Esperaremos que os cientistas cheguem, um a um. E um a um os passaremos pelos raios x e testaremos sua radioatividade. Nem mesmo dois se reunirão sem serem examinados. E se os quinhentos forem inocentes eu lhe entregarei minha arma e me renderei a você. Mas julgo que encontraremos os dez humanóides. Sente-se, Breckenridge.

Sentaram-se os dois.

— Aguardaremos. Quando eu estiver cansado, Laszlo me renderá. Aguardaremos.

O Professor Manuelo Jiminez, do Instituto de Estudos Superiores de Buenos Aires, explodiu quando

o jato estratosférico em que viajava encontrava-se sobre o vale do Amazonas. Foi uma simples explosão química, mas o bastante para destruir o avião.

O Dr. Herman Liebowitz, do MIT alemão, explodiu num monorail, matando vinte pessoas e ferindo centenas de outras.

De modo similar, o Dr. Auguste Marin, do Instituí Nucléonique de Montreal, e sete outros morreram em diferentes estágios de sua viagem a Cheyenne.

Laszlo irrompeu no quarto, pálido e gaguejante, com as primeiras notícias. Lynn estava ali há duas horas apenas, sentado diante de Breckenridge, arma na mão.

— Pensei que o senhor estava louco, chefe, mas tinha razão. Eram humanóides. Tinham que ser. — E fitando Breckenridge, cheio de ódio: — Somente eles foram avisados. Ele os preveniu e agora não conseguiremos nenhum intacto. Nem um só para estudar.

— Meu Deus! — exclamou Lynn. E num gesto frenético aproximou a arma de Breckenridge e atirou. O pescoço do oficial de Segurança desapareceu, o tórax caiu e a cabeça tombou no chão com um ruído cavo e rolou de lado.

— Eu não compreendi. Pensei que era um traidor. Nada mais — gemeu Lynn.

Laszlo, imóvel, boquiaberto, parecia incapaz de falar.

Agitado, Lynn continuou:

— Claro que ele os preveniu. Mas como poderia fazê-lo sentado nesta cadeira, a menos que estivesse equipado com um radiotransmissor embutido? Não percebe? Breckenridge esteve em Moscou. O verdadeiro Breckenridge continua lá. Oh, meu Deus, eram *onze!*

Laszlo conseguiu finalmente dizer em voz rouca:

— Por que ele não explodiu?

— Estava esperando, suponho, até certificar-se de que todos haviam recebido a mensagem e estavam destruídos. Quando você trouxe a notícia e compreendi a verdade atirei imediatamente. Deus sabe que talvez só tenha passado à frente dele por uma questão de segundos.

Voz trêmula, Laszlo falou:

— Pelo menos teremos um para estudar.

E, inclinando-se, tocou o fluido pegajoso que escorria dos restos do pescoço e do tronco sem cabeça.

Não era sangue. Era óleo de primeira qualidade.

TERCEIRA PARTE

SUSAN CALVIN

As histórias de robôs que mais me interessaram, contudo, foram as que incluíam a Dra. Susan Calvin, a extraordinária robô-psicóloga. Uma "robô-psicóloga" não é um robô com conhecimentos de psicologia e sim uma psicóloga que é também roboticista. O termo é ambíguo, infelizmente, mas não disponho de de outro.

Com o passar do tempo, apaixonei-me pela Dra. Calvin. Era uma pessoa severa, sem dúvida, muito mais parecida com a concepção popular de um robô do que qualquer de suas criações positrônicas. Mas eu gostava dela, assim mesmo.

Serviu de elo para as histórias de Eu, Robô *e em quatro delas foi o personagem central. Depois que o livro foi publicado (e apesar de conter um epílogo em que se aludia rapidamente à morte da Dra. Calvin em avançada idade) não pude deixar de trazê-la de volta. Escrevi outros três contos em que ela aparecia.*

Num deles, a querida Susan surgia apenas de passagem. Era Satisfação Garantida, *publicado em abril de 1951, em* Amazing Stories.

Com relação a esse conto há um detalhe interessante: recebi uma quantidade fora do comum de cartas dos leitores, quase sempre jovens e quase sempre falando pesarosamente de Tony — como se eu soubesse onde ele se encontrava.

De fato não tirarei proveito moral (nem imoral).

5 - SATISFAÇÃO GARANTIDA

Tony era alto, moreno e bonito, com um ar incrivelmente nobre em todas as linhas de sua inalterável expressão, e Claire Belmont observou-o pela porta entreaberta com um misto de horror e espanto.

— Não posso, Larry. Não posso ficar com ele em casa. — Procurou febrilmente, na mente paralisada, um jeito incisivo de expressar-se, que fizesse sentido e definisse tudo. Mas só conseguiu repetir:

— Não posso!

Larry Belmont fitou rigidamente a mulher, com aquele brilho de impaciência no olhar que Claire detestava, pois nele via refletida a sua incompetência.

— Estamos comprometidos, Claire, e você não pode desistir agora. A companhia vai me enviar a Washington por causa disso, e o resultado será provavelmente uma promoção. É perfeitamente seguro, e você sabe. Qual a objeção?

Ela franziu as sobrancelhas, sem saber o que dizer.

— Ele me dá arrepios. Não o suporto.

— É quase tão humano como você ou eu, de modo que deixe de tolices. Vamos, venha daí.

Empurrou-a pelas costas e ela encontrou-se, trêmula, no seu próprio *living.* Ele a fitava polidamente, como se estudasse a sua anfitriã das próximas três semanas. A Dra. Susan Calvin estava também presente, sentada muito rígida, lábios comprimidos, abstraída. Tinha aquele ar frio e distante de alguém que, tendo trabalhado durante tanto tempo com máquinas, trazia um pouco de seu metal no sangue.

— Olá — disse Claire, numa saudação vaga, geral.

Mas Larry salvou a situação dizendo alegremente:

— Claire, quero apresentar-lhe Tony, um camarada fabuloso. Tony, esta é a minha mulher, Claire. — Larry pousou cordialmente a mão no ombro de Tony, mas este permaneceu insensível e inexpressivo sob aquela pressão.

— Como está, Sra. Belmont? — falou.

Claire sobressaltou-se ao ouvir aquela voz. Era profunda, melodiosa, macia como seus cabelos ou a cutis do rosto.

Sem se poder conter, exclamou:

— Meu Deus, você fala?

— Por que não? Esperava o contrário?

Claire respondeu com um débil sorriso. Não sabia o que havia esperado. Desviou o olhar e depois, devagarinho, observou-o de esguelha. Tinha cabelos negros e macios. Pareciam de plástico polido — ou seriam compostos de fios separados? E a pele macia, morena, das mãos e do rosto se prolongaria para além de suas roupas de corte formal?

Perdida naquele arrepiante mistério precisou fazer um esforço para prestar atenção à voz fria, sem entonações, da Dra. Calvin.

— Sra. Belmont, espero que compreenda a importância desta experiência. Seu marido disse que já lhe deu algumas informações. Gostaria de ampliá-las, como psicóloga-chefe da U.S. Robôs e Homens Mecânicos S.A.

Prosseguindo, a Dra. Calvin afirmou:

— Tony é um robô. Sua designação nos fichários da companhia é TN-3, mas responderá ao nome de Tony. Não é um monstro mecânico, nem uma simples máquina de calcular do tipo criado durante a II Guerra Mundial, há cinquenta anos. Possui um cérebro artificial quase tão complicado como o nosso. É um imenso painel telefônico em escala atômica, de maneira que bilhões de "ligações" podem ser concentradas num instrumento que se aloja no crânio.

Em tom de explicação, ela continuou:

— Tais cérebros são manufaturados especificamente para cada robô. Contêm uma série de conexões pré-calculadas, de maneira que cada robô conhece, para começar, a língua inglesa, e o bastante de tudo o mais para realizar seu trabalho. Até agora, a U.S. Robôs limitou sua manufatura a modelos industriais, a serem usados em locais onde o trabalho humano seja difícil — minas profundas, ou tarefas submarinas, por exemplo. Mas desejamos invadir a cidade e o lar. Para isso precisamos que o homem e a mulher comuns aceitem sem medo os robôs. A senhora compreende que não há nada a temer?

— Não há mesmo, Claire — interveio Larry, muito sério. — Dou-lhe minha palavra. É impossível que ele faça algum mal. Sabe que eu não o deixaria aqui se não fosse assim.

Claire lançou um rápido olhar para Tony e baixou a voz.

— E se eu o irritar?

— Não precisa falar baixo — disse a Dra. Calvin tranquilamente. — Ele não pode se zangar com você, meu bem. Já disse que as conexões de seu cérebro são predeterminadas. A mais importante de todas é a que chamamos de Primeira Lei da Robótica e reduz-se a isto: "Um robô não pode ferir um ser humano, ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal". Todos os robôs são construídos assim. Nenhum pode ser forçado a prejudicar um ser humano. Veja então que precisamos de você e de Tony como teste preliminar para nossa orientação, enquanto seu marido se encontra em Washington para providenciar os testes legais supervisionados pelo governo.

— Quer dizer que isto não é legal? Larry pigarreou.

— Ainda não, mas está tudo em ordem. Ele não sairá de casa e você não deve permitir que alguém o veja, é só… Claire, eu ficaria com você, mas sei demasiado a respeito de robôs. Precisamos de alguém totalmente inexperiente, para que as condições do teste sejam rigorosas. É necessário.

— Está bem — murmurou Claire. E de repente: — Mas que é que ele faz?

— Trabalho doméstico — disse a Dra. Calvin secamente.

Levantou-se para sair e foi Larry quem a acompanhou até a porta. Claire deixou-se ficar onde estava, desanimada. Surpreendeu sua imagem no espelho que encimava a lareira e afastou rapidamente a vista. Estava cansada de seu rosto pequeno, sem graça, do penteado apagado, sem imaginação. Surpreendeu então o olhar de Tony fixo nela e quase sorriu, antes de lembrar-se…

Ele não passava de uma máquina.

A caminho do aeroporto, Larry Belmont avistou Gladys Claffern. Era o tipo de mulher que parecia destinada a ser vista de relance… Manufaturada com perfeição, vestida com estudado bom gosto, brilhante demais para se poder ficar olhando para ela.

O leve sorriso que a precedera e o perfume que deixou no seu caminho eram um convite a acompanhá-la. Larry perdeu o ímpeto no andar, levou a mão ao chapéu e depois apressou o passo.

Como sempre, sentiu-se vagamente irritado. Se Claire entrasse na turma de Claffern as coisas seriam bem melhores. Mas era inútil.

Claire! Nas raras vezes em que se vira diante de Gladys a tolinha ficara muda. Larry não tinha ilusões. O teste de Tony era a sua grande chance, e repousava nas mãos de Claire. Estaria muito mais seguro nas de alguém como Gladys Claffern.

Claire despertou no segundo dia ao som de uma leve batida na porta do quarto. Sua mente ficou em tumulto, depois imobilizou-se. Evitara Tony no primeiro dia, sorrindo de leve quando o encontrava e passando rápido com um murmúrio de desculpas.

— É você, Tony?

— Sim, Sra. Belmont. Posso entrar?

Devia ter respondido afirmativamente, porque ele entrou sem um ruído. A vista e o olfato de Claire registraram simultaneamente a bandeja que ele trazia.

— Café? — perguntou.

— Sim, senhora.

Não ousaria recusar, de modo que sentou-se lentamente na cama e recebeu a bandeja: ovos *pochês*, torrada com manteiga e café.

— Trouxe o açúcar e o creme separado — disse Tony. — Espero com o tempo conhecer suas preferências nisto e em outras coisas.

Ela não respondeu.

Tony, muito teso, porém maleável como uma régua de metal, perguntou, após algum tempo:

— Prefere tomar o café sozinha?

— Sim… isto é, se não se importa.

— Precisará de ajuda mais tarde para vestir-se?

— Oh, não, meu Deus! — exclamou, agarrando desesperadamente os lençóis e quase provocando uma catástrofe com o café. E assim permaneceu, rígida, para deixar-se cair contra os travesseiros quando a porta se fechou e ele desapareceu.

Tomou o desjejum sem saber como… Ele não passava de uma máquina, e se isso fosse mais evidente não seria tão assustador. Ou se mudasse de expressão. Mas limitava-se a ficar ali, pregado no mesmo lugar. Impossível dizer o que se passava por detrás daqueles olhos escuros e daquela epiderme macia, morena. A xícara de café bateu como castanholas quando ela a recolocou no pires.

Percebeu então que esquecera de acrescentar o creme e o açúcar, e detestava café puro.

Depois de vestir-se, foi direto do quarto à cozinha. Afinal, estava na sua casa, e não era exigente, mas gostava de ver a cozinha limpa. Ele devia ter aguardado suas ordens…

Mas, ao entrar, encontrou a peça como se jamais tivesse sido usada.

Parou, olhos arregalados, voltou-se e quase colidiu com Tony. Não pôde conter um gritinho.

— Posso fazer alguma coisa? — perguntou ele.

— Tony, você precisa fazer algum ruído quando caminha — disse ela, lutando contra a ira e o pânico.

— Não suporto que me espione… Você não usou a cozinha?

— Usei, Sra. Belmont.

— Não parece.

— Limpei tudo em seguida. Não é o que se faz em geral?

Claire arregalou os olhos. Afinal, que poderia replicar? Abrindo o armário onde ficavam guardadas as panelas lançou um olhar rápido e distraído para o brilho metálico que continham e disse, voz trêmula:

— Muito bem. Perfeitamente satisfatório.

Se naquele momento ele tivesse sorrido, ou pelo menos erguido ligeiramente um canto da boca, ela o acharia simpático. Mas permaneceu qual um *lord* inglês em repouso, dizendo apenas:

— Obrigado, Sra. Belmont. Quer ter a bondade de vir à sala?

Ela obedeceu e notou imediatamente:

— Esteve polindo os móveis?

— Estão bem assim, Sra. Belmont?

— Mas quando? Você não fez isso ontem.

— À noite, naturalmente.

— Esteve de luz acesa a noite inteira?

— Oh, não é necessário. Tenho embutida uma fonte de raios ultravioletas. Enxergo em ultravioleta. E não preciso dormir, naturalmente.

Mas precisava ser admirado, ela percebeu então. Precisava saber se estava agradando. Mas não conseguiu dar-lhe aquele prazer.

Limitou-se a responder, mal-humorada:

— Vocês acabarão com as empregadas domésticas.

— Elas têm trabalho muito mais importante a fazer no mundo, se ficarem livres de tarefas mesquinhas. Afinal, máquinas como eu podem ser construídas, Sra. Belmont. Mas coisa alguma pode imitar a criatividade e a versatilidade de um cérebro humano como o seu.

E embora o rosto nada manifestasse, a voz estava carregada de pasmo e admiração, de modo que Claire corou e murmurou:

— Meu cérebro! Pode ficar com ele. Tony aproximou-se um pouco ao dizer:

— Deve ser infeliz para dizer uma coisa dessas. Eu poderia fazer algo?

Claire sentiu vontade de rir. Era uma situação ridícula. Ali estava um varredor de tapetes, lavador de pratos, polidor de móveis, faz-tudo recém saído da fábrica oferecendo seus serviços como confidente e consolador!

Mas súbito, numa explosão de tristeza, falou:

— O Sr. Belmont acha que eu não tenho cérebro, se é que lhe interessa… E suponho que eu não tenha mesmo. — Não podia chorar na frente dele. Sentia, por qualquer motivo, que precisava manter a honra da raça humana diante daquela simples criação.

— Só ultimamente — acrescentou. — Corria tudo bem quando ele era estudante e estava começando na vida. Mas eu não posso ser mulher de um grande homem: e ele está se tornando muito importante. Quer que eu seja uma perfeita anfitriã e ingresse com ele na vida social, que seja como Gla… Gladys Claffern.

Tinha o nariz vermelho e desviou o rosto.

Mas Tony não a fitava. Seu olhar percorria a sala.

— Eu poderia ajudá-la a dirigir a casa.

— Não adianta — replicou, veemente. — Ela precisa de um toque que eu não lhe posso dar. Só sei torná-la confortável. Não sei transformá-la naquele tipo que fotografam para as revistas de decoração.

— Deseja uma assim?

— Que adianta desejar? Tony olhou-a com firmeza.

— Eu poderia ajudar.

— Conhece alguma coisa de decoração?

— É algo que uma boa dona-de-casa deva saber?

— Oh, sim.

— Então eu possuo potencialidades para aprender. Quer me arranjar livros sobre o assunto?

Algo teve início naquele momento.

Claire, segurando o chapéu para protegê-lo das liberdades do vento, conseguira trazer dois grossos volumes sobre artes domésticas da biblioteca pública. Observou Tony abrir um deles e folheá-lo. Era a primeira vez que via seus dedos tocarem algo parecido com um trabalho fino.

Como será que eles fazem isso? — pensou e, impulsivamente, pegou-lhe a mão e aproximou-a a fim de vê-la de perto. Tony não resistiu, e deixou-a ficar durante a inspeção.

— É extraordinário. Até suas unhas parecem naturais — disse Claire.

— É feito de propósito, naturalmente — respondeu Tony. E, em tom de conversa: — A pele é de plástico flexível e o esqueleto de uma liga metálica. Acha engraçado?

— Oh, não — disse ela, corando. — Estou meio embaraçada por investigar, de certo modo, suas entranhas. Não é da minha conta. Você não faz perguntas a respeito das minhas.

— Meu cérebro não inclui esse tipo de curiosidade. Só posso agir dentro de minhas limitações, compreende?

Houve uma pausa e Claire sentiu um aperto no coração. Por que esquecia sempre que era uma máquina? Agora, ele mesmo tivera de lembrar-lhe. Estaria tão faminta de simpatia que aceitaria até um robô como seu igual… só porque ele se mostrava compreensivo?

Notou que Tony continuava a folhear as páginas, quase a esmo, e sentiu um lampejo de superioridade.

— Você não sabe ler, sabe?

Tony fitou-a e replicou tranquilo, sem rancor:

— Estou lendo, Sra. Belmont.

— Mas… — e apontou para o livro, num gesto vago.

— Estou examinando as páginas. Meu senso de leitura é fotográfico.

Já era noite e, quando Claire foi se deitar, Tony já estava bem adiantado no segundo volume, sentado no escuro. Ou o que parecia escuro para a limitada visão de Claire.

Seu último pensamento, antes que a mente mergulhasse no sono, foi bastante estranho. Lembrou-se da mão dele, do seu contato. Era quente e macia como a de um ser humano.

Eram muito hábeis os fabricantes, pensou, adormecendo suavemente.

Durante vários dias foi constantemente à biblioteca. Tony sugeria as matérias a estudar, que rapidamente se subdividiam. Havia livros sobre combinações de cores, cosméticos, tapetes e moda, arte e história dos costumes.

Voltando as páginas de cada livro, diante de seus olhos solenes, lia com a rapidez com que folheava, e parecia incapaz de esquecer.

Antes de terminada a semana insistiu em cortar-lhe o cabelo, sugerindo um novo penteado, acertando a linha das sobrancelhas, modificando um pouco a tonalidade do pó e do batom.

Ela estremecera, nervosa, durante meia hora, sob o toque delicado de seus dedos de plástico macio e depois olhara-se ao espelho.

— Podemos fazer muito mais, principalmente no setor do vestuário — disse Tony. — Como é que se adquirem roupas, para começar?

Ela não respondeu imediatamente. Só o fez depois de sorver a imagem da estranha refletida no espelho, assim como recordar toda a beleza do acontecido. Sem tirar os olhos da animadora figura, falou:

— Sim, Tony, muito bom… para começar. Nada contou nas cartas que escrevia a Larry. Que

ele visse por si mesmo. E algo em seu íntimo disse que ela não apreciaria apenas a surpresa. Seria uma espécie de vingança.

Certa manhã, Tony disse:

— Está na hora de começar a fazer compras e eu não posso sair de casa. Se eu fizer uma lista do que precisa, exatamente, a senhora comprará? Precisamos de cortinas, e tecido para forrar as poltronas, papel de parede, forração, tinta, roupas, e uma infinidade de pequenas coisas.

— Não se pode conseguir tudo isso de uma hora para outra — falou Claire, duvidosa.

— Mas pode-se obter quase o mesmo, caso se esteja disposta a correr a cidade e o dinheiro não for obstáculo.

— Mas, Tony, o dinheiro é sempre um obstáculo.

— De modo algum. Passe pela U.S. Robôs. Eu escreverei um bilhete. Procure a Dra. Calvin e diga-lhe que isto faz parte da experiência.

A Dra. Calvin não a assustou como da primeira vez. Com a nova' maquilagem e o chapéu novo não era mais a mesma Claire. A psicóloga ouviu com atenção, fez algumas perguntas, meneou afirmativamente — e Claire saiu equipada com uma conta ilimitada da U.S. Robôs e Homens Mecânicos S.A.

É maravilhoso o que o dinheiro pode realizar. Com o conteúdo de uma loja inteira à sua disposição, a palavra da vendedora deixava de ser um decreto: o erguer de sobrancelhas de um decorador não parecia o trovão de Júpiter.

E quando o Soberano de um dos mais elegantes salões da moda recusou insistentemente o guarda-roupa que ela pedia, usando sotaque do mais puro francês da rua 57, Claire telefonou a Tony e passou o fone a *monsieur*.

Com voz firme, e dedos um tanto trêmulos, falou:

— Gostaria que dissesse uma palavra ao meu… secretário.

O Soberano aproximou-se do telefone solenemente, um braço às costas, ergueu o fone delicadamente entre dois dedos e falou:

— Alô —uma pausa e um "Sim", depois uma pausa mais longa, um começo de objeção, que pereceu de imediato, outra pausa e um "Sim" submisso. E o telefone voltou ao gancho.

— Se *madame* quiser me acompanhar — disse, ofendido e distante — tentarei satisfazer seus desejos.

— Um momento. — Claire correu ao telefone e tornou a discar.

— Alô, Tony. Não sei o que você disse, mas funcionou. Obrigada. Você é um… — procurou uma palavra apropriada, desistiu e terminou com um gritinho: — um… um amor!

Deu com Gladys Claffern a observá-la quando desligou. Uma Gladys meio divertida e meio espantada, fitando-a com a cabeça meio de lado.

— Sra. Belmont?

Claire perdeu imediatamente toda a segurança. Limitou-se a menear afirmativamente, estúpida como uma marionete.

Gladys sorriu com indefinível insolência.

— Não sabia que comprava aqui. — E o tom de voz, assim como o olhar, sugerindo que o local perdera a classe por causa disso.

— Não compro, em geral — falou Claire, humilde.

— Fez alguma coisa com seu cabelo? Está… bonitinho… Espero que me perdoe, mas o nome de seu marido não é Lawrence? Tinha a impressão de que se chamava Lawrence.

Claire rangeu os dentes, mas teve que explicar. Era preciso.

— Tony é um amigo do meu marido. Está me ajudando a fazer algumas compras.

— Compreendo. Ele é um *amor,* imagino.

E com um sorriso prosseguiu, levando consigo toda a luz e o calor do mundo.

Claire não pôs em dúvida o fato de que foi para Tony que se voltou em busca de consolo. Dez dias a haviam curado de toda relutância. E já podia chorar diante dele: chorar e enraivecer-se.

— Fui uma tola completa — gemeu, torcendo o lenço encharcado. — Ela exerce esse efeito sobre mim, não sei por quê. É o que ela faz. Eu deveria ter-lhe dado um pontapé. Devia tê-la jogado ao chão e pisoteado.

— É capaz de odiar um ser humano a esse ponto? — perguntou Tony, ligeiramente intrigado. — Esta parte da mente humana me é vedada.

— Não é ela, sou eu mesma, acho — gemeu. — Ela é tudo o que eu desejo ser… exteriormente, pelo menos… E não posso.

Tony falou baixinho e convicto:

— Pode sim, Sra. Belmont. Pode sim. Temos ainda dez dias e nesse período a casa estará completamente diferente. Não foi o que estivemos planejando?

— E de que modo isso me ajudará… em relação a ela?

— Convide-a a vir aqui. Convide os amigos dela. Planeje tudo para a véspera da minha partida. Será uma espécie de inauguração.

— Ela não virá.

— Virá, sim. Virá para rir… E não conseguirá.

— Acha mesmo? Oh, Tony, acha que conseguiremos? — Segurou-lhe ambas as mãos… E depois voltou o rosto. — Para quê? Não serei eu. Será você o responsável por tudo. Não posso me apoiar eternamente em você.

— Ninguém vive totalmente isolado — murmurou Tony. — Colocaram em mim esta idéia. O que você e todo mundo vê em Gladys Claffern não é apenas Gladys. Ela se apóia em toda aquela fortuna e posição social. E não põe isso em dúvida. Por que você o faria?… Considere as coisas sob este prisma, Sra. Belmont. Sou feito para obedecer, mas o âmbito de minha obediência é por mim determinado. Posso seguir ordens com avareza ou liberalidade. No seu caso, com liberalidade, pois fui condicionado a ver isso nos seres humanos. É bondosa, cordial, despretensiosa. A Sra. Claffern, conforme a descreve, não é, e eu não a obedeceria como obedeço aqui. Assim, é a senhora, e não eu, quem está

realizando isto tudo.

Tirou então as mãos das dela e Claire fitou aquele rosto inexpressivo, que ninguém' seria capaz de ler.

Súbito, sentiu-se de novo assustada, de modo completamente diferente.

Engolindo em seco, olhou nervosa para as próprias mãos, que vibravam ainda com a pressão dos dedos de Tony. Não era imaginação. Seus dedos haviam apertado de leve, carinhosamente, os dela, antes de se afastarem.

Seus dedos… Seus dedos… , Correu ao banheiro e escovou as mãos, furiosa e inutilmente.

Sentiu-se meio embaraçada na sua presença, no dia seguinte, observou-o atentamente, à espera de que algo acontecesse. Mas nada ocorreu durante algum tempo.

Tony trabalhava. Se surgia alguma dificuldade na técnica de colocar o papel de parede, ou de utilizar a tinta de secagem instantânea, sua atividade não o revelava. As mãos moviam-se com precisão, os dedos mostravam-se hábeis e seguros.

Trabalhou durante toda a noite. Ela não o ouvia, mas cada manhã era uma nova aventura. Impossível dizer o número de coisas que ele havia realizado, e à tarde descobria ainda novos toques. E outra noite sobrevinha.

Tentou ajudar apenas uma vez, mas sua falta de jeito bem humana atrapalhou tudo. Ele estava na sala ao lado e ela decidiu pendurar um quadro no local marcado pelos olhos matemáticos de Tony. Ali estava a marca, ali estava o quadro e ela se sentia enojada com sua ociosidade.

Mas, ou foi nervoso, ou a escada não estava firme. Não importa. Sentindo que ia cair, gritou. A escada caiu sem ela, pois Tony, com rapidez sobre-humana, segurou-a.

Seu olhar negro e tranquilo nada transmitiu, mas a voz era vibrante ao indagar.

— Machucou-se, Sra. Belmont?

Claire notou logo que sua mão, ao cair, devia ter despenteado aqueles cabelos sedosos, porque pela primeira vez verificou que se compunham de fios separados. Eram belos fios negros.

De repente sentiu-lhe os braços ao redor dos ombros e sob os joelhos, sustentando-a com firmeza e calor.

Empurrou-o e seu grito foi exagerado mesmo aos próprios ouvidos. Passou o resto do dia no quarto e, de então em diante, dormiu com uma cadeira apoiada na maçaneta da porta.

Remetera os convites e, como Tony havia dito, foram todos aceitos. Restava aguardar a última noite.

Ela chegou ao seu devido tempo. A casa nem parecia a mesma. Percorreu-a pela última vez. Todas as peças estavam transformadas. Ela própria vestira-se como jamais

ousara… E quando a pessoa se veste assim, enverga ao mesmo tempo orgulho e segurança.

Tentou um sorriso de polido desprezo diante do espelho, e o espelho respondeu à altura.

Que diria Larry? Não importava. Ele não traria dias emocionantes. Estes partiriam com Tony. Não era estranho? Tentou voltar à disposição de espírito de três semanas antes e falhou completamente.

O relógio bateu oito horas, que soaram ruidosamente aos seus ouvidos. Eram oito emocionantes batidas, e Claire voltou-se para Tony.

— Daqui a pouco todos chegarão, Tony. Melhor descer ao porão. Não podemos permitir que eles…

Arregalou os olhos, murmurando:

— Tony? — Mais forte: — Tony — E quase gritando: — *Tony!*

Ele a abraçava, rosto bem juntinho ao dela, e a pressão daqueles braços era irresistível. Ouviu-lhe a voz em meio a um tumulto emocional.

— Claire, há muita coisa que não fui feito para compreender e esta deve ser uma delas. Vou partir amanhã, mas não quero. Descobri em mim mais que um simples desejo de agradá-la. Não é estranho?

Aproximou-se mais ainda. Seus lábios eram quentes, mas nenhum sopro os perspassava. Máquinas não respiram. Estavam juntinhos aos dela.

…A campainha soou.

Por um momento lutou ofegante. Tony se afastou e desapareceu. A campainha tornou a soar com toque agudo, insistente.

As cortinas da sala da frente estavam abertas. Quinze minutos antes ela as havia fechado, tinha a certeza.

Eles deviam ter visto, então. Deviam ter visto tudo!

Entraram todos juntos, muito bem-educados, vindos para destruir, olhos agudos examinando todos os recantos. E tinham visto mesmo. Se não, por que Gladys indagaria por Larry com seu jeito mais cortante? Açoitada, Claire armou-se de um desesperado e temerário desafio.

Sim, ele está viajando. Voltará amanhã, creio. Não, não tenho me sentido solitária. Nem um pouco. Estive me divertindo bastante. E riu. Por que não? Que poderiam fazer? Larry sabia a verdade, caso alguém lhe contasse alguma história.

Mas eles não riram.

Notou-o na fúria dos olhares de Gladys Claffern, no falso brilho de suas palavras, na resolução de sair mais cedo. E quando se despediam Claire supreendeu um último e anônimo murmúrio:

— … nunca vi igual… tão bonito…

Sabia por que fora capaz de tratá-los com tanta altivez. Dissessem o que bem entendessem — que Gladys era mais bonita do que ela, tinha mais classe, era mais rica… mas ninguém, *ninguém* tinha um amante mais belo do que o seu!

Lembrou-se então que Tony era uma máquina, e um arrepio a percorreu.

— Vá embora! Deixe-me em paz! — gritou na sala vazia. Correu para a cama e chorou quase a noite inteira. Na manhã seguinte, bem cedinho, enquanto as ruas estavam desertas, um carro parou diante da casa e levou Tony.

Lawrence Belmont passou pelo gabinete da Dra. Calvin e, impulsivamente, bateu à porta. Encontrou-a com o matemático Peter Bogert, mas não hesitou.

— Claire disse que a U.S. Robôs pagou todas as reformas da minha casa…

-— Sim, nós consideramos isso um valioso e necessário fator da experiência — respondeu a Dra. Calvin. — No seu novo cargo de engenheiro associado poderá mantê-la, creio.

— Não é isso que me preocupa. Já que Washington vai concordar com os testes, poderemos obter um modelo TN para nós, no próximo ano, creio.

Voltou-se hesitante, como se quisesse sair, mas recuou, incerto.

— Que deseja, Sr. Belmont? — perguntou a Dra. Calvin, após uma pausa.

— Gostaria de saber… — começou. — Gostaria de saber o que realmente aconteceu por lá. Claire… parece tão diferente. Não se trata apenas da aparência… embora, francamente, eu tenha ficado surpreso. — Riu, nervoso. — É *elal* Não é de fato a minha mulher… não sei explicar…

— Então, por que tenta? Está desapontado com alguma coisa?

— Pelo contrário. É um pouco assustador, também, compreende…

— Se eu fosse o senhor não me preocuparia. Sua mulher saiu-se muito bem. Francamente, nunca pensei que a experiência se mostrasse tão completa. Sabemos agora quais as correções a fazer no modelo TN e o crédito pertence todo à Sra. Belmont. Se quer que eu seja franca, acho que sua mulher é quem merece promoção.

Larry estremeceu visivelmente.

— Contanto que fique em família — murmurou, e saiu.

Susan Calvin falou:

— Creio que isso machucou, é o que espero… Leu o relatório de Tony, Peter?

— De ponta a ponta — respondeu Bogert. — Não acha que o modelo TN-3 precisará de algumas modificações?

— Você também acha? — falou, áspera. — Qual o seu ponto de vista?

Bogert franziu o cenho.

— Nem precisei raciocinar. É óbvio que não podemos permitir um robô à solta, trocando carinhos com sua dona, se me permite a expressão.

— Carinhos! Peter, você me deixa doente. Então não compreendeu? Aquela máquina tinha que obedecer à Primeira Lei. Não podia permitir que um ser humano se prejudicasse, e Claire Belmont estava se prejudicando por causa de seu complexo de inferioridade. Ele fingiu apaixonar-se por ela, já que mulher alguma ficaria insensível ao fato de despertar paixão numa máquina fria, sem alma. E ele abriu as cortinas de propósito para que os outros vissem e invejassem — sem risco possível para o casamento de Claire. Creio que foi muito inteligente da parte de Tony…

— Acha mesmo? Que diferença faz se era fingimento ou não, Susan? O efeito é terrível. Leia novamente o relatório. Ela o evitou. Gritou quando ele a segurou. Não dormiu na última noite, chorando. Não podemos permitir isso.

— Peter, você é cego. Tão cego como eu fui. O modelo TN será inteiramente reconstruído, mas por outra razão. Bem outra. Estranho que eu não o tenha percebido imediatamente. — Seu olhar perdeu-se na distância, pensativo. — Mas talvez reflita uma falha minha. Veja, Peter, máquinas não se apaixonam, mas — até quando inútil e terrível — as mulheres sim.

Risco *foi publicado em maio de 1955, em* Astounding Science Fiction. *Das minhas histórias de robô subsequentes era a mais próxima de* Eu, Robô, *pois tratava-se de uma continuação de* Pobre Robô Perdido, *um dos contos daquele volume. Trata-se de um robô diferente, com um problema diferente, mas o cenário é o mesmo, como são os mesmos os personagens humanos e o projeto de pesquisa.*

6 - RISCO

Hiperbase preparara-se para aquele dia. Dispostos pela galeria da sala de observação, em ordem de importância estritamente ditada pelo protocolo, havia um grupo de oficiais, cientistas, técnicos e outros que poderiam ser agrupados sob a classificação genérica de “pessoal”. De acordo com seu temperamento individual, aguardavam esperançosos, inquietos, ansiosos ou temerosos pela culminação de seus esforços.

O interior vazio do asteróide conhecido como Hiperbase tornara-se naquele dia o eixo de um cinturão de férrea segurança, com diâmetro de dez mil milhas. Nenhuma nave que penetrasse aquela esfera sobreviveria. Mensagem alguma dali partiria sem ser examinada.

Cerca de cem milhas distantes, um pequeno asteróide movimentava-se corretamente na órbita para a qual fora programado no ano anterior, e que rodeava a Hiperbase num círculo tão perfeito quanto possível. O número de identificação daquele pequenino asteróide era H 937, mas todos na Hiperbase o chamavam de Ele. (“Esteve nEle hoje?”, “O general está nEle, furioso”, e eventualmente o pronome impessoal alcançou a dignidade de uma maiúscula.)

No Ele, desocupado agora que se aproximava zero segundo, encontrava-se o *Parsec,* a única nave da espécie construída pelo homem. Ali jazia, sem tripulação, pronta para zarpar rumo ao inconcebível.

Gerald Black, que, como brilhante elemento da engenharia etérica, tinha direito a uma cadeira de frente, estalou as juntas vigorosas, enxugou as palmas úmidas na bata branca e manchada, e disse, irritado:

— Por que não entrevista o general, ou Sua Senhoria?

Nigel Ronson, da Imprensa Interplanetária, relanceou pela galeria, em direção ao imponente General-de-Divisão Richard Kallner e a apagada mulher junto dele, quase invisível sob o brilho do uniforme de gala.

— Entrevistaria se não estivesse interessado em informação.

Ronson era baixo e gordo. Num esforço cortava o cabelo bem curto, mantinha o colarinho aberto e as calças à altura dos tornozelos, numa fiel imitação dos jornalistas de espetáculos da televisão. Contudo, era um repórter competente.

Black era vigoroso e sua cabeleira negra não deixava muito espaço para a testa, mas tinha a mente tão alerta quanto eram curtos seus dedos fortes.

— Eles têm todas as informações — replicou.

— Tolice. Kallner é vazio debaixo daqueles ala-mares dourados. Dispa-o e encontrará uma correia transportadora despejando ordens para baixo e atirando

responsabilidade para cima.

Black conteve um sorriso e sugeriu:

— Que tal a doutora?

— Dra. Susan Calvin, da U.S. Robôs e Homens Mecânicos S.A. — cantarolou o repórter. — Senhora dotada de hiperespaço onde deveria ter coração e hélio líquido nos olhos. Seria capaz de atravessar o Sol e sair do outro lado envolta em chama gelada.

Black desta vez quase não conteve o sorriso.

— E o Diretor Schloss? Ronson replicou prontamente:

— Sabe demais. Entre passar o tempo soprando a •leve faísca de inteligência do seu interlocutor e diminuir o brilho do seu cérebro para não cegá-lo, permanentemente, acaba não dizendo coisa alguma.

Desta vez Black mostrou os dentes num sorriso.

— Agora diga por que escolheu a mim.

— Fácil, doutor. Achei-o feio demais para ser burro e inteligente demais para perder uma oportunidade de ganhar publicidade pessoal.

— Lembre-me para lhe dar um soco, um dia desses — replicou Black. — Que quer saber?

O representante da Imprensa Interplanetária indicou o poço e perguntou:

— Aquilo vai funcionar?

Black olhou também para baixo e sentiu um arrepio percorrê-lo, qual leve aragem noturna de Marte. O poço era uma grande tela de televisão dividida ao meio. Parte exibia uma vista total de Ele. Em sua superfície cinzenta via-se o *Parsec,* brilhando de leve ao sol ameno. A outra metade mostrava a cabina de controle do *Parsec.* Ali não se via vida humana. No lugar do piloto havia um objeto vagamente humano, que nem por um instante ocultava o fato de tratar-se apenas de um robô positrônico.

— Fisicamente funcionará — disse Black. — Aquele robô partirá e regressará. Espaço! Foi assim que conseguimos realizar esta parte. Eu assisti a tudo. Vim para aqui duas semanas depois de me diplomar em física etérica e, à exceção de licenças e feriados, nunca mais me ausentei. Estava presente quando enviamos o primeiro fragmento de metal à órbita de Júpiter, voltando pelo hiperespaço, e recebemos metal em pó. Estava presente quando lançamos ratos brancos e recuperamos ratos triturados.

Agora o general falava mais desenvolto:

— Passamos seis meses estabelecendo um hiper-campo plano, em seguida. Precisamos anular diferenças de décimos de milionésimos de segundo de ponta a ponta, na matéria submetida à hiperviagem.

Depois disso, os ratos brancos passaram a voltar intactos. Lembro-me que festejamos durante uma semana quando um rato branco viveu dez minutos depois de

regressar. Agora vivem enquanto conseguimos cuidar deles.

— Ótimo! — exclamou Ronson. Black fitou-o de soslaio.

— Eu disse que *fisicamente* vai funcionar. Os ratos brancos que voltaram…

— E daí?

— Não tinham cérebro. Nem mesmo pequeninos cérebros de ratos brancos. Não querem comer. Têm de ser alimentados à força. Não se acasalam. Não correm. Finalmente resolvemos mandar um chimpan-zé. Foi lamentável. Era demasiado parecido com um ser humano para suportarmos observá-lo. Regressou um monte de carne que se arrastava. Movia os olhos e, às vezes, esgàravatava. Gemia e ficava sentado sobre seus excrementos, sem a menor idéia de afastar-se. Alguém o matou um dia e foi um alívio geral. Digo-lhe uma coisa, rapaz: nada que tenha ido ao hi-perespaço regressou com inteligência.

— Posso publicar isto?

— Depois desta experiência, talvez. Esperam muito dela. — E Black ergueu um cantinho da boca.

— Você não?

— Com um robô nos controles? Não. — Automaticamente Black recordou aquele interlúdio, há alguns anos, em que quase fora responsável involuntário pela perda de um robô. Pensou nos modelos Nestor, que enchiam a Hiperbase com seu saber embutido e limitações de perfeccionistas. Que adiantava falar em robôs? Ele não era, por natureza, missionário.

Mas Ronson, preenchendo seu silêncio com mexericos, substituiu o chiclete que mascava por um novo. Não me diga que você é anti-robô. Sempre ouvi dizer que os cientistas são o único grupo que não se manifesta contra eles.

A paciência de Black esgotou-se:

— É verdade, e este é o problema. A tecnologia anda doida por robôs. Qualquer setor precisa ter um.

senão o engenheiro se sente defraudado. Se você precisa de um prendedor de portas, compra um robô. Um robô de pés largos. Isto é muito sério.

— Falava em voz baixa, intensa, diretamente no ouvido de Ronson.

Este conseguiu livrar o braço, protestando:

— Ei, eu não sou robô. Não desabafe em cima de mim. Sou homem. *Homo sapiens.* Quebrou um osso do meu braço. Isto não é prova?

Mas, tendo começado, não havia brincadeira que detivesse Black.

— Sabe quanto tempo se gastou neste projeto? Construímos um robô perfeitamente comum e demos uma ordem. Pronto. Ouvi a ordem ao ser dada. Decorei-a. Curta e simples. “Segure a barra com firmeza. Puxe-a com firmeza na sua direção. *Com firmeza!* Continue segurando, até que o painel de controle informe que ultrapassou duas

vezes o hiperespaço.”

Cônscio do que dizia, Black prosseguiu:

— Assim, à zero hora o robô agarrará a barra de controle e a puxará com firmeza na sua direção. Terá as mãos aquecidas à temperatura do corpo humano. Uma vez que a barra de controle esteja em posição, a expansão calórica estabelecerá o contato, e o hiper-campo é iniciado. Se algo acontecer ao seu cérebro durante a viagem ao hiperespaço não tem importância. Basta que mantenha a posição por um microins-tante. A nave regressará e o hipercampo desaparecerá. Nada pode sair errado. Em seguida estudaremos todas as suas reações generalizadas e verificaremos as falhas, caso haja alguma.

Ronson ficou desapontado.

— Isto parece ter sentido.

— Parece? — falou Black, amargo. — E que se concluirá do cérebro de um robô? É positrônico, o nosso é celular. É metálico, o nosso é proteína. Não são iguais. Não há grau de comparação. Contudo, estou convencido que, baseados no que aprenderem, ou julgarem que aprenderam, com o robô, enviarão homens ao hiperespaço. Pobres diabos! Ouça, a questão não é morrer. O problema é voltar com a mente anu-

lada. Se tivesse visto o chimpanzé compreenderia o que estou dizendo. A morte é limpa e definitiva. Isso…

— Falou a respeito com alguém? — perguntou o repórter.

— Sim. Dizem o mesmo que você. Dizem que sou anti-robô e está acabado. Veja ali a Dra. Susan Calvin. Pode apostar que ela não é anti-robô. Veio da Terra especialmente para assistir à experiência. Se houvesse um homem nos controles não se daria a esse trabalho. Mas é inútil!

— Ei, não pare agora. Preciso saber mais.

— Que mais?

— Outros problemas. Explicou o robô. Mas por que todas essas medidas de segurança, assim de repente?

— Como?

— Ora, vamos! De repente não posso enviar meus despachos. De repente as naves não podem penetrar nesta área. Que está se passando? Trata-se de uma simples experiência. O público está a par do hiperespaço e do que vocês estão procurando fazer. Então, por que tanto segredo?

Um resto de zanga ainda fervilhava em Black -— ira contra os robôs, contra Susan Calvin, contra a lembrança daquele pequeno robô que se perdera no passado. E sobrava um pouco para o irritante jornalista com suas irritantes perguntas.

Pensou consigo mesmo: “Vamos ver como é que ele recebe isto!”

E em voz alta:

— Quer mesmo saber?

— Claro.

— Está bem. Nunca iniciamos um hipercampo para qualquer objeto com milionésimo do tamanho daquela nave, nem para enviá-lo a um milionésimo daquela distância. Isto significa que o hipercampo a ser breve iniciado é um milhão de vezes mais energético do que todos os que testamos até agora. Não estamos bem certos do que acontecerá.

— Que significa isso?

— A teoria diz que a nave será depositada nas proximidades de Sírio e de lá trazida em segurança. Mas qual o volume de espaço ao redor do *Parsec* que será transportado com ela? Difícil dizer. Não sabemos muito a respeito do hiperespaço. O asteróide onde repousa a nave poderá ir com ela e se houver mesmo uma pequenina falha nos nossos cálculos, talvez jamais regresse. Talvez volte, digamos, a vinte bilhões de milhas de distância. E há uma chance de que, além do asteróide, outras coisas sejam arrastadas.

— O quê? — quis saber Ronson.

— Ignoramos. Há um elemento de incerteza estatística. É por isso que as naves não podem se aproximar. É por isso que mantemos silêncio enquanto a experiência não se realiza.

Ronson engoliu em seco.

— E se alcançar a Hiperbase?

— Há uma possibilidade — disse Black, tranquilo. — Mas não uma possibilidade muito grande, se não o Diretor Schloss não estaria aqui, garanto. Contudo, há uma chance matemática.

O repórter consultou o relógio.

— E quando vai acontecer tudo isso?

— Dentro de cinco minutos. Não está nervoso, está?

— Não — respondeu Ronson, sentando-se, perguntas esgotadas.

Black debruçou-se na grade. Os minutos finais esgotaram-se.

O robô moveu-se!

Houve uma agitação geral. Inclinaram-se todos para a frente e as luzes foram diminuídas, a fim de tornar mais nítida a cena lá embaixo. Mas até então só houvera o primeiro movimento. As mãos do robô aproximaram-se da barra de controle.

Black aguardava o segundo final em que puxaria a barra na sua direção. Imaginava diversas possibilidades e todas lhe ocorreram simultaneamente.

Primeiro haveria o rápido faiscar indicando a partida e o regresso do superespaço. Embora o intervalo de tempo fosse muito curto, a volta não se daria à

posição inicial *exata* e haveria uma faísca. Isto acontecia sempre.

E então, quando a nave regressasse, talvez descobrissem que os dispositivos para aplainar o campo por todo o seu imenso volume haviam se revelado inúteis. O robô poderia estar reduzido a sucata de aço. A nave, a sucata metálica.

Ou os cálculos talvez não estivessem perfeitos e a nave jamais voltasse. Ou, pior ainda, a Hiperbase iria com ela e nunca mais voltaria.

É claro que tudo poderia correr bem. A nave piscaria e estaria de volta em perfeitas condições. O robô, com o cérebro intacto, sairia do seu lugar e faria o sinal de ter completado com sucesso sua primeira viagem de objeto construído pelo homem para além do controle gravitacional do Sol.

Esgotara-se o último minuto.

Chegou o segundo final, o robô agarrou a alavanca e puxou-a com firmeza na sua direção.

Nem uma faísca. Nada!

O *Parsec* não saiu do espaço normal.

O General-de-Divisão Kallner tirou o boné para enxugar a testa coberta de suor e ao fazê-lo expôs uma calva que o teria envelhecido dez anos, se a expressão tensa já não houvesse se encarregado disso. Quase uma hora havia passado após o fracasso do *Parsec* e nenhuma providência fora tomada.

— Que aconteceu? Como aconteceu? Não compreendo.

O Dr. Mayer Schloss, que aos quarenta anos era o "velhinho" da jovem ciência das matrizes de hiper-campos, falou desanimado:

— A teoria básica está correta. Juro pela minha vida. Há uma falha mecânica nalgum ponto da nave. Só isso. — E repetia a mesma coisa dúzias de vezes.

— Julguei que tudo havia sido testado. — Isso também se repetira dúzia de vezes.

— E foi, senhor, foi mesmo. Ainda assim… Olhavam um para o outro no escritório de Kallner, onde fora proibida a entrada a todo o pessoal. Nenhum dos dois ousava encarar a terceira pessoa presente.

Não havia expressão nos lábios finos e no rosto pálido de Susan Calvin. Glacial, falou:

— Podem consolar-se com o que eu disse antes. É duvidoso que algo de útil resultasse da experiência.

— Não estamos em hora de voltar à antiga discussão — gemeu Schloss.

— Não estou discutindo. U.S. Robôs e Homens Mecânicos S.A. fornece robôs segundo especificações a qualquer comprador legal, para qualquer finalidade legal. Cumprimos a nossa parte. Informamos que era impossível garantir a viabilidade de

conclusões com respeito ao cérebro humano baseadas no que ocorresse ao cérebro positrônico. Nossa responsabilidade termina aí. Não há discussão.

— Céus — murmurou o General Kallner, em tom que tornava ainda mais ameno e expletivo. — Não vamos discutir isso.

— Que mais poderíamos fazer? — resmungou Schloss, voltando ao assunto, apesar de tudo. — Até sabermos exatamente o que acontece ao cérebro no hiperespaço não progrediremos. A mente do robô é pelo menos capaz de análise matemática. É um ponto de partida, um começo. E até experimentarmos… — Ergueu a cabeça, desesperado. — O importante não é o seu robô, Dra. Calvin. Não nos preocupamos com ele ou com seu cérebro positrônico. Diabo, mulher… — Sua voz alterou-se, era quase um grito.

A robô-psicóloga silenciou-o com palavras que mal se erguiam acima de monótono timbre habitual.

— Nada de histeria, rapaz. No decorrer de minha vida já presenciei diversas crises e nenhuma foi resolvida com histeria. Quero que responda algumas perguntas.

Os lábios carnudos de Schloss estremeceram e seus olhos profundos deram a impressão de mergulhar nas órbitas, deixando poços escuros no seu lugar.

— Estudou engenharia etérica? — perguntou, áspero.

— A pergunta é irrelevante. Sou robô-psicóloga-chefe da U.S. Robôs e Homens Mecânicos S.A. Há um robô positrônico sentado diante dos controles do *Parsec.* Como todos os robôs, foi alugado e não vendido. Tenho o direito de exigir informação relativa ao experimento no qual ele toma parte.

— Fale com ela, Schloss — gritou o General KalIner. — Ela… é de confiança.

A Dra. Calvin voltou seus olhos pálidos para o general, que estivera presente no caso do robô perdido e que, portanto, não cometeria o erro de subestimá-la. (Schloss estava doente na ocasião, e o que se ouve não tem a mesma eficácia que a experiência pessoal.)

— Obrigada, general — disse ela.

Schloss olhou de um para outro, desanimado, murmurando:

— Que deseja saber?

— Evidentemente, a primeira pergunta é: já que o problema não é o robô, qual é, então?

— Mas isso é óbvio. A nave não se moveu. Não viu? É cega?

— Vejo muito bem. O que não compreendo é tanto pânico por causa de uma falha mecânica. Vocês não esperam falhar de vez em quando?

O general murmurou:

— É a despesa. A nave é absurdamente dispendiosa. O congresso mundial… apropriações… — calou-se.

— A nave continua no mesmo lugar. Uma rápida vistoria e ajuste não representariam grande complicação.

Schloss recuperara o autodomínio. Sua expressão era a de um homem que agarrara a alma com ambas as mãos, agitara-a com força e a colocara de pé. Sua voz chegara a assumir um tom paciente.

— Dra. Calvin, quando digo falha mecânica refiro-me a algo como um relê enguiçado por uma partícula de poeira, uma conexão interrompida por um pouco de graxa, um transistor parado por momentânea expansão calórica, uma dúzia de diferentes coisas. Ou cem outras. Qualquer delas pode ser temporária e deixar de agir a qualquer momento.

— Isto significa que a qualquer momento o *Parsec* poderá transpor o hiperespaço e regressar, afinal?

— Exatamente. Compreende agora?

— Absolutamente. Não é isso o que desejam? Schloss fez um gesto de quem quer arrancar da cabeça um punhado de cabelos, mas respondeu:

— A senhora não é engenheira etérica.

— E isso o inibe, doutor? Desesperado, Schloss explicou:

— A nave estava ajustada para saltar de determinado ponto no espaço relativo ao centro de gravidade da galáxia, até outro ponto. A volta seria ao local de partida, corrigido pelo movimento do sistema solar. Na hora que transcorreu depois que o *Parsec* não funcionou, o sistema solar mudou de posição. Os parâmetros originais, os quais o hipercampo está ajustado, tornaram-se inúteis. As leis comuns do movimento não se aplicam ao hiperespaço e levaríamos semanas de computação para calcular um novo grupo de parâmetros.

— Quer dizer que se a nave se mover agora regressará a um ponto imprevisível, a milhares de milhas daqui?

— Imprevisível? — Schloss sorriu sem humor. — Diria que sim. O *Parsec* pode parar em Andrômeda, ou no centro do Sol. De qualquer modo é provável que nunca mais o vejamos.

Susan Calvin meneou a cabeça.

— A situação é a seguinte, então: se a nave desaparecer, o que pode ocorrer a qualquer momento, alguns bilhões de dólares dos contribuintes desaparecerão de modo irrecuperável e — ao que todos dirão — por incompetência.

O General Kallner não estremeceria mais visivelmente se fosse espetado com um alfinete no traseiro. A robô-psicóloga prosseguiu:

— O mecanismo do hipercampo da nave tem de ser anulado o mais depressa possível. Algo precisa

ser desligado, ou solto, ou desatado. — Falava mais para si mesma.

— Não é tão simples assim — replicou Schloss. — Não posso explicar tudo, uma vez que não é especialista em etérica. É como tentar interromper um circuito elétrico comum cortando um fio de alta tensão com tesouras de jardinagem. Poderia ser desastroso. *Seria* desastroso.

— Então, qualquer tentativa para desligar o mecanismo lançaria a nave ao hiperespaço?

— Qualquer tentativa *a esmo* resultaria *provavelmente* nisso. Hiperforças não são limitadas pela velocidade da luz. É bem provável que não conheçam qualquer limite, o que torna as coisas extremamente difíceis. A única solução razoável é descobrir a natureza da falha e daí encontrar um meio seguro de desligar o campo.

— E como propõe realizar isto, Dr. Schloss?

— Parece que a única coisa a fazer é mandar um dos nossos robôs Nestor…

—- Não! Que tolice! — interveio Susan Calvin.

— Os Nestors têm conhecimentos de problemas de engenharia etérica — replicou Schloss, seco. — Estão idealmente…

— Fora de cogitação. Não pode usar um dos nossos robôs positrônicos para esta finalidade sem a minha permissão. Não a tem e eu não a darei.

— Qual a alternativa?

— Mande um dos seus engenheiros. Schloss meneou violentamente a cabeça.

— Impossível. O risco é demasiado. Se perdermos uma nave e um homem…

— Mas não pode usar um robô Nestor, ou qualquer outro robô.

— Preciso comunicar-me com a Terra — disse o general. — Este problema tem de ser resolvido em escalões mais altos.

Susan Calvin falou, áspera:

— Eu não o faria por enquanto, general. Estará se colocando à mercê do governo, sem uma sugestão ou plano de ação. Não se sairá muito bem, com certeza.

— Mas que faremos? — murmurou o general, voltando a usar o lenço.

— Mande um homem. Não há alternativa. Schloss empalideceu, adquirindo uma tonalidade acinzentada.

— É fácil dizer "Mande um homem". Mas quem?

— Estive estudando o problema. Há um rapaz — chama-se Black — que conheci por ocasião de minha visita anterior à Hiperbase.

— Dr. Gerald Black?

— Creio que sim. Era solteiro naquele tempo. Continua?

— Acho que sim.

— Sugiro que mande chamá-lo, digamos, dentro de quinze minutos e, entrementes, eu poderei estudar sua ficha.

Tranquilamente havia assumido a liderança da situação, e nem Kallner nem Schloss fizeram qualquer tentativa para disputá-la.

Black vira Susan Calvin de longe, na sua segunda visita à Hiperbase, e nada fizera para encurtar a distância. Chamado a sua presença, surpreendeu-se fitando-a com repulsa e aborrecimento. Mal notou o Dr. Schloss e o General Kallner logo atrás.

Lembrou-se da última vez em que a havia enfrentado, submetendo-se a uma fria dissecção por causa de um robô perdido.

Os olhos cinzentos e glaciais da Dra. Calvin estavam fixos nos seus, castanhos e brilhantes.

— Dr. Black, creio que compreende a situação.

— Compreendo — respondeu Black.

— É preciso fazer alguma coisa. A nave é demasiado dispendiosa para perder-se. E a publicidade negativa significaria provavelmente o fim do projeto.

Black fez que sim.

— Estive pensando nisso.

— Espero que tenha raciocinado também que é necessário alguém ir ao *Parsec,* a fim de descobrir o que falhou e… desligá-lo.

Houve uma pausa. Áspero, Black falou:

— Que idiota iria à nave?

Kallner franziu o cenho e fitou Schloss, que mordeu o lábio e desviou o olhar.

— Existe a possibilidade de ativamento acidental do hipercampo, naturalmente — disse Susan Calvin. — Neste caso, a nave poderá colocar-se fora de alcance. Por outro lado, poderá regressar a um ponto dentro do sistema solar. Nenhuma despesa ou esforço serão poupados então para recuperar homem e nave.

— Idiota e nave! Permita que eu corrija. Susan Calvin ignorou o comentário.

— Pedi ao General Kallner permissão para falar-lhe. É o senhor quem deve ir.

Não houve pausa alguma. Black replicou da maneira mais definitiva:

— Não sou voluntário, minha senhora.

— Na Hiperbase não há nem uma dúzia de homens com conhecimento bastante para cumprir com êxito a missão. Dos que têm conhecimento, escolhi-o, baseada no nosso prévio relacionamento. Enfrentará a tarefa com uma compreensão…

— Ouça, *não* sou voluntário.

— Não tem alternativa. É claro que assumirá a sua responsabilidade.

— *Minha* responsabilidade? Por que minha?

— Porque é o mais apto para cumpri-la.

— Conhece os riscos?

— Creio que sim.

— Tenho a certeza que não. Não viu o chimpanzé. Ouça, quando disse "idiota e nave" não estava manifestando uma opinião. Expunha um fato. Arriscaria minha vida se fosse preciso. Não com prazer, talvez, mas arriscaria. Arriscar idiotice, uma vida inteira de desligamento animalesco, é algo que não pretendo. E basta.

Susan Calvin fitou pensativa o rosto suarento e zangado do jovem engenheiro.

— Mande um dos seus robôs, um dos seus NS-2! — gritou Black.

O olhar da psicóloga desprendeu um brilho frio. Em tom decidido, falou:

— O Dr. Schloss sugeriu isto. Mas os robôs NS-2 1 são alugados por nossa firma, e não vendidos. Custam milhões de dólares, como sabe. Represento a companhia e decidi que são demasiado dispendiosos para serem arriscados num caso como este.

Black ergueu as mãos, punhos cerrados, e levou-as à altura do peito, como se as contivesse à força.

— Está dizendo que quer que eu vá em lugar de um robô porque sou mais dispensável…

— Para falar a verdade, sim.

— Dra. Calvin, prefiro antes vê-la no inferno.

— Isto pode vir a ser literalmente verdade, Dr. Black. Como o General Kallner confirmará, recebeu uma ordem para cumprir esta missão. Está praticamente sob regulamento militar aqui e se recusar poderá ser submetido à corte marcial. Isto significa prisão em Mercúrio, na minha opinião: bastante próximo do inferno para tornar realidade o seu desejo, caso eu vá visitá-lo, o que provavelmente não farei. Por outro lado, se concordar em ir ao *Parsec* e cumprir esta missão, isto significará muito para a sua carreira.

Olhos injetados de sangue, Black fitou-a, furioso.

— Dê-lhe cinco minutos para pensar no assunto, General Kallner, e mande preparar uma nave — disse a Dra. Calvin.

Dois guardas da segurança escoltaram Black para fora da sala.

Gerald Black sentia frio. Suas pernas moviam-se como se não fizessem parte do seu corpo. Tinha a impressão de observar a si mesmo de um local distante e seguro, vendo-se a bordo da nave e pronto a partir para Ele e o *Parsec.*

Não conseguia acreditar. Súbito inclinaria a cabeça, dizendo:

— Irei.

Mas por quê?

Jamais se considerara um herói. Então, por quê?

Em parte, naturalmente, pela ameaça da prisão em Mercúrio. Parte por causa da relutância em parecer um covarde aos olhos dos que o conheciam, aquela covardia mais profunda que se oculta por trás da metade da bravura deste mundo.

Mas havia ainda um outro motivo, mais importante.

Ronson, da Imprensa Interplanetária, detivera Black momentaneamente, a caminho para a nave. O engenheiro fitara o rosto vermelho do repórter.

— Que quer?

— Ouça! — gaguejara Ronson. — Quando voltar, quero exclusividade da história. Conseguirei a remuneração que pedir, seja qual for…

Black afastara-o com tal violência que ele caíra ao chão, e passara adiante.

A nave era tripulada por dois homens. Nenhum falou com ele. Olhavam por cima e ao redor de sua pessoa. Para Black isso não tinha importância. Estavam apavorados, e a nave se aproximava do *Parsec* qual um gatinho deslizando de esguelha em direção a um cão que via pela primeira vez. Poderia ignorá-los.

Só um rosto não lhe saía da lembrança. A ansiosa expressão do General Kallner e o olhar de fria determinação de Schloss eram momentâneas pontadas no seu consciente. Desapareciam quase de imediato. Era o rosto impassível de Susan Calvin que ele via, sua imperturbável tranquilidade quando ele entrara na nave.

Olhou para a escuridão espacial onde a Hiperbase desaparecia.

Susan Calvin! Dra. Susan Calvin! Robô-psicóloga Susan Calvin! O robô que parece mulher!

Quais seriam suas três leis, perguntou a si mesmo? *Primeira Lei:* Protegeras o robô com todas as tuas forças, com todo o teu coração e com toda a tua alma. *Segunda Lei:* Honrarás os interesses da U.S. Robôs e Homens Mecânicos S.A., exceto quando interfiram com a Primeira Lei. *Terceira Lei:* Levarás em consideração um ser humano, exceto quando interfira com a Primeira e a Segunda Leis.

Terá sido jovem um dia? Perguntou a si mesmo, furioso. Terá jamais sentido uma emoção sincera?

Céus! Como gostaria de fazer alguma coisa — algo que apagasse aquela expressão vazia de seu rosto.

E faria mesmo!

Pelas estrelas, faria! Se saísse daquela aventura em são juízo, ele a arrasaria, e toda a companhia, com sua maldita ninhada de robôs. Era a idéia que o impulsionava, mais do que o temor à prisão ou o desejo de prestígio social. Era a idéia que quase fazia desaparecer completamente o medo. Quase.

Um dos pilotos murmurou, sem fitá-lo:

— Pode saltar aqui. Meia milha de altura.

— Não vão pousar? — perguntou Black, amargo.

— Ordens estritas para não pousar. A vibração poderia…

— E a vibração do meu salto?

— Recebi ordens — disse o piloto.

Black nada mais disse. Vestindo o traje, esperou que a portinhola interior se abrisse. Havia uma caixa de ferramentas presa ao traje metálico, à altura da coxa direita.

Mal entrou no compartimento, os fones instalados no interior do seu capacete murmuraram:

— Boa sorte, doutor.

Levou alguns segundos para compreender que se tratava dos dois tripulantes da nave, fazendo uma pausa na sua ânsia de escapar daquele ameaçador volume de espaço para desejar-lhe êxito, pelo menos.

— Obrigado — disse Black, meio sem jeito, meio ressentido.

E viu-se no espaço, caindo lentamente graças ao leve impulso dos pés contra a porta exterior.

Via o *Parsec* a sua espera e, olhando entre as pernas no exato instante da queda, avistou o longo jato lateral da nave que o havia trazido, apresentando-se para o regresso.

Estava só! Grandes espaços, e estava só!

Teria alguém, no decorrer da história humana, se sentido tão sozinho?

Mórbido, perguntou a si mesmo se perceberia o que estava acontecendo — caso acontecesse. Haveria um instante de compreensão? Sentiria a mente esvair-se e a luz da razão e o raciocínio diminuir e apagar-se?

Ou aconteceria de repente, qual o golpe rápido e violento de uma faca?

Em ambos os casos…

A lembrança do chimpanzé, olhos vazios, estremecendo diante do horrores inomináveis, continuava bem viva.

O asteróide encontrava-se agora a uns sessenta metros abaixo de seus pés. Flutuava no espaço com um movimento absolutamente macio. Exceto por intervenção humana, nenhum grão de areia que sobre ele se encontrasse mudaria de lugar em períodos astronômicos de tempo.

Na sua extrema imobilidade, qualquer partícula de poeira enguiçaria a delicada unidade que funcionava a bordo do *Parsec,* ou uma minúscula impureza no óleo fino que banhava alguma peça móvel detivera todo o conjunto.

Talvez bastasse uma pequena vibração, o mínimo tremor resultante da colisão de massa com massa para libertar aquela peça móvel, fazendo-a percorrer o caminho que lhe

era destinado, criando o hipercampo, desabrochando numa rosa incrivelmente madura.

Seu corpo estava para tocar o Ele, e Black encolheu as pernas, ansioso para “pousar de leve”. Não queria pisar no asteróide. Sua epiderme arrepiou-se toda, numa intensa aversão.

Aproximou-se.

Agora… agora…

Nada!

Houve apenas o contato com o asteróide, os indizíveis momentos de crescente pressão resultantes da massa de cento e vinte e cinco quilos (ele e mais o traje) com total inércia, mas quase sem peso.

Black abriu lentamente os olhos e embebeu-se na visão das estrelas. O Sol era uma bola de gude faiscante, seu brilho amenizado pelo escudo protetor do capacete. As estrelas tinham débeis cintilações, mas seguiam o traçado conhecido. Com o Sol e as constelações normais encontrava-se ainda no sistema solar. Avistava até a Hiperbase, uma pequenina meia-lua quase apagada.

Causou-lhe um choque a súbita voz aos seus ouvidos. Era Schloss.

— Nós o estamos acompanhando, Dr. Black. Não está sozinho!

Black quase riu da fraseologia, mas limitou-se a responder em tom bem claro:

— Dê o fora, para não me perturbar. Uma pausa. A voz de Schloss, insinuante:

— Se quiser ir relatando o que faz será um alívio de tensão.

— Receberão informação quando eu voltar. Não antes.

Falou irritado e seus dedos envoltos em metal aproximaram-se do painel de controle ao peito, desligando o rádio do traje. Falassem sozinhos, se quisessem. Tinha seus planos. Se saísse de juízo perfeito, o espetáculo seria só dele.

Levantou-se com infinitas precauções. De pé no Ele, oscilou um pouco devido a movimentos musculares involuntários, resultantes da quase total ausência de gravidade, caindo numa série de impulsos em diferentes direções. Na Hiperbase havia um campo pseu-dogravítico para sustentá-los, e Black percebeu que parte de sua mente continuava bastante objetiva para recordar isso e apreciá-lo *in absentia.*

O Sol desapareceu por trás de um penhasco. As estrelas giravam visivelmente, em ritmo com o período de rotação de uma hora do asteróide.

Avistou o *Parsec* de onde se encontrava e adiantou-se naquela direção, lento, prudente, quase na ponta dos pés. (Sem vibração. Sem vibração. As palavras martelavam-lhe a mente quase numa prece.)

Sem perceber, percorreu a distância que o separava da nave e encontrou-se junto à fileira de alças que conduziam à escotilha exterior.

Ali parou.

A nave parecia inteiramente normal. Ou, antes, parecia normal, à exceção do círculo de saliências metálicas que a rodeavam a um terço de sua altura, e um segundo, a dois terços. No momento deviam estar se apresentando para tornar-se os pólos do hiper-campo.

Um estranho desejo de esticar-se e acariciar uma delas dominou Black. Era um desses impulsos irracionais, como a idéia momentânea, quase inevitável, que acomete a pessoa no alto de um edifício — “E se eu saltasse?”

Black respirou fundo e sentiu-se coberto de suor ao estender os dedos de ambas as mãos, e, de leve, muito de leve, apoiar as palmas no casco da nave.

Nada!

Segurou a alça mais baixa e deu um cuidadoso impulso para cima. Desejou ter a experiência de movimentos em gravidade zero que possuíam os operários de construção. Era preciso fazer força para vencer a inércia e depois parar. Prolongando o impulso por mais um segundo, perderia o equilíbrio e colidiria com o casco da nave.

Subiu lentamente, com cuidado, pernas e quadris movendo-se para a direita, quando erguia o braço esquerdo, e para a esquerda ao erguer o braço direito.

Uma dúzia de degraus e seus dedos hesitaram sobre o contato que abriria a escotilha externa. O sinal de segurança era uma pequenina mancha verde.

Novamente hesitou. Pela primeira vez usaria a força da nave. Mentalmente percorreu os diagramas da fiação, a distribuição de força. Se comprimisse o contato, a energia se projetaria para fora da micropilha, abrindo o maciço painel de metal que era a escotilha externa.

E depois?

Que adiantava? Se não soubesse onde se encontrava a falha não haveria maneira de conhecer o efeito da diversão de energia. Suspirando, tocou o contato.

Macio, sem enguiços e sem ruído, um segmento da nave abriu-se. Black lançou um último olhar às constelações amigas (não haviam se modificado) e penetrou na cavidade suavemente iluminada. A escotilha externa fechou-se às suas costas.

Outro contato. A escotilha interna precisava ser aberta. Nova pausa para meditar. A pressão atmosférica no interior da nave cairia ligeiramente quando a escotilha abrisse, e segundos transcorreriam antes que os eletrolisadores compensassem a perda.

E depois?

A placa Bosch, para mencionar um item, era sensível à pressão, mas não a esse ponto, com certeza.

Suspirou novamente, mais de leve (o movimento do seu medo estava ficando calejado) e apertou o contato. A escotilha interna abriu-se.

Penetrando na sala de pilotagem do *Parsec* sentiu o coração bater estranhamente. A primeira coisa que avistou foi o painel de visão, ligado para recepção e

pontilhado de estrelas. Com um esforço observou-as.

Nada!

Cassiopeia estava visível. As constelações prosseguiam normais e ele se encontrava no interior do *Parsec.* De certo modo, achou que o pior havia passado. Tendo chegado até ali, permanecendo dentro do sistema solar e conservando a sanidade mental, sentiu algo parecido com uma antiga segurança recomeçar a dominá-lo.

Reinava uma tranquilidade quase sobrenatural no *Parsec.* Black estivera em diversas naves no decorrer de sua vida, mas havia sempre ruídos de vida, ainda que apenas um arrastar de sapato, ou o cantarolar de um camaroteiro pelo corredor. Ali, até o pulsar do seu coração parecia abafado.

O robô sentado no lugar do piloto tinha as costas voltadas para ele e não indicou por sinal algum ter percebido a sua entrada.

Black exibiu os dentes num sorriso selvagem e disse, áspero:

— Largue a alavanca! Levante-se!

O som de sua voz parecia um verdadeiro trovão naquele espaço confinado.

Tarde demais lembrou-se das vibrações do ar provocadas pela sua voz, mas as estrelas permaneceram imóveis no painel.

O robô, naturalmente, não se moveu. Não estava programado para receber sensações de qualquer espécie. Não reagiria sequer à Primeira Lei. Estava imobilizado em meio ao ato que deveria pertencer a um processo quase instantâneo.

Lembrou-se das ordens que havia recebido. Não davam lugar a quaisquer dúvidas. “Agarre a alavanca com firmeza. Puxe-a na sua direção. Com firmeza! Continue a segurá-la até que o painel de controle informe que você passou duas vezes pelo hiperespaço.”

Bem, não havia atravessado o hiperespaço nem uma só vez.

Cautelosamente aproximou-se do robô. Continuava sentado, com a alavanca firme entre os joelhos, o que colocava o mecanismo disparador quase no ponto de ajuste. A temperatura de suas mãos de metal comprimiriam o disparador, pelo processo termonuclear, de modo a fazer contato. Automaticamente Black relanceou para o termômetro inserido no painel de controle. As mãos do robô estavam a 37° C, como deveriam estar.

Pensou, irônico: “Ótimo. Estou sozinho com esta máquina e não posso fazer nada em relação a ela”.

Gostaria de ter um pé de cabra para destruí-la até o último pedacinho. Saboreou a idéia. Imaginava o horror na fisionomia de Susan Calvin (se é que horror podia atravessar gelo, ver um robô destruído faria). Como todos os robôs positrônicos, aquele era propriedade da U.S. Robôs, onde fora fabricado e testado.

E tendo extraído o máximo daquela vingança imaginária, acalmou-se e olhou à

volta. Até então, seu progresso fora zero.

Despiu lentamente o traje e pendurou-o com cuidado no cabide. Desajeitado, percorreu uma cabina após outra, estudando as amplas superfícies que se encaixavam no motor hiperatômico, acompanhando os cabos, inspecionando os relês.

Nada tocou. Havia uma dúzia de maneiras de desativar o hipercampo, mas qualquer uma seria desastrosa, a menos que conhecesse, aproximadamente, pelo menos, onde se localizava o erro e se orientasse corretamente por ele.

Surpreendeu-se de volta ao painel de controle e gritou, exasperado com a solene gravidade das amplas costas do robô:

— Diga você, o que saiu errado!

Sentiu impulsos de atacar a esmo a maquinaria da nave. Destruí-la e liquidar com a história, mas conteve-se energicamente. Ainda que levasse uma semana deduziria, fosse como fosse, qual o ponto a atacar. Isso ele devia à Dra. Susan Calvin, e aos seus planos relativos a ela.

Deu meia-volta, ponderando. Cada parte da nave, do motor às chaves reversíveis, fora minuciosamente examinada e testada na Hiperbase. Era quase impossível crer que algo falhasse. Não havia nada a bordo…

Havia sim, claro. O robô! Fora testado na U.S. Robôs e eles, diabo, podiam ser considerados competentes.

Que é que todo mundo dizia? Um robô trabalha sempre melhor.

Era a convicção geral, baseada em parte nas campanhas promocionais da U.S. Robôs, que fabricava um aparelho melhor do que um homem para uma específica finalidade. Não "tão bom como um homem", porém "melhor do que um homem".

Olhando para o robô e meditando naquilo, Black franziu o cenho, e de repente sua expressão tornou-se um misto de espanto e louca esperança.

Aproximando-se, rodeou o robô, examinando-lhe os braços que mantinham a alavanca de controle em posição de disparar, segurando-a eternamente, a menos que a nave fizesse o salto ou o seu suprimento de energia se esgotasse.

— Aposto. *Aposto* — murmurou Black. Afastou-se um pouco, raciocinando intensamente.

— *Tem* que ser isso.

Ligou o rádio da nave. Sua onda transmissora já estava focalizada na Hiperbase.

— Ei, Schloss — gritou ao microfone. Schloss respondeu imediatamente.

— Grandes espaços, Black…

— Corte essa — falou Black asperamente. — Nada de discursos. Só quero ter certeza de que estão observando.

— É claro. Todos nós. Ouça…

Mas Black já desligara o rádio, sorrindo de esgueIha para a câmara de TV da cabina de controle, escolhendo uma parte do mecanismo do hipercampo que fosse bem visível. Ignorava quantas pessoas estariam assistindo do auditório. Talvez apenas Kallner, Schloss e Susan Calvin. Talvez todo o pessoal. De qualquer modo, daria um espetáculo digno de ser visto.

A caixa de relê 3 era a mais adequada, concluiu. Estava localizada num recesso da parede, recoberta por um painel liso, selado a frio. Black abriu a caixa de ferramentas, retirou o soldador de ponta grossa, empurrou seu traje espacial mais para o fundo do cabide (depois de virá-lo para colocar a caixa de ferramentas à mão) e voltou-se para a caixa do relê.

Ignorando um último vestígio de inquietação, ergueu o soldador e fez contato em três diferentes pontos, ao longo da solda fria. O campo de força da ferramenta funcionou rapidamente, o cabo tornou-se um tanto mais quente ao contato, quando o fluxo de energia o percorreu e desapareceu. O painel abriu-se.

Relanceou quase involuntariamente para a tela de

visão da nave. As estrelas continuavam normais. Ele próprio se sentia normal.

Era a última parcela de encorajamento de que necessitava. Levantando o pé, atirou-o com violência contra o delicado mecanismo contido no recesso.

Houve um quebrar de vidros, torcer de metais, um pequenino jato de mercúrio…

Black respirou fundo e tornou a ligar o rádio.

— Continua aí, Schloss?

— Sim, mas…

— Comunico que o hipercampo a bordo do *Parsec* foi desligado. Venham buscar-me.

Gerald Black não se sentia mais herói do que ao partir em direção ao *Parsec,* mas foi recebido como tal. Os mesmos homens que o haviam trazido ao pequeno asteróide vieram buscá-lo. Pousaram desta vez, e deram-lhe pancadinhas nas costas.

A Hiperbase era um amontoado de gente a sua espera, e Black foi aclamado. Acenou sorrindo para a multidão, conforme obrigação de todo herói, mas não sentiu triunfo algum. Não no momento. Só perspectiva. O triunfo viria mais tarde, quando encontrasse Susan Calvin.

Fez uma pausa antes de descer da nave. Procurou-a e não a viu. O General Kallner estava à espera, toda a sua rigidez militar recuperada e um ar de aprovação severamente pregado ao rosto. Mayer Schloss sorriu, nervoso, para ele. Ronson, da Imprensa Interplanetária, acenou-lhe freneticamente. Susan Calvin não estava à vista.

Descendo, afastou Kallner e Schloss, anunciando:

— Quero me lavar e comer primeiro.

Não tinha dúvidas de que pelo menos no momento poderia ditar ordens ao general ou a quem quer que fosse.

Os guardas da segurança abriram caminho para ele. Tomou banho e fez uma refeição em tranquilo isolamento, pelo qual só ele era responsável. Em seguida, chamou Ronson, da Interplanetária, falou rápido com ele, e aguardou a chamada de volta para tranquilizar-se completamente. Tudo correra muito melhor do que esperava. A própria falha da nave conspirara a seu favor.

Finalmente ligou para o gabinete do general e convocou uma conferência, no que equivalia a uma ordem. O General Kallner quase respondeu “Sim, senhor”.

Estavam novamente reunidos: Gerald Black, Kallner, Schloss — e até Susan Calvin. Mas agora era Black quem dominava. A robô-psicóloga, sombria como sempre, indiferente ao êxito como ao fracasso, parecia, contudo, ter modificado sutilmente a atitude, cedendo-lhe o lugar de honra.

O Dr. Schloss roeu a unha do polegar e começou, cautelosamente:

— Dr. Black, estamos todos muito gratos por sua coragem e êxito. — E em seguida, como se quisesse esvaziar sadiamente a vitória, acrescentou: — Contudo, quebrar a caixa do relê com um pontapé foi uma imprudência e… bem, uma ação que não merecia sucesso.

— Foi uma ação que dificilmente deixaria de ter êxito — replicou Black. — É que (bomba número um) a essa altura eu já sabia qual era a falha.

Schloss levantou-se.

— Sabia? Tem certeza?

— Vá ver pessoalmente. Agora não há perigo. Eu lhe direi o que deve procurar.

Schloss tornou a sentar-se lentamente. O General Kallner estava entusiasmado.

— Bem, se é exato, não podia ser melhor.

— É exato — replicou Black, fitando Susan Calvin, que nada disse.

Saboreando a sensação de poder, lançou a bomba número dois:

— Era o robô, naturalmente. Ouviu isso, Dra. Calvin?

Susan Calvin falou pela primeira vez.

— Ouvi. Aliás, já esperava isso. Era a única peça do equipamento a bordo da nave que não havia sido testada na Hiperbase.

Por um instante Black sentiu-se desapontado.

— Não mencionou isso.

— Conforme o Dr. Schloss disse várias vezes, não sou *expert* em etérica. Minha suspeita, e não passava disso, talvez estivesse errada. Não me sentia no direito de influenciá-lo antes da missão.

— Muito bem, adivinhou como ocorreu a falha? — perguntou Black.

— Não.

— O robô foi feito para ser melhor do que um homem. Eis o problema. Não é estranho que a falha residisse na própria especialidade da U.S. Robôs? Constroem robôs melhores do que os homens, ao que se diz.

Agredia-a verbalmente, mas a Dra. Calvin revidava.

Suspirou apenas.

— Meu caro Dr. Black. Não sou responsável pelos *slogans* do departamento de promoções.

Black sentiu-se novamente diminuído. Não era fácil lidar com aquela Calvin.

— Sua gente construiu um robô para substituir um homem nos controles do *Parsec.* Ele tinha de puxar a alavanca, colocá-la em posição e deixar que o calor de suas mãos acionasse o disparador para estabelecer o contato final. Muito simples, não é, Dra. Calvin?

— Muito simples, Dr. Black.

— E se o robô não fosse melhor do que um homem tudo correria bem. Infelizmente a U.S. Robôs sentia-se obrigada a torná-lo melhor do que um ser humano. O robô recebeu ordem para puxar a alavanca de controle com firmeza. *Com jirmeza.* A palavra foi repetida, sublinhada, reforçada. Assim, o robô fez o que dele se esperava. Puxou com *firmeza.* Mas havia um problema. Ele era dez vezes mais forte do que o simples ser humano a quem a alavanca fora destinada.

— Está sugerindo…

— Estou *dizendo* que a alavanca entortou. Entortou o bastante para deslocar o disparador. Quando o calor da mão do robô torceu o par termoelétrico,

este não estabeleceu contato. — Black sorriu. — A falha não é apenas de um robô, Dra. Calvin. É o símbolo do fracasso de toda a idéia robótica.

Ora, Dr. Black, está afogando a lógica em psicologia missionária — replicou Susan Calvin friamente.

— O robô estava equipado tanto com o saber necessário, como com a força bruta. Se os homens que lhe deram ordens tivessem usado termos quantitativos e não o tolo advérbio firmemente, isto não teria acontecido. Se dissessem “Use um impulso de tal valor” tudo correria bem.

— O que está dizendo é que a insuficiência do robô tem de ser compensada pelo engenho e inteligência humanos. Afirmo-lhe que quem vive na Terra considerará a história sob este prisma e não estará disposto a desculpar a U.S. Robô pelo fracasso.

O General-de-Divisão Kallner interveio rapidamente, com um pouco da velha autoridade.

— Espere, Black, o que aconteceu é, evidentemente, fruto de informação precipitada.

— Na verdade, sua teoria não foi ainda verificada

— interpôs Schloss. — Enviaremos uma nave ao *Parsec.* Talvez não tenha sido o robô.

— Você se encarregará de fazer essa descoberta, não é? Pergunto a mim mesmo se o povo acreditará numa parte interessada. Além disso, tenho mais uma coisa a dizer. — Preparou a bomba número três e soltou-a. — Deste momento em diante, considero-me desligado deste projeto. Peço demissão.

— Por quê? — perguntou Susan Calvin.

— Porque, conforme disse, Dra. Calvin, sou um missionário — replicou Black, sorridente. — Tenho uma missão a cumprir. Sinto que devo ao povo da Terra revelar que na era dos robôs chegou-se ao ponto em que a vida humana tem menos valor do que a de uma máquina. Hoje, arrisca-se um homem porque um robô é demasiado precioso para ser sacrificado. Creio que os terrestres precisam saber disso. Muita gente tem reservas em relação aos robôs. A U.S. Robôs não conseguiu permissão legal para usá-los no planeta Terra. Creio que o que tenho a

dizer, Dra. Calvin, completará a questão. Pelo trabalho de hoje, a senhora, sua companhia e seus robôs serão varridos da face do sistema solar.

Ele a estava prevenindo e ela se prepararia, mas não podia renunciar àquela cena. Vivera para ela desde o momento em que saíra do *Parsec* e não podia desistir.

Saboreou o momentâneo brilho no olhar de Susan Calvin e o leve rubor de suas faces, pensando: “Como se sente agora, senhora cientista?”.

— Não permitiremos que peça demissão, Black — falou Kallner. — Nem que…

— Como me impedirá, general? Sou um herói, não sabe? E a velha mãe Terra dá muita atenção aos seus heróis. Sempre deu. Quererão ouvir o que tenho a dizer e acreditarão em tudo. E não ficarão satisfeitos se interferirem na minha conduta, pelo menos enquanto sou um herói novo em folha. Já falei com Ronson, da Imprensa Interplanetária, dizendo que tenho algo importante a dizer, algo que abalará todos os elementos do governo e todos os diretores científicos. Interplanetária será a primeira a querer me ouvir. Que pretende fazer comigo? Fuzilar-me? Creio que ficaria em má situação se tentasse.

A vingança de Black era completa. Não poupou uma só palavra. Não se conteve nem um pouco. Levantou-se para sair.

— Um momento, Dr. Black — disse Susan Calvin, em voz baixa, mas autoritária.

Black voltou-se involuntariamente, como um escolar ao som da voz da professora, mas compensou o gesto dizendo em tom de zombaria:

— Tem uma explicação a dar, suponho.

— Absolutamente — replicou, muito séria. — O senhor já deu todas as explicações e muito bem. Escolhi-o porque sabia que compreenderia, embora eu julgasse que entenderia mais depressa. Já o conhecia anteriormente. Sabia que não gostava de robôs e que, portanto, não tinha ilusões a seu respeito. Pela sua ficha, que pedi para ler antes de encarregá-lo da missão, verifiquei que havia manifestado desaprovação pela experiência do robô atravessando o hiperespaço. Seus superiores haviam levado a melhor, mas julguei isso um ponto a seu favor.

— Que está dizendo, doutora? Desculpe a minha indelicadeza.

— Que deveria ter compreendido logo por que nenhum robô poderia ter sido colocado nesta missão. Que foi que o senhor disse mesmo? Algo a respeito das falhas dos robôs sendo contrabalançadas pelo engenho e a inteligência do homem. É exatamente isso rapaz. Exatamente isso. Robôs não possuem inventiva. Seus cérebros são finitos e podem ser calculados até o último algarismo. De fato, esta é a minha tarefa.

— Mas se um robô — continuou Susan Calvin — recebe uma ordem, uma ordem *precisa,* é capaz de cumpri-la. Se a ordem não for precisa, ele não poderá corrigir seu próprio erro sem novas ordens. Não foi o que revelou com respeito ao da nave?

, Então, como enviar um robô para descobrir uma falha num mecanismo quando não podemos lhe dar ordens precisas, já que nada sabemos sobre a falha? "Descubra o que saiu errado" não é ordem que se dê a um robô, somente a um homem. O cérebro humano, pelo menos até agora, é ilimitado.

Black sentou-se bruscamente, fitando abismado a psicóloga. Suas palavras haviam penetrado, ásperas, num substrato de compreensão que estivera carregado de emoção. Sentiu-se incapaz de replicar. Pior ainda, viu-se dominado por uma sensação de derrota.

— Poderia ter dito isso antes que eu partisse — murmurou.

— Poderia — concordou a Dra. Calvin —, mas notei o temor muito natural pela sua sanidade mental. Tão grande preocupação facilmente prejudicaria sua eficiência como investigador, e ocorreu-me dar—lhe a entender que meu único motivo ao enviá-lo era dar mais valor a um robô. Isso, segundo julguei, o deixaria furioso, e a ira, meu caro Dr. Black, é, às vezes, uma emoção bastante útil. Pelo menos um

homem zangado nunca sente tanto medo. E funcionou muito bem, creio.

Cruzou as mãos no colo e chegou o mais próximo possível de um sorriso.

— Maldição — murmurou Black.

— Agora, se quiser seguir o meu conselho, volte ao seu posto, aceite seu *status* de herói e conte ao repórter seu amigo os detalhes de sua missão verdadeiramente temerária. Que esta seja a grande notícia prometida.

Lentamente, com relutância, Black fez que sim.

Schloss parecia aliviado, e Kallner exibiu um sorriso cheio de dentes. Ambos estenderam as mãos, e, se estavam calados antes, enquanto Susan falava, calados permaneceram.

Black apertou-as com certa reserva.

— O seu papel é que devia ser divulgado, Dra. Calvin.

Frigidamente, Susan Calvin retrucou:

— Não seja tolo, rapaz. Isso faz parte do meu trabalho.

Lenny *(publicado em janeiro de 1958, de,* Infinity Science Fiction) *foi escrito em circunstâncias deveras extraordinárias. Sou e sempre fui contrário a tirar férias contra minha vontade. Minha mulher, que prima pela persistência, fazendo valer a suavidade em suas maneiras e a sua voz macia, não dá importância aos comentários dos que acham que férias fazem mal ao meu sistema nervoso, porque fico inquieto distante de uma máquina de escrever.*

Como réplica, diz tranquilamente para mim: "Leve a máquina".

Foi o que fiz, e, cerca de duas horas, todas as manhãs, eu a levava para o relvado do hotel de veraneio (minha mulher, com sua voz macia, insistia nas virtudes do sol e do ar livre, ufa!), colocava-a sobre uma mesa bamba, rodeava-a de pilhas de papel, com pedras servindo de peso, e punha-me a trabalhar.

Nem uma só manhã transcorreu sem as interrupções de alguém que desejava saber o que eu estava fazendo. Explicava, e quando, finalmente, compreendiam que se tratava de trabalho, fitavam-me com maldisfarcada hostilidade. Correu até a notícia de que eu era um tipo reacionário, contrário às tradicionais férias americanas.

Consegui, não sei como, terminar o conto, e minha sala no sótão jamais me pareceu tão agradável como quando regressei. Levei algum tempo para recomeçar o trabalho. Tive primeiro que beijar todas as paredes.

7 - LENNY

U.S. Robôs e Homens Mecânicos S.A. tinha um problema. O problema era gente.

Peter Bogert, matemático-chefe, estava a caminho da Assembléia quando encontrou Alfred, diretor de pesquisa. Lanning tinha as sobrancelhas franzidas, ar feroz, e olhava para baixo, debruçado na grade da sala do computador.

No andar de baixo, um punhado de gente de ambos os sexos e diferentes idades olhava à volta com curiosidade, enquanto um guia fazia um discurso a respeito da computação de robôs.

— Este computador que aqui vêem é o maior do gênero no mundo inteiro. Contém cinco milhões e trezentos criotons e é capaz de lidar simultaneamente com mais de cem mil variáveis. Com sua ajuda, a U.S. Robôs está apta a traçar com precisão os cérebros positrônicos de novos modelos.

As especificações são introduzidas no *tape,* que é perfurado pela ação deste teclado — algo como uma máquina de escrever ou de linotipo, só que não lida com letras

e sim com conceitos. As afirmativas são convertidas aos seus equivalentes simbólicos, e estes, por sua vez, convertidos em perfurações.

O computador pode, em menos de uma hora, apresentar aos nossos cientistas um desenho de cérebro que fornecerá todas as trilhas positrônicas necessárias à feitura de um robô…

Alfred Lanning ergueu a vista e, finalmente, reparou no outro.

— Olá, Peter.

Bogert levantou ambas as mãos para alisar os cabelos já perfeitamente lisos e brilhantes.

— Você não parece gostar muito disso, Alfred — comentou.

Lanning resmungou. A idéia de demonstrações públicas da U.S. Robôs era recente, e supunha-se preenchesse uma dupla função. Por um lado, permitia ao povo ver robôs de perto, combatendo seu medo quase instintivo de objetos mecânicos através de maior familiaridade com eles. E por outro lado, acreditava-se interessar determinado número de pessoas a adotar a pesquisa robótica como carreira.

— Sabe muito bem que não — disse Lanning, decidido. — Uma vez por semana o trabalho sofre alteração. Considerando-se o número de homens-hora perdidos, a compensação é insuficiente.

— Não houve aumento na procura de empregos, houve?

— Algum, mas somente nas categorias em que a necessidade não é vital. É de pesquisadores que precisamos, você sabe. O problema é que, com os robôs proibidos na própria Terra, há algo de impopular em ser roboticista.

— O maldito complexo de Frankenstein — disse Bogert, imitando conscienciosamente uma das frases prediletas do outro.

Lanning não percebeu a sutileza.

— Devia estar acostumado, mas não estou. Era para se esperar que a esta altura todos os seres humanos da Terra soubessem que as Três Leis representam uma perfeita salvaguarda, que os robôs simplesmente não são perigosos. Veja esta turma — e olhou irritado para baixo. — Olhe para eles. A maioria visita a sala de acabamento dos robôs pelo arrepio de medo que proporciona. É como andar na montanha-russa. E quando penetram na sala dos modelos MEC — diabo, Peter, o modelo MEC não faz mais nada neste mundo a não ser adiantar-se dois passos, dizer “Prazer em conhecê-lo”, dar um aperto de mão e recuar dois passos — encolhem-se todos, as mães agarram os filhinhos. Como conseguiremos fazer raciocinar tais idiotas?

Bogert não soube responder. Juntos olharam a fileira de visitantes, passando agora pela sala do computador e penetrando no setor de cérebros positrônicos, ali desaparecendo. Não notaram Mortimer W. Jacobson, um rapazinho de 16 anos, que, para sermos justos, não tinha qualquer má intenção.

De fato, não se poderia sequer dizer que a culpa fora de Mortimer. O dia em que a visita estava programada era do conhecimento de todos os operários. Os aparelhos ao longo do itinerário deviam ser cuidadosamente desligados ou trancados, uma vez que não era razoável esperar que seres humanos resistissem à tentação de girar maçanetas, chaves, mover alavancas e apertar botões. Além disso, o guia tinha de observar cuidadosamente todos os que falhavam.

Mas, na ocasião, o guia passara à sala seguinte, e Mortimer encontrava-se no fim da fila, junto ao teclado onde as instruções eram passadas ao computador. Não tinha meios de suspeitar que os planos para um novo robô estavam sendo colocados no computador naquele instante, senão, como bom garoto que era, não tocaria no teclado. Impossível saber que, por negligência que chegava quase às raias do crime, um técnico não desligara o teclado.

Assim, Mortimer dedilhou as teclas a esmo, como se tocasse um instrumento musical.

Não notou que uma parte do *tape* perfurado saiu do instrumento em outro canto da sala — silenciosa e discretamente.

Nem o técnico, ao regressar, descobriu sinais de que alguém havia mexido na máquina. Sentiu-se meio inquieto ao ver que o teclado estava ligado, mas não se lembrou de fazer uma verificação. Após alguns minutos, até a leve inquietação do início desapareceu e ele continuou a alimentar o computador.

Quanto a Mortimer, nem então, nem mais tarde soube do que havia feito.

O novo modelo LNE destinava-se a extrair boro na faixa do asteróide. Os hidratos de boro aumentavam de valor como matéria-prima para as micropilhas de próton que sustentavam o peso máximo na produção de energia a bordo de espaçonaves, e as escassas reservas da Terra estavam se esgotando.

Materialmente, isto significava que os robôs LNE precisariam ser equipados com olhos sensíveis às linhas mestras da análise espectroscópica dos minérios de boro e com o tipo de membros mais úteis para a sua transformação em produto acabado. Como sempre, porém, o equipamento mental era o principal problema.

O primeiro cérebro positrônico LNE fora completado. Era o protótipo que se reuniria a todos os outros protótipos da coleção de U.S. Robôs. Após o teste final, outros seriam manufaturados para arrendamento (nunca para venda) a companhias de mineração.

O protótipo LNE estava pronto. Alto, teso, polido, parecia qualquer modelo de robô não muito especializado.

O técnico encarregado, seguindo a orientação do *Manual de Robótica,* perguntou: — Como vai?

A resposta indicada seria: — Vou bem e estou pronto para iniciar minhas funções. Espero que também esteja bem — ou qualquer variação trivial.

A primeira pergunta só servira para verificar que o robô ouvia, compreendia uma

indagação rotineira e era capaz de dar uma resposta banal, coerente com o que se espera de uma atitude robótica. A partir daí podia-se passar a assuntos mais complicados, que testariam as diferentes Leis e sua interação com o conhecimento especializado de cada modelo em particular.

Assim, o técnico falou — Como vai? — e ficou imediatamente espantado com a natureza da voz do protótipo LNE. Possuía uma qualidade que jamais voz de robô possuíra (e ele ouvira muitas). Formava sílabas cantantes e de timbre muito baixo.

Isso era tão surpreendente que só após uma longa pausa o técnico ouviu, em retrospecto, as sílabas que haviam sido formadas por aqueles tons celestiais.

Eram eles: — Da, da, da, gu.

O robô continuava alto e teso, mas erguendo a mão direita, introduziu um dedo na boca.

O técnico olhou horrorizado e saiu correndo. Trancando a porta ao sair, fez uma chamada de emergência à Dra. Susan Calvin.

A Dra. Susan Calvin era uma robô-psicóloga da U.S. Robôs (e virtualmente do mundo inteiro). Não precisou ir muito longe no teste do LNE para exigir peremptoriamente uma transcrição dos planos traçados pelo computador para as trilhas positrônicas do cérebro e as instruções gravadas que as haviam orientado. Após algum estudo, mandou chamar Bogert, por sua vez.

Cabelos grisalhos, severamente penteados para trás, rosto frio, de linhas verticais bem marcadas realçando o traço horizontal da boca de lábios finos e pálidos, voltou-se com firmeza para ele.

— Que é isso, Peter?

Bogert estudou as passagens apontadas com a maior estupefação.

— Meu Deus, isso não faz sentido, Susan.

— Claro que não. Como é que foi inserido nas instruções?

O técnico encarregado, ao ser convocado, jurou com toda a sinceridade que não era responsável e ignorava a que atribuir tudo aquilo. O computador revelou resultados negativos a todas as tentativas de se descobrirem falhas.

— O cérebro positrônico está irrecuperável — disse Susan Calvin, pensativa. — São tantas as funções mais elevadas que foram canceladas por estas instruções sem sentido que o resultado é algo muito parecido a um bebê humano.

Bogert fitou-a surpreendido, e Susan Calvin assumiu imediatamente uma atitude frígida, como sempre acontecia quando alguém manifestava ou sugeria qualquer dúvida diante de suas afirmativas.

— Despendemos os maiores esforços para fazer um robô mentalmente o mais próximo quanto possível do ser humano! Elimine-se o que chamamos de funções adultas e o que resta, naturalmente, é uma criança, do ponto de vista mental. Por que está tão

admirado, Peter?

O protótipo LNE, que não exibia sinais de compreender o que se passava à sua volta, sentou-se de repente e pôs-se a examinar minuciosamente os pés.

Bogert fitou-o espantado.

— É uma pena ter de desmantelar esta criatura. É um belo robô.

— Desmantelar? — replicou a robô-psicóloga.

— Claro, Susan. Qual a utilidade disto? Meu Deus, se existe um objeto absolutamente inútil é um robô sem uma tarefa a cumprir. Não sugere que isto possa fazer alguma coisa, não é mesmo?

— Não, claro que não.

— E então?

Obstinada, Susan Calvin falou:

— Quero fazer novos testes.

Bogert fitou-a com ares de impaciência e deu de ombros. Se havia alguém na U.S. Robôs com quem era inútil discutir, essa pessoa, com absoluta certeza, era Susan Calvin. Robôs eram a única coisa que ela amava, e uma longa associação com eles privara-a de qualquer semelhança com os seres humanos, na opinião de Bogert. Não podia ser demovida de uma decisão, assim como uma micropilha ligada não podia deixar de funcionar em consequência de argumentação.

— Pra quê? — murmurou. E em voz alta, rápido: — Você nos comunicará quando os testes estiverem concluídos?

— Sim. Venha, Lenny.

(LNE, pensou Bogert. Daí vem Lenny. Inevitável.) Susan Calvin estendeu a mão, mas o robô limitou-se a olhar para ela. Com delicadeza, a robô-psicóloga buscou-lhe a mão e segurou-a. Lenny levantou-se maciamente (sua coordenação mecânica, pelo menos, funcionava bem). Juntos saíram, o robô mais alto que a mulher cerca de sessenta centímetros. Muitos olhares os seguiram, curiosos, pelos corredores.

Uma parede do laboratório de Susan Calvin, a que se comunicava diretamente com seu gabinete particular, estava recoberta com reproduções muito ampliadas de um mapa positrônico. A psicóloga estudava-o minuciosamente há quase um mês.

Examinava-o, atenta, naquele instante, seguindo as trilhas em suas inúmeras convoluções. Logo atrás, Lenny, sentado no chão, abria e fechava as pernas, murmurando sílabas sem sentido com voz tão melodiosa que não era difícil ficar ouvindo aquelas tolices sem se encantar.

Voltando-se para o robô, Susan Calvin falou:

— Lenny… Lenny… Repetiu pacientemente o nome até que o robô finalmente ergueu a cabeça e emitiu um som em sinal de resposta. A robô-psicóloga não conteve um

lampejo de prazer. Conquistava a atenção do robô em intervalos cada vez mais curtos.

— Levante a mão, Lenny. Mão… para cima. Mão… para cima.

Lenny seguiu com os olhos o movimento. Para cima, para baixo, para cima, para baixo. Em seguida esboçou um gesto com a própria mão, murmurando:

— Eh… uh.

— Muito bem, Lenny — disse Susan Calvin gravemente. — Tente de novo. Mão… para cima.

Devagar ergueu a mão, tomou a do robô, levantou-a e abaixou-a.

— Levante — a mão. Levante — a mão.

Uma voz, chamando-a do gabinete, interrompeu-a.

— Susan?

O diretor de pesquisa entrou, olhou para o mapa na parede e para o robô.

— Continua tentando?

— Sim, é o meu trabalho.

— Bem, você sabe, Susan… — colocou o charuto na boca e fixou-o com dureza, como se quisesse arrancar a ponta com uma mordida. Em seguida, seu olhar encontrou o da mulher, com severa desaprovação. Desistindo do charuto, recomeçou: —

Bem, você sabe, Susan, o modelo LNE já está em produção.

— É o que ouvi dizer. Há algo em relação a ele que queira discutir comigo?

— Não. Mas o simples fato de estar em produção e tudo correndo bem significa que trabalhar com este espécime amalucado é inútil. Não deveria ser destruído?

— Em suma, Alfred, você está aborrecido porque ando desperdiçando meu valioso tempo. Tranquilize—se. Meu tempo não é perdido. Estou trabalhando com este robô.

— Mas o trabalho não tem sentido.

— Deixe que eu decida isso, Alfred. — Sua voz era de uma tranquilidade ameaçadora, e Lanning achou melhor mudar de tática.

— Quer me dizer o que pretende? Que está fazendo com o robô neste momento, por exemplo?

— Tentando que ele levante a mão obedecendo a uma ordem. E procurando que imite ó som de uma palavra.

Como se esperasse a deixa, Lenny murmurou:

— Eh-uh — e ergueu a mão, hesitante. Lanning meneou a cabeça.

— Que voz espantosa. Como aconteceu? ‘

— Não sei exatamente. Seu transmissor é normal. Poderia falar normalmente, tenho certeza. Mas não fala. Isto é consequência de algo nas fitas positrô-nicas que ainda não foi localizado.

— Então, localize-o, pelo amor de Deus. Uma voz assim poderia ser útil.

— Ah, então existe alguma utilidade no meu estudo de Lenny?

Lanning deu os ombros, embaraçado.

— Bem, é um detalhe sem importância.

— Lamento que não perceba os essenciais — replicou Susan Calvin, áspera. — Mas isso não é culpa minha. Quer sair agora, Alfred, para que eu continue a trabalhar?

Lanning conseguiu, finalmente, fumar o charuto no gabinete de Bogert. Amargo, falou:

— Aquela mulher está ficando cada dia mais estranha.

Bogert compreendeu perfeitamente. Na U.S. Robôs e Homens Mecânicos S.A. só existia uma pessoa que se pudesse designar como "aquela mulher".

— Continua às voltas com o pseudo-robô Lenny?

— perguntou.

— Tentando ensinar-lhe a falar. Que Deus nos ajude.

Bogert deu de ombros.

— Isso revela o problema da companhia: arranjar pessoal competente para a pesquisa. Se tivéssemos outros robô-psicólogos poderíamos aposentar Susan. Por falar nisso, presumo que a reunião da diretoria marcada para amanhã tenha a finalidade de discutir o problema da procura de candidatos.

Lanning fez que sim, olhando para o charuto como se não lhe soubesse bem.

— Sim, qualidade e não quantidade. Aumentamos os salários, até que surgiu um número de candidatos

— os que estão interessados sobretudo em dinheiro. O importante é conseguir aqueles que se interessem principalmente por robótica — alguém parecido com Susan Calvin.

— Diabo, não. Não parecido com ela.

— Não em pessoa. Mas você tem de admitir, Peter, que ela só pensa em robôs. Não tem outros interesses na vida.

— Eu sei. É isto que a torna insuportável. Lanning acenou afirmativamente. Perdera a conta das vezes em que tivera ímpetos de despedir Susan Calvin. E dos milhões de dólares que, em diferentes ocasiões, ela economizara para a companhia. Era uma mulher verdadeiramente indispensável e assim permaneceria até morrer — ou até que resolvessem o problema de descobrir homens e mulheres de alto gabarito interessados em

pesquisa robótica.

— Creio que vou cortar essa história de visitas públicas — falou.

— Se acha melhor… Entretanto, falando a sério, que faremos com Susan? Ela poderá ficar indefinidamente presa a Lenny. Sabe como é quando encontra o que ela considera um problema interessante.

— Que faremos? Se nos mostrarmos demasiado ansiosos para desligá-la de Lenny, ela continuará por pura teimosia feminina. Em última análise, não podemos forçá-la a fazer coisa alguma.

O matemático de cabelos negros sorriu.

— Eu não empregaria o vocábulo “feminina” a nada que se refira a ela.

— Pelo menos não está prejudicando ninguém — resmungou Lanning.

Mas nisso ele se enganava.

O sinal de emergência cria sempre alguma tensão em qualquer grande estabelecimento industrial. Na U.S. Robôs soara apenas uma dúzia de vezes — para incêndio, inundação, briga e insurreição.

Mas algo de sério mesmo jamais ocorrera. O sinal indicando “Robô descontrolado” não tocara uma só vez. Ninguém esperava que tocasse. Era o único instalado por exigência do governo (“Maldito complexo de Frankenstein”, murmurava Lanning nas raras ocasiões em que dele se lembrava).

Afinal, a aguda sirena soara, intensificando-se e diminuindo com intervalos de dez segundos, e praticamente ninguém. desde o presidente da diretoria até o mais novo dos assistentes de contínuo, reconheceu-a imediatamente. Passado o primeiro instante, houve maciça convergência de guardas armados e médicos para a área de perigo, e a U.S. Robôs ficou paralisada.

Charles Randow, técnico em computadores, foi transportado para o hospital com um braço quebrado. Porém não houve outros prejuízos. Pelo menos de natureza física.

— Mas os danos morais são incalculáveis — rugiu Lanning.

Susan Calvin enfrentou-o, tranquila, porém ameaçadora.

— Não fará coisa alguma a Lenny. Nada, compreendeu?

— Você não compreende, Susan? Aquela coisa feriu um ser humano. Infringiu a Primeira Lei. Não conhece a Primeira Lei?

— Não fará coisa alguma a Lenny.

— Pelo amor de Deus, Susan, terei de repetir a Primeira Lei? “Um robô não pode prejudicar um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano seja prejudicado.” Toda a nossa posição baseia-se no fato de que a Primeira Lei é rigidamente observada por robôs de todos os tipos. Se o público souber, e saberá, que houve uma exceção, mesmo uma única, talvez sejamos forçados a fechar as portas. Nossa única

chance de sobrevivência seria anunciar imediatamente que o robô foi destruído, explicar as circunstâncias e esperar que o público se convença de que isto jamais tornará a acontecer.

— Gostaria de saber exatamente o que ocorreu — disse Susan Calvin. — Não estava presente no momento e gostaria de saber o que Randow fazia no meu laboratório sem minha permissão.

— O importante é que aconteceu e é óbvio — replicou Lanning. — Seu robô agrediu Randow e o idiota fez soar o sinal de “Robô descontrolado”, criando um caso. Mas a verdade é que seu robô agrediu-o, infringindo danos que montam a um braço quebrado. Seu Lenny é tão louco que não consegue se compenetrar da Primeira Lei, e por isso deve ser destruído.

— Ele está dotado da Primeira Lei. Estudei suas vias cerebrais e sei que a Primeira Lei não lhe falta.

— Então, por que agrediu um homem? — O desespero levou-o ao sarcasmo. — Pergunte a Lenny. Pelo tempo, já lhe deve ter ensinado a falar.

Susan Calvin corou de pesar.

— Prefiro entrevistar a vítima. E na minha ausência, Alfred, quero que minhas salas sejam seladas e Lenny fique lá dentro. Não quero que ninguém se aproxime dele. Se algum mal lhe acontecer enquanto eu estiver ausente, esta companhia jamais tornará a ver-me sob quaisquer circunstâncias.

— Concordará com sua destruição, caso tenha infringido a Primeira Lei?

— Sim — respondeu Susan Calvin. — Porque sei que não infringiu.

Charles Randow estava deitado, braço engessado. Sua maior queixa era com relação ao impacto que sentiu nos momentos em que julgou que um robô avançava para ele, com idéia de morte em seu cérebro positrônico. Nenhum outro ser humano jamais tivera razão para temer um ataque direto de robô. Sua experiência era única no gênero.

Susan Calvin e Alfred Lanning estavam junto à sua cama. Peter Bogert, que os encontrara a caminho, acompanhava-os. Médicos e enfermeiras haviam sido afastados.

Randow, intimidado, murmurou:

— Agora diga: o que aconteceu? — perguntou Susan Calvin.

— Aquela coisa agrediu-me no braço. Avançou para mim…

— Pense um pouco no que aconteceu antes. Que fazia no meu laboratório sem autorização?

O jovem técnico engoliu a seco e o pomo de Adão moveu-se visivelmente. Tinha as maçãs do rosto salientes e estava extraordinariamente pálido.

— Ouvimos todos falar no seu robô. Dizia-se que a senhora estava tentando ensinar-lhe a tocar um instrumento musical. Corriam apostas sobre se ele falava ou não.

Alguns diziam que… a senhora é capaz de ensinar um poste a falar.

— Suponho que isto seja uma deferência — disse Susan Calvin friamente. — Mas que é que você tinha a ver com isso?

— Eu tinha de entrar e esclarecer a questão. Verificar se ele falava mesmo. Conseguimos uma chave da sua sala e eu esperei até a senhora sair e entrei… Tiramos a sorte e eu perdi.

— E então?

— Tentei fazê-lo falar e ele me agrediu.

— Que quer dizer com isso — tentar fazê-lo falar? Como tentou?

— Eu… fiz perguntas, mas ele não quis dizer nada e tive de dar-lhe uma boa sacudidela. Acho que gritei um pouco e…

— E?

Houve uma longa pausa. Sob o olhar firme de Susan Calvin, Randow respondeu finalmente:

— Tentei assustá-lo a fim de que dissesse alguma coisa. — E acrescentou, na defensiva: — Tive de dar-lhe uma boa sacudidela.

— De que modo tentou assustá-lo?

— Fingi dar-lhe um soco.

— E ele afastou o seu braço?

— Bateu no meu braço.

— Muito bem. É só. — Voltando-se para Lanning e Bogert disse. — Vamos, senhores.

Da porta voltou-se para Randow.

— Posso decidir as apostas que correm por aí, se ainda estiver interessado. Lenny fala muito bem algumas palavras.

Ficaram em silêncio até entrarem no gabinete de Susan Calvin. As paredes estavam cobertas de livros, alguns de sua autoria. O ambiente refletia sua personalidade frígida e ordeira. Só havia uma cadeira e ela sentou-se. Lanning e Bogert permaneceram de pé.

— Lenny apenas defendeu-se. É a Terceira Lei: “Um robô deve proteger sua própria existência”.

— “Desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira e a Segunda Leis” — concluiu Lanning, incisivo. — Complete a afirmativa! Lenny não tinha o direito de defender-se de modo a prejudicar alguém, mesmo de leve.

— E não o fez *com pleno conhecimento* — replicou Calvin. — Lenny tem o cérebro limitado. Não possuía meios de conhecer sua força ou a fraqueza de um ser

humano. Afastando o braço ameaçador, ignorava que o quebraria. Em termos humanos, nenhuma culpa moral pode ser atribuída a um indivíduo

que sinceramente não sabe diferenciar o bem do mal. Bogert interveio, pronto a acalmar.

— Nós não o culpamos, Susan. Compreendemos que Lenny equivale a um bebê humano e não o censuramos. Mas o público o fará. A U.S. Robôs será fechada.

— Pelo contrário. Se você tivesse pelo menos o cérebro de uma mosca, Peter, veria que esta é a oportunidade que a U.S. Robôs vem aguardando. Isto resolverá seus problemas.

Lanning franziu as sobrancelhas brancas e disse baixinho:

— Que problema, Susan?

— A companhia não está interessada em manter o pessoal de pesquisa — que Deus nos ajude — em alto nível?

— Certamente.

— Que oferecem agora aos pesquisadores em perspectiva? Emoção? Novidade? A alegria de penetrar o desconhecido? Não! Oferecem bons salários e a garantia de ausência de problemas.

— Que quer dizer com isso — ausência de problemas? — interveio Bogert.

— Existem problemas? — replicou Susan Calvin. — Que espécie de robôs fabricamos? Robôs plenamente desenvolvidos, prontos para suas tarefas. Uma indústria nos diz o que necessita de um computador, desenha o cérebro, a maquinaria, forma o robô e lá vai ele, prontinho. Peter, há algum tempo perguntou-me, com referência a Lenny, qual era a sua utilidade. Para que serve um robô que não se destina a tarefa alguma? Pergunto agora: para que serve um robô destinado a uma única tarefa? Começa e acaba no mesmo lugar. Os modelos LNE fazem mineração de boro. Se precisarmos de berilo serão inúteis. Se a tecnologia de boro entrar numa nova fase tornam-se inúteis também. Um ser humano assim determinado seria subumano. Um robô deste tipo é um sub-robô.

— Quer um robô versátil? — perguntou Lanning, incrédulo.

— Por que não? — replicou a robô-psicóloga. — Por que não? Entregaram-me um robô com o cérebro quase totalmente estultificado. Eu lhe estive ensinando e você, Alfred, perguntou-me o quê. Talvez pouco, no que se refere a Lenny, uma vez que jamais progredirá além dos cinco anos, na escala humana. Mas qual a sua utilidade geral? Muita, se o considerarmos um estudo sobre o problema abstrato de *aprender a ensinar robôs.* Aprendi maneiras de isolar as vias próximas a fim de criar novas. Um estudo mais aprofundado resultará em técnicas mais sutis e eficazes.

— E daí?

— Suponhamos que se comece com um cérebro positrônico que tenha todas as vias básicas cuidadosamente delineadas, mas nenhuma das secundárias. Suponhamos que

se passe a criar as secundárias. Seria possível vender robôs básicos, destinados a serem instruídos, robôs programados para uma tarefa e depois para outra, se necessário. Os robôs se tornariam tão versáteis como seres humanos. *Robôs poderiam aprender!*

Os dois fitaram-na, espantados. Impaciente, ela perguntou:

— Ainda não compreenderam?

— Compreendo o que você está dizendo — respondeu Lanning.

— Não compreende que, com um campo de pesquisas totalmente novo, novas técnicas a serem elaboradas, uma área completamente desconhecida a penetrar, os jovens sentiriam um novo interesse em estudar robótica? Experimente e veja.

— Posso lembrar que isto é perigoso? — disse Bogert, macio. — Começar com robôs ignorantes, como Lenny, significa que nunca teríamos a certeza de que obedeceriam à Primeira Lei — exatamente como no caso de Lenny.

— Exato. Divulgue o fato.

— Divulgar!

— Claro. Comunique a todos o perigo. Explique que instalará um novo instituto de pesquisas na Lua,

se a população da Terra achar que não se deve permitir uma coisa dessas na Terra. Mas insista no perigo aos possíveis candidatos.

— Meu Deus, por quê? — perguntou Lanning.

— Porque o atrativo do perigo aumentará o fascínio. Acredita que a tecnologia termonuclear - não envolva perigo e a espaçonáutica também? A isca de absoluta segurança está resolvendo o caso? Ajudou a vencer o complexo de Frankenstein, que você tanto despreza? Tente outra coisa, algo que não funcionou em outros setores.

Ouviu-se um ruído do outro lado da porta que conduzia ao laboratório de Calvin. Era o melodioso chamado de Lenny.

A robô-psicóloga interrompeu-se imediatamente, à escuta.

— Com licença. Creio que Lenny está me chamando.

— Chamando? — repetiu Lanning.

— Eu disse que consegui ensinar-lhe algumas palavras — respondeu dirigindo-se à porta, um tanto agitada. — Se quiserem esperar um instante…

Ela saiu e os dois ficaram em silêncio por algum tempo. Lanning falou então:

— Acha que tem algum valor o que ela disse, Peter?

— É possível, Alfred — respondeu Bogert. — É possível. Podemos levar a questão à reunião da diretoria e ver o que dizem. Afinal, o assunto está fervendo. Um robô agrediu um ser humano e isto ganhou domínio público. Conforme Susan diz, o melhor é tirarmos vantagens do caso. É claro que não confio em seus motivos.

— Que quer dizer?

— Embora o que falou seja exato, é apenas racionalização no seu caso. Seu motivo é continuar agarrada àquele robô. Se a pressionarmos (o matemático sorriu à incongruência no sentido literal da frase), ela diria tratar-se de aprender técnicas para ensinar aos robôs, mas creio que ela descobriu outra utilidade para Lenny. Utilidade singular, que só serviria a uma mulher como Susan.

— Não compreendo.

— Ouviu o que o robô dizia?

— Não, não consegui… — começou Lanning quando a porta se abriu de repente e os dois silenciaram de imediato.

Susan Calvin entrou, olhando à volta meio indecisa.

— Algum de vocês viu… tenho a certeza de que estava por aqui… Ah, lá está…

Correndo para o ângulo de uma estante, apanhou um objeto de complicado traçado metálico, em forma de *haltere*, de esferas ocas, cheias de furos, com peças de metal de diversos feitios, dentro de cada espaço vazio, grandes bastante para não caírem pelos buracos.

Ao apanhá-lo, as peças de metal agitaram-se no interior, fazendo um agradável ruído. Lanning observou então que o objeto era uma espécie de versão robótica de um chocalho de criança.

Quando Susan Calvin abriu novamente a porta, a voz de Lenny soou lá dentro. Desta vez Lanning ouviu-o claramente pronunciar as palavras que Susan Calvin lhe ensinara.

Em tons celestiais chamava: — Mamãe, eu quero você. Eu quero você, mamãe.

E ouviram os passos de Susan Calvin percorrendo, rápidos, o laboratório, em direção à única espécie de bebê que ela poderia conhecer e amar.

Das histórias que incluem Susan Calvin, a mais longa foi publicada em Galaxy, *no número de dezembro de 1951. Por um triz escapou de não ser escrita.*

Horace Gold, então editor de Galaxy, *fez uma ligação interurbana só para pedir-me que escrevesse um conto — situação sempre terrivelmente lisonjeira. E comigo lisonja consegue tudo.*

Precisei explicar, muito pesaroso, que no momento era-me impossível escrever um conto. Estava mergulhado nas provas de paquê da terceira edição de um livro de bioquímica, de que fora co-autor.

— Não pode conseguir alguém para ler as provas? — perguntou ele.

— Claro que não — repliquei, com virtuosa indignação. — Não poderia confiar

as provas a ninguém.

E, tendo desligado, subi para meu querido sótão, provas de paquê nas mãos. Entre o primeiro e o último degraus ocorreu-me uma idéia. Deixando de lado as provas, comecei a escrever imediatamente. E prossegui a toda velocidade, até que, alguns dias depois, Uma Questão de Provas *estava concluído.*

De todos os contos onde figura Susan Calvin, este é o meu predileto. Não creio que haja uma razão para isso, mas acho que um escritor pode ter suas simpatias e antipatias, como qualquer outro.

8 - UMA QUESTÃO DE PROVAS

A U.S. Robôs e Homens Mecânicos S.A., como réu do caso, tinha bastante influência para conseguir um julgamento a portas fechadas, sem júri.

E a Universidade do Nordeste não fez grandes esforços para impedi-lo. Os membros do conselho sabiam perfeitamente como reagiria o público em questão que envolvesse o mau comportamento de um robô, por mais sutil que fosse esse mau comportamento. Possuíam também uma idéia bem nítida de como uma manifestação anti-robô poderia tornar-se, sem aviso, uma manifestação anticiência.

O governo, representado no caso pelo Juiz Harlow Shane, estava igualmente ansioso para resolver tranquilamente a questão. Tanto a U.S. Robôs como o mundo acadêmico não eram gente agradável para se ter como adversários.

— Uma vez que não há imprensa, público ou júri presente, senhores — falou o Juiz Shane —, portemo-nos com o mínimo de cerimônia e vamos direto aos fatos.

Sorriu contrafeito ao falar, talvez sem muita esperança de que o pedido se concretizasse, e deu um puxão na toga para sentar-se mais confortavelmente. Era rubicundo e simpático, queixo redondo e macio, nariz largo, olhos claros e separados. Em conjunto, não era uma fisionomia de solenidade judicial, e o juiz o sabia.

Barnabas H. Goodfellow, professor de Física da Universidade do Nordeste, foi o primeiro a prestar juramento, assumindo uma expressão que desmentia seu nome.

Após o interrogatório de praxe, o promotor mergulhou as mãos nos bolsos e perguntou:

— Professor, em que data a questão do possível emprego do Robô EZ-27 lhe foi submetida pela primeira vez e de que modo?

O rosto miúdo e anguloso do Professor Goodfellow assumiu uma expressão embaraçada, um tanto mais benélova que a anterior.

— Tive contato profissional e um certo conhecimento social com o Dr. Alfred Lanning, diretor de pesquisas da U.S. Robôs, e estava inclinado a ouvir com tolerância quando recebi uma estranha sugestão de sua parte, em março do ano passado…

— De 2033?

— Exatamente.

— Desculpe a interrupção. Pode continuar.

O professor acenou, frio, cenho franzido, colocando mentalmente em ordem os fatos e começou.

O Professor Goodfellow olhou para o robô com um pouco de inquietação. Fora carregado para o depósito do porão num caixote, segundo os regulamentos que orientavam o transporte de robôs de um local para outro, na superfície da Terra.

Sabia que estava para chegar, não se encontrava despreparado. Desde o primeiro telefonema do Dr. Lanning, no dia 3 de março, começara a ceder ante sua insistência e como resultado inevitável encontrava-se frente a frente com um robô.

À distância de um braço parecia extraordinariamente grande.

Alfred Lanning lançou também um olhar ao robô, como se quisesse certificar-se de que não sofrerá avarias no transporte. Em seguida, voltou suas ferozes sobrancelhas e cabeleira branca na direção do professor.

— Este é o robô EZ-27, o primeiro modelo para uso público — E, voltando-se para o robô, apresentou: — Professor Goodfellow, Easy.

Easy respondeu impassível, mas com tal prontidão que o professor recuou:

— Boa-tarde, professor.

Tinha dois metros e dez de altura e as proporções gerais de um homem — sempre o ponto de partida na política de venda da U.S. Robôs. Isso e a posse das patentes básicas do cérebro positrônico garantira—lhes o monopólio dos robôs e o quase monopólio dos computadores em geral.

Os dois homens que haviam desencaixotado a máquina saíram e o professor olhou de Lanning para o robô e de volta para Lanning.

— Parece inofensivo, de fato — disse, meio hesitante.

— Mais inofensivo do que você e eu — respondeu Lanning. — Eu poderia ser incitado a bater-lhe. Easy não. Você conhece a Primeira Lei da Robótica, presumo.

— Sim, naturalmente.

— São inseridas nos circuitos positrônicos do cérebro e têm de ser observadas. A Primeira Lei, a primeira regra da existência robótica, é proteger a vida e o bem-estar de todos os seres humanos. — Fez uma pausa, esfregou o queixo e acrescentou: — Gostaríamos de persuadir a Terra inteira, se pudéssemos.

— É que ele parece tão grande…

— Concordo. Mas, seja qual for sua aparência, você descobrirá que ele é útil.

— Não sei bem para quê. Nossas conversações não me esclareceram muito neste sentido. Contudo, concordei em ver o objeto, e é o que estou fazendo.

— Faremos mais do que olhar, professor. Trouxe um livro?

— Trouxe.

— Posso vê-lo?

O Professor Goodfellow abaixou-se sem tirar os olhos daquele objeto de metal

com forma humana, que se encontrava a sua frente, e da pasta a seus pés tirou um livro.

Lanning tomou-o e leu a lombada. *Química Física dos Eletrólitos em Solução.* Justo, o senhor mesmo o escolheu a esmo. Não foi sugestão minha o texto. Exato?

— Sim.

Lanning entregou o livro a EZ-27. O professor sobressaltou-se.

— Não! É um livro muito valioso!

Lanning ergueu as sobrancelhas, que lembravam glacê de coco, e falou:

— Easy não tem intenções de rasgar o livro como prova de força, asseguro-lhe. É capaz de manusear um volume com o mesmo cuidado que você ou eu. Vamos, Easy.

— Obrigado, senhor — respondeu Easy. E voltando ligeiramente seu corpo metálico, acrescentou: — Com sua permissão, Professor Goodfellow.

O professor arregalou os olhos, mas respondeu:

— Sim, sim… naturalmente.

Com gesto lento e firme de seus dedos metálicos, Easy voltou as páginas do livro, relanceando para a esquerda, e depois para a direita, voltando a página, relanceando para um lado e para outro, voltando a página etc, minuto após minuto.

A impressão de força que ele transmitia parecia diminuir a sala imensa, de paredes de cimento, reduzindo os dois seres humanos a algo inferior ao seu tamanho costumeiro.

— A luz não é muito boa — murmurou Goodfellow.

— Serve.

— Que é que ele está fazendo?

— Paciência, professor.

A última página foi eventualmente voltada, e Lannig perguntou:

— E então, Easy?

— É um livro bastante minucioso e pouca coisa tenho a indicar — respondeu o robô. — Na 22.ª linha da pág. 27, a palavra “positivo” foi escrita “positivo”. A vírgula na 6.ª linha da página 32 é supérflua, quando deveria encontrar-se na 13.ª linha da página 54. O sinal mais na equação XIV-2 da página 337 deveria ser de menos, para estar consistente com as equações anteriores…

— Espere! Espere! gritou o professor. — Que é que ele está fazendo?

— Fazendo? — repetiu Lanning, subitamente irritado. — Ora ele já fez a revisão do livro!

— Revisão do livro?

— Sim. No curto espaço de tempo que levou folheando captou todos os erros

tipográficos, de gramática e pontuação. Anotou enganos na ordem das palavras e detectou inconsistências. E reterá a informação perfeita e indefinidamente.

O professor estava boquiaberto. Afastou-se, rápido, de Lanning e do robô e tornou a aproximar-se com a mesma rapidez. Cruzou os braços, olhou para os dois e, finalmente, disse:

— Quer dizer que isto é um robô capaz de ler provas?

— Entre outras coisas.

— Mas por que o trouxe para me mostrar?

— Para que me ajude a persuadir a universidade a utilizá-lo.

— Para ler provas?

— Entre outras coisas — repetiu Lanning pacientemente.

O professor franziu o rosto numa expressão de descrença.

Mas isso é ridículo!

— Por quê?

— A universidade jamais compraria esta meia tonelada… deve pesar pelo menos isso… esta meia tonelada de revisor.

— Ele não se limita a fazer revisões. Prepara relatórios, se lhe fornecerem rascunhos, preenche formulários, serve como arquivo, seleciona trabalhos …

— Ninharias!

— De modo algum e eu lhe provarei num instante — replicou Lanning. — Mas creio que poderemos discutir isto melhor no seu escritório, se não tem objeções.

— Claro que não — murmurou o professor mecanicamente, fazendo um gesto para sair, mas detendo-se. — E o robô? Não podemos levá-lo. Terá de encaixotá-lo novamente, doutor.

— Temos tempo para isso. Podemos deixar Easy aqui.

— Sem vigilância?

— Por que não? Ele sabe como tem de ficar. Professor Goodfellow, precisa compreender que um robô é mais digno de confiança do que um ser humano.

— Eu seria responsável por qualquer dano…

— Não haverá danos. Garanto. Ouça, está encerrado o expediente e ninguém virá aqui, suponho, antes de amanhã cedo. O caminhão e os homens estão aí fora. A U.S. Robôs se responsabilizará por qualquer coisa que ocorra. Mas nada acontecerá. Chamemos a isso uma demonstração da segurança do robô.

O professor saiu finalmente do depósito, mas não ficou à vontade, nem no seu gabinete, cinco andares acima.

Enxugando a fileira de gotinhas de suor que cobria a parte superior da sua testa, falou:

— Sabe muito bem, Dr. Lanning, que há leis contra o uso de robôs na Terra.

— As leis são complexas, Professor Goodfellow. Robôs não podem ser utilizados em vias públicas ou no interior de edifícios públicos. Não podem ser utilizados em terrenos, ou no interior de construções particulares, exceto sob certas restrições, que em geral tornam-se proibitivas. A universidade, porém, é uma ampla instituição privada, que em geral recebe tratamento preferencial. Se o robô for usado somente em determinado recinto para finalidades acadêmicas, se algumas restrições forem observadas e se as pessoas que entrarem ocasionalmente no local cooperarem, permanecendo nos limites da lei.

— Mas toda essa complicação só para fazer revisões?

Sua utilidade pode ser infinita, professor. O trabalho robótico foi utilizado até agora somente para amenizar tarefas físicas rotineiras. Mas não existirá uma rotina mental? Quando um professor capaz de idéias criativas é forçado a gastar duas penosas semanas verificando erros de imprensa e eu lhe ofereço uma máquina capaz de fazer o trabalho em trinta minutos, o senhor diz que é uma ninharia?

— Mas o preço?

— Não se preocupe com isso. Não podem comprar o EZ-27. A U.S. Robôs não vende os seus produtos. Mas a universidade pode arrendá-lo por mil dólares anuais — muito menos do que o preço de um só espectógrafo de microondas para leitura contínua.

Goodfellow parecia abismado. Lanning acrescentou:

— Só lhe peço que o apresente ao grupo que toma as decisões aqui. Terei o maior prazer em fornecer qualquer esclarecimento que desejem.

— Posso apresentar a questão na próxima reunião da diretoria — respondeu Goodfellow, hesitante. — Mas não garanto os resultados.

— É claro — replicou Lanning.

O advogado da defesa era baixo e atarracado, com um jeito solene, o que acentuava seu queixo duplo. Fitou o professor Goodfellow, quando a testemunha se apresentou, e perguntou:

— Concordou meio apressadamente, não foi? O professor replicou:

— Creio que estava ansioso para livrar-me do Dr. Lanning. Teria concordado com qualquer coisa.

— Com a intenção de esquecer tudo depois?

— Bem…

— Contudo, apresentou a questão na reunião do Corpo Executivo da Universidade.

— Sim.

— Neste caso, concordou de boa fé com as sugestões do Dr. Lanning. Não estava simplesmente apoiando uma brincadeira. Na verdade, concordou entusiasmado, não foi?

— Limitei-me a seguir a rotina.

— Para ser exato, não estava tão preocupado com o robô, como alega no momento. Conhecia as Três Leis da Robótica por ocasião da entrevista com o Dr. Lanning.

— Sim.

— E estava perfeitamente disposto a deixar um robô à solta, sem vigilância.

— O Dr. Lanning assegurou-me…

— Não teria aceito suas afirmativas se tivesse a mais ligeira dúvida de que o robô seria perigoso, não é mesmo?

— Tinha razões para confiar na sua palavra… — replicou, o Professor Goodfellow, friamente.

— Basta — concluiu a defesa, bruscamente.

O professor, bastante irritado, levantou-se e o Juiz Shane inclinou-se, dizendo:

— Já que não sou especialista em robótica gostaria de saber precisamente quais as Três Leis da Robótica. O Dr. Lanning quer enunciá-las para o júri?

O Dr. Lanning sobressaltou-se. Estivera confabulando com a senhora de cabelos grisalhos sentada ao seu lado. Levantou-se e sua companheira ergueu a cabeça, sem alterar a expressão.

— Pois não, senhor juiz. — Fez uma pausa, como se iniciasse um discurso, e declamou com toda a clareza: *Primeira Lei:* — Um robô não pode ferir um ser humano, ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal. *Segunda Lei:* — Um robô deve obedecer às ordens que lhe sejam dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens contrariem a Primeira Lei. *Terceira Lei:* Um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira e Segunda Leis.

— Compreendo — disse o juiz, tomando notas rapidamente. — Estas leis são inseridas em todos os robôs, não é exato?

— Em qualquer um. Isto será confirmado por qualquer roboticista.

— E especificamente no robô EZ-27?

— Sim, senhor juiz.

— Será solicitado a repetir estas afirmativas sob juramento.

— Estou pronto a fazê-lo, senhor juiz. E sentou-se.

A Dra. Susan Calvin, robô-psicóloga-chefe da U.S. Robôs, a senhora grisalha

sentada junto de Lanning, fitou seu superior sem simpatia, que, aliás, ela não demonstrava por ser humano algum, e perguntou:

— O depoimento de Goodfellow estava correto, Alfred?

— Em essência — murmurou Lanning. — Não estava tão nervoso assim a respeito do robô e ansioso para discutir quando soube do preço. Mas não houve nenhuma distorção drástica.

Pensativa, a Dra. Calvin murmurou:

— Seria conveniente subir o preço para mais de mil dólares.

— Estávamos ansiosos para empregar Easy.

— Eu sei. Demasiado, talvez. Eles tentarão insinuar que tínhamos um motivo ulterior.

— E tínhamos — replicou Lanning, exasperado. — Eu o admiti na reunião da diretoria.

— Eles insinuarão que tínhamos outro além do que admitimos.

— Scott Robertson, filho do fundador da U.S. Robôs e detendo ainda a maioria das ações, inclinou-se para o outro ouvido da Dra. Calvin, ditando, num murmúrio, quase uma ordem:

— Por que não forçamos Easy a falar, para que ele revele toda a história?

— Ele não pode falar a respeito, Dr. Robertson.

— Force-o. É a psicóloga, Dra. Calvin. Force-o.

— Já que sou a psicóloga, deixe-me tomar as decisões — replicou Susan Calvin friamente. — Meu robô não será forçado a fazer coisa alguma, ao preço do seu bem-estar.

Robertson franziu o cenho e teria respondido, se o Juiz Shane não batesse delicadamente com o martelo. A contragosto calou-se.

Francis J. Hart, chefe do departamento de Inglês e deão dos cursos de pós-graduação, estava na cadeira das testemunhas. Era gorducho, trajando meticulosamente roupas escuras de corte conservador. Vários fios de cabelos atravessavam sua calva rosada. Instalou-se muito teso na cadeira, mãos cruzadas ao colo, sorrindo contrafeito de vez em quando.

— Meu primeiro contato com a questão do robô EZ-27 deu-se na reunião do Conselho Executivo da Universidade, quando foi apresentada pelo Professor Goodfellow. Mais tarde, a dez de abril do ano passa-

do, tivemos uma reunião especial sobre o caso por mim presidida.

— Conservam minutas da reunião do Conselho Executivo? Desta em especial?

— Não. Era um caso um tanto fora do comum — disse o deão, sorrindo ligeiramente. — Achamos que devia ser confidencial.

— O que transpirou da reunião?

O deão não se sentia muito à vontade presidindo aquela reunião. Os demais presentes estavam igualmente embaraçados. Só o Dr. Lanning parecia em paz consigo mesmo. Sua silhueta alta e magra e a cabeleira branca lembravam a Hart retratos de Andrew Jackson.

Amostras do trabalho do robô jaziam espalhadas no centro da mesa e a reprodução de um gráfico por ele traçado encontrava-se nas mãos do Professor Minott, de Química Física. Os lábios do químico franziram-se com evidente aprovação.

Hart pigarreou.

— Parece não haver dúvidas de que o robô pode realizar certas tarefas rotineiras com competência. Examinei isto antes da reunião, por exemplo, e concluí que há pouco a censurar.

Tomou uma comprida folha impressa, três vezes mais longa do que uma página comum de livro. Era uma prova de paquê. Em ambas as largas margens havia correções nítidas, perfeitamente legíveis. De vez em quando via-se uma palavra impressa riscada e substituída por outra escrita na margem em caracteres tão finos e regulares que até pareciam também impressa. Algumas das correções eram feitas em azul, para indicar que o erro fora do autor, e algumas em vermelho, onde o linotipista falhara.

— Na verdade, há muito pouco — disse o Dr. Lanning. — Eu diria até que não há nada, absolutamente, Dr. Hart. Tenho certeza de que as correções são perfeitas, na medida em que é perfeito o original. Se o manuscrito pelo qual a prova de paquê foi

corrigida estava errado em outro ponto que não o inglês, o robô não é competente para corrigi-lo.

— Concordamos. Contudo, o robô corrigiu ocasionalmente a disposição das palavras e não creio que as regras do inglês sejam suficientemente rígidas para termos a certeza de que em todos os casos a escolha do robô seja a mais correta.

— O cérebro positrônico de Easy — replicou o Dr. Lanning, mostrando os dentes num sorriso — foi impregnado do conteúdo de todas as obras-padrão no assunto. Tenho certeza de que não poderá apontar um só caso em que a escolha do robô tenha sido incorreta.

O Professor Minott levantou os olhos do gráfico que ainda estudava.

— O que tenho em mente, Dr. Lanning, é a razão de precisarmos de um robô, com todas as dificuldades de relações públicas que isso acarreta. A ciência da automação atingiu um ponto em que sua companhia poderia desenhar uma máquina, um computador comum, de tipo conhecido e aceito pelo público, e que corrigiria provas.

— Tenho certeza que sim — replicou Lanning. — Contudo, uma máquina desse tipo exigiria que as provas de paquê fossem traduzidas para símbolos especiais ou, pelo menos, transcritas em fita. Quaisquer correções surgiriam em símbolos. Seria preciso ter alguém para traduzir os símbolos em palavras. Além do mais, o computador não poderia

fazer mais nada. Não traçaria o gráfico que está nas suas mãos, por exemplo.

Minott respondeu com um grunhido. Lanning prosseguiu:

— A marca registrada do robô positrônico é a flexibilidade. É capaz de fazer inúmeras coisas. Foi programado como um homem, de modo que pode usar todos os instrumentos e máquinas que possuímos e que foram, afinal, destinados ao serviço do homem. Pode falar com pessoa e a pessoa falar com ele. Pode-se mesmo raciocinar com um robô, até certo ponto. Comparado aos modelos mais simples,

um computador comum, com cérebro não-positrônico, não passa de uma pesada máquina de somar. Goodfellow ergueu a cabeça.

— Se todos nós falarmos e raciocinarmos com o robô, será que não o confundiremos? Suponho que não tenha capacidade para absorver uma quantidade infinita de informações.

— Não, não tem. Mas deve durar cinco anos de uso normal. Saberá então quando precisa ser revisado e a companhia fará o trabalho gratuitamente.

— A *companhia!*

— Sim. A companhia reserva-se o direito de revisar o robô, fora do curso rotineiro de suas obrigações. É uma das razões por que conservamos o controle dos nossos robôs positrônicos e os arrendamos, em lugar de vendê-los. No curso de suas funções normais, qualquer robô pode ser dirigido por qualquer homem. Afora isso, exige atenção especializada, que só nós podemos proporcionar. Por exemplo, qualquer um de vocês poderia limpar um robô EZ até certo ponto, ordenando-lhe esquecer este ou aquele item. Mas é quase certo que daria a ordem de modo a fazê-lo esquecer de mais ou de menos. Nós surpreenderíamos tal intromissão, porque temos dispositivos de segurança embutidos no robô. Contudo, como não há necessidade de interferir no seu trabalho rotineiro, por motivos sem importância, isto não constitui problema.

O deão Hart levou a mão à cabeça para verificar se seus fios de cabelo estavam igualmente distribuídos e disse:

— Está ansioso para que aceitemos a máquina. Mas a proposta é certamente onerosa para a U.S. Robôs. Mil dólares por ano é ridiculamente pouco. Esperam arrendar outras máquinas a outras universidades a um preço mais acessível?

— É uma perspectiva razoável — respondeu Lanning.

— Mesmo assim, o número de máquinas que poderiam arrendar seria limitado. Duvido que a proposta se tornasse rendosa.

Lanning apoiou os cotovelos na mesa e inclinou-se para a frente, muito sério.

— Falarei com franqueza, senhores. Os robôs não podem ser utilizados na Terra, exceto em casos especiais, por causa do preconceito de parte do público. A U.S. Robôs é uma companhia de grande sucesso nos mercados extraterrestres e espaciais, para não mencionar as subsidiárias dos nossos computadores. Contudo, estamos interessados em mais do que o simples lucro. Estamos convictos de que o uso dos robôs na Terra resultará

eventualmente numa vida melhor para todos, mesmo que a princípio haja um certo desequilíbrio econômico.

— Os sindicatos trabalhistas estão contra nós, é claro, mas esperamos a cooperação das grandes universidades. O robô Easy lhes ajudará a libertar-se das tarefas escolástica que não tenham maior relevância, desincumbindo-se, se permitirem, da tarefa de revisor de provas. Outras universidades e instituições de pesquisa seguirão o exemplo, se ele tiver êxito. Em seguida robôs de outros tipos serão empregados, e as objeções do público cederão gradualmente.

— Hoje a Universidade do Nordeste, amanhã o mundo inteiro — disse Minott.

Irado, Lanning murmurou para Susan Calvin:

— Nem eu fui tão eloquente, nem eles foram tão relutantes. Por mil dólares anuais estavam ansiosos por obter Easy. O Professor Minott disse que jamais vira um gráfico tão perfeito como o que estava examinando, e não passara erro nas provas de paquê. Hart admitiu-o de espontânea vontade.

O aspecto severo da fisionomia de Susan Calvin não se amenizara.

— Deveria ter pedido mais do que eles poderiam pagar, Alfred, e depois baixar o preço.

— Talvez — resmungou.

O promotor não terminara o interrogatório do Professor Hart.

— Depois que o Dr. Lanning saiu fizeram uma votação para decidir se aceitariam ou não o robô EZ-27?

— Fizemos.

— Qual foi o resultado?

— A favor, por maioria de votos.

— Em sua opinião, que influiu na votação? A defesa interveio imediatamente:

A acusação reformulou a pergunta:

— O que influenciou pessoalmente o seu voto? Foi a favor, creio.

— Sim, votei favoravelmente, em grande parte porque estava impressionado com as palavras do Dr. Lanning no sentido de que era nosso dever, como membros da liderança intelectual do mundo, permitir que a Robótica ajudasse o homem a solucionar seus problemas.

— Em outras palavras, o Dr. Lanning o convenceu.

— É sua tarefa, e ele cumpriu-a muito bem.

— A testemunha é sua.

A defesa aproximou-se da cadeira das testemunhas e observou o Professor Hart longamente.

— Na realidade estavam todos ansiosos por empregar o robô EZ-27, não estavam?

— Achamos que, se fosse capaz de fazer o trabalho, seria útil empregá-lo.

— *Se* fosse capaz? Pelo que soube, examinou amostras do trabalho de EZ-27 com bastante minúcia no dia da reunião que acaba de descrever.

— Sim, examinei. Uma vez que a tarefa da máquina envolvia principalmente o emprego da linguagem, e já que este é o meu setor, era lógico que eu fosse o escolhido para examiná-la.

— Muito bem. Havia algo sobre a mesa, na ocasião, que lhe pareceu menos satisfatório? Tenho aqui todo o material como evidência. É capaz de indicar um só item insatisfatório?

— Bem…

— É uma simples pergunta. Havia um só item insatisfatório? O senhor o examinou. Havia?

O professor de linguagem franziu o cenho:

— Não.

— Tenho também amostras dos trabalhos feitos pelo robô EZ-27 no decurso dos quatorze meses que passou no Nordeste. Quer examiná-las e dizer-me se há algum erro, num só detalhe que seja?

— Quando ele cometeu um erro foi desastroso — replicou Hart.

— Responda à minha pergunta — rugiu a defesa.

— E somente à pergunta que fiz! Havia algum erro no material?

O deão examinou cautelosamente item por item.

— Não.

— À exceção do caso aqui discutido, tem conhecimento de qualquer erro cometido por EZ-27?

— À exceção do caso agora em julgamento, não.

A defesa pigarreou, como para indicar final de parágrafo, e disse:

— Quanto ao voto que decidiria se o robô EZ-27 seria ou não empregado. Disse que foi aceito pela maioria. Qual foi exatamente a votação?

— Treze contra um, segundo me recordo.

— Treze contra um! Mais do que a maioria, não acha?

— Não senhor! — replicou o deão, com todo o seu pedantismo. — Na nossa língua a palavra “maioria” significa “mais do que a metade”. Treze em quatorze constitui maioria, nada mais do que isso.

— Mas quase unanimidade.

— Ainda assim maioria!

A defesa resolveu mudar de terreno:

— Quem foi o único contrário? O deão mostrou-se embaraçado:

— O Professor Simon Ninheimer. A defesa fingiu surpresa:

— O Professor Ninheimer? O chefe do departamento de sociologia?

— Sim, senhor.

— O *queixoso!*

— Sim, senhor.

O advogado franziu os lábios:

— Em outras palavras, o homem que moveu a ação por danos, exigindo uma indenização de 750 mil dólares da U.S. Robôs e Homens Mecânicos S.A., foi quem, desde o começo, se opôs ao uso do robô, embora os demais membros do Conselho Executivo da Universidade estivessem convictos de que era uma boa idéia.

— Votou contra, como era de seu direito.

— Não mencionou, ao relatar a reunião, quaisquer observações do Professor Ninheimer. Ele fez alguma?

— Creio que disse alguma coisa.

— *Crê!*

— Bem, ele falou, sim.

— Contra o uso do robô?

— Sim.

— Mostrou-se violento? Houve uma pausa.

— Ele foi veemente.

A defesa tornou-se confidencial.

— Há quanto tempo conhece o Professor Ninheimer, Deão Hart?

— Cerca de doze anos.

— Bastante bem?

— Diria que sim.

— Conhecendo-o, então, diria que ele é do tipo de homem que nutriria ressentimento contra um robô, sobretudo porque seu voto contrário havia…

A acusação abafou o restante da pergunta com uma objeção impregnada de indignação. A defesa fez um gesto para a testemunha retirar-se e o Juiz Shane declarou

intervalo para almoço.

Robertson mastigava seu sanduíche. A companhia não abriria falência pela perda de três quartos de milhão, mas também não ganharia com isso. Além do mais estava convicto de que haveria um prejuízo a longo prazo, no setor de relações públicas.

Aborrecido, falou:

— Por que tanta insistência na maneira como Easy entrou na universidade? Que esperam ganhar com isso?

O advogado de defesa disse, calmamente:

— Uma ação judicial é como um jogo de xadrez, Sr. Robertson. O vencedor é geralmente aquele que sabe prever mais jogadas, e meu amigo, o promotor, não é nenhum principiante. Conseguirá provar que houve dano, disso não tenhamos dúvida. Seu principal objetivo é antecipar a nossa defesa. Deve estar contando que demonstremos que Easy não poderia ter cometido o delito por causa das Leis da Robótica.

— Muito bem. Nisso importa a nossa defesa. Absolutamente inatacável.

— Para um engenheiro de robótica, mas não obrigatoriamente para um juiz. Estão se situando de modo a poder demonstrar que EZ-27 não é um robô comum. Foi o primeiro do seu tipo a ser oferecido ao público. Era um modelo experimental que precisava ser testado, e a universidade era o único local conveniente para o teste. Isto pareceria plausível à luz dos esforços do Dr. Lanning, para colocar o robô, e da U.S. Robôs, para arrendá-lo por tão pouco. A acusação argumentaria então que o teste provara o fracasso de Easy. Percebe agora a finalidade do que se está passando?

— Mas o EZ-27 é um modelo perfeito — replicou Robertson. — Era o vigésimo - sétimo produzido.

— O que é mau na verdade — disse o advogado, sombrio. — Que saiu errado nos primeiros vinte e seis? É evidente que houve algo. Por que não haveria também com o vigésimo - sétimo?

— Não havia erro algum nos vinte e seis primeiros, só que não eram bastante complexos para a tarefa. Eram os primeiros cérebros positrônicos do tipo, e a princípio a tarefa correu um tanto ao acaso. Mas as Três Leis vigoravam para todos! Nenhum robô é imperfeito a ponto de desobedecê-las.

— O Dr. Lanning explicou-me isso, Sr. Robertson, e aceito a sua palavra. Contudo, o juiz talvez

não faça o mesmo. Esperamos a decisão de um homem honesto e inteligente, que não conhece robótica e pode desorientar-se. Por exemplo: se o senhor, o Dr. Lanning ou a Dra. Calvin afirmassem no banco das testemunhas que qualquer cérebro positrônico foi construído “ao acaso”, conforme acabou de dizer, a acusação os destruiria no interrogatório. Coisa alguma salvaria o nosso caso. É algo que devemos evitar.

— Se ao menos Easy falasse — resmungou Robertson.

— O robô não tem competência para depor, de modo que não adiantaria — disse o advogado, dando de ombros.

— Pelo menos conheceríamos parte dos fatos. Saberíamos por que chegou a fazer uma coisa dessas.

Susan Calvin explodiu. Tinha as faces coradas e sua voz apresentava um laivo de exaltação.

— *Sabemos* como Easy chegou a agir assim. Recebeu ordens! Expliquei isso ao conselho e tornarei a explicar agora.

— Ordens de quem? — perguntou Robertson, com sincera surpresa. (Ninguém lhe contava nada, pensou ressentido. Essa gente da pesquisa se considerava dona da U.S. Robôs!)

— Do queixoso — disse a Dra. Calvin.

— Por que, em nome dos céus?

— Ainda não sei. Talvez para mover uma ação contra nós e ganhar a indenização. — Seus olhos azuis faiscavam enquanto falava.

— Então por que Easy não fala?

— Não é óbvio? Recebeu ordens para não falar no assunto.

— Por que seria óbvio? — perguntou Robertson, agressivo.

— Para mim, é. A psicologia do robô é minha profissão. Se Easy não quiser responder diretamente às perguntas, responderá a outras relativas ao assunto. Calculando a crescente hesitação nas respostas, à medida que me aproximo da pergunta central, calculando a área em branco e a intensidade de contrapotenciais que estabelece, é possível dizer com precisão científica que seu problema é resultado de uma ordem para não falar, baseada na Primeira Lei. Em outras palavras, disseram que se falasse prejudicaria um ser humano. Provavelmente o Professor Ninheimer, o queixoso, que, para o robô, aparece como um ser humano.

— Então, não pode explicar a ele que se continuar calado prejudicará a U.S. Robôs? — disse Robertson.

— A U.S. Robôs não é um ser humano, e a Primeira Lei da Robótica não reconhece uma corporação como uma pessoa, como as leis comuns o fazem. Além disso, seria arriscado tentar remover esse tipo de inibição. A pessoa que a estabeleceu poderia fazê-lo com menos perigo, porque as motivações do robô estão nele focalizadas. Qualquer outro processo…

— Meneou a cabeça e acrescentou, quase violenta:

— Não permitirei que o robô seja prejudicado! Lanning interveio com um jeito de quem traz moderação ao problema.

— Parece-me que só nos falta provar que um robô é incapaz do ato de que Easy

é acusado. E isso podemos fazer.

— Exatamente — falou o advogado de defesa, aborrecido. — *Vocês* podem fazê-lo. As únicas testemunhas capazes de depor sobre a condição de Easy e a natureza do seu estado de espírito são os funcionários da U.S. Robôs. O juiz não consideraria imparcial o testemunho.

— Como poderia recusar o testemunho de especialistas?

— Não se deixando convencer por ele. É o seu direito como juiz. Contra a alternativa de um homem como o Professor Ninheimer, deliberadamente decidido a destruir sua reputação, mesmo por uma considerável soma de dinheiro, o juiz não aceitará os detalhes técnicos de engenheiros. O juiz é um homem, afinal. Se tiver que escolher entre um homem fazendo algo impossível e o robô realizando algo impossível, é mais que provável que decida a favor do homem.

— Um homem pode fazer algo absurdo — replicou Lanning — porque ignoramos toda a complexidade da mente humana e não sabemos o que, num determinado cérebro, é ou não absurdo. Mas sabemos o que é realmente impossível a um robô.

— Bem, veremos se será possível convencer o juiz disso — replicou o advogado de defesa, em tom cansado.

— Se é assim, não sei como conseguiremos — murmurou Robertson.

— Veremos. É bom saber e estar cônscio das dificuldades, mas não desanimemos. Tentei prever algumas jogadas. — E, com um gesto de cabeça na direção da robô-psicóloga, acrescentou: — Com a ajuda da senhora.

Lanning olhou de um para o outro e disse:

— Que diabo é isto?

Mas o oficial de justiça enfiou a cabeça na porta e anunciou, meio ansioso, que o julgamento estava para recomeçar.

Sentaram-se, observando o homem que provocara toda a complicação.

Simon Ninheimer tinha cabelos louros e ondulados, rosto fino, queixo pontudo e o hábito de hesitar às vezes antes de pronunciar palavras importantes, o que lhe dava o ar de quem busca uma penosa precisão.

Se dissesse "O sol nasce… a leste", a pessoa teria a certeza de que ele prestara a devida consideração à possibilidade de que às vezes nascesse a oeste.

A acusação perguntou:

— Opôs-se à utilização do robô EZ-27 pela universidade?

— Sim, senhor.

— Por quê?

— Achei que não conhecíamos inteiramente os motivos da U.S. Robôs e desconfiei de sua ansiedade para colocar o robô junto a nós.

— Achou que o robô era capaz de fazer o trabalho para o qual supunha-se estar destinado?

— Tenho certeza de que Mo era.

— Quer expor suas razões?

O livro de Simon Ninheimer, intitulado *Tensões Sociais do Vôo Espacial e Sua Solução* estivera oito anos em elaboração. A mania de precisão de Ninheimer não se limitava à maneira de falar, e num assunto como a Sociologia, quase obrigatoriamente impreciso, ele ficava verdadeiramente ofegante Mesmo quando o material já se encontrava em provas de paquê não se sentia tranquilo. Pelo contrário. Fixando as longas tiras de papel impresso sentia o impulso de rasgá-las e ajustá-las de maneira diferente.

Jim Baker, instrutor e futuro assistente do professor de Sociologia, encontrou Ninheimer, três dias após a chegada das primeiras provas, olhando abstraído para o monte de papel. As provas de paquê vinham em três vias — umas para Ninheimer revisar, outras para Baker fazer o mesmo separadamente e umas terceiras, marcadas "Principal", que receberiam as correções finais, uma combinação das emendas feitas por Ninheimer e Baker, após uma conferência e a resolução de possíveis conflitos e desacordos. Esta fora a política nos diversos trabalhos em que haviam colaborado nos últimos três anos, e sempre dera certo.

Baker, jovem e de voz agradável, trazia as suas provas de paquê.

— Já fiz o primeiro capítulo e encontrei algumas preciosidades tipográficas — disse, todo animado.

— O primeiro capítulo é sempre assim — falou Ninheimer, distraído.

— Quer revê-lo agora?

Ninheimer fixou o olhar em Baker e respondeu:

— Ainda não revi as minhas provas, Jim. Creio que não vale a pena.

— Não vale a pena? — repetiu o outro, confuso. Ninheimer franziu os lábios.

— Andei indagando a respeito da programação da máquina. Afinal, ela foi destinada primordialmente a ler provas, e estabeleceram um horário.

— A *máquina?* Refere-se a Easy?

— Creio que é este o tolo nome que lhe deram.

— Mas, Dr. Ninheimer, julguei que não queria saber dela!

— Aparentemente sou o único. Talvez deva também aproveitar-me de suas vantagens.

— Bem, parece que perdi meu tempo com o primeiro capítulo — disse o rapaz aborrecido.

— Não perdeu. Podemos comparar o trabalho da máquina com o seu.

— Se quiser, mas…

— Que é?

— Duvido que encontremos algum erro no trabalho de Easy. Diz-se que jamais cometeu um engano.

— Acredito que sim — disse Ninheimer secamente.

O primeiro capítulo foi novamente trazido por Baker, quatro dias depois. Desta vez eram as provas de Ninheimer, recém-saídas do anexo especialmente construído para abrigar Easy e o equipamento que empregava.

Baker estava radiante.

— Dr. Ninheimer, não só encontrou tudo o que eu havia anotado, como descobriu uma dúzia de erros que me haviam escapado! E levou apenas doze minutos!

Ninheimer estudou as provas com os erros nitidamente assinalados e os sinais de revisão nas margens.

— Não está tão completo como eu ou você faríamos. Nós teríamos inserido um comentário sobre o trabalho de Suzuki relativo aos efeitos neurológicos da baixa gravidade.

Refere-se ao seu estudo publicado na *Revista de Sociologia?*

— Claro.

— Bem, não se pode esperar o impossível de Easy. Não pode ler para nós toda a literatura.

— Compreendo. Para falar a verdade, preparei uma nota. Observarei a máquina para me certificar se é capaz de… lidar com notas acrescentadas ao texto.

— É capaz.

— Prefiro certificar-me.

Ninheimer precisou marcar hora para falar com Easy, e conseguiu apenas quinze minutos à noite.

Mas os quinze minutos mostraram-se profícuos. O robô EZ-27 compreendeu o caso das notas imediatamente.

Ninheimer sentiu-se pouco à vontade, junto ao robô, pela primeira vez. Quase automaticamente, como se ele fosse humano, perguntou-lhe:

— Gosta do seu trabalho?

— Gosto muito, Professor Ninheimer — respondeu Easy solenemente, as fotocélulas de seus olhos brilhando no habitual tom vermelho.

— Conhece-me?

— Pelo fato de me ter apresentado material para ser acrescentado às provas de

paquê concluí ser o autor. Seu nome encontra-se, naturalmente, no alto de todas as provas.

— Compreendo. Você faz… deduções, então. Diga-me… — Não resistiu à pergunta — que acha do livro, até agora?

— Acho muito agradável trabalhar nele — respondeu Easy.

— Agradável? Que estranha palavra para um mecanismo sem emoções. Disseram-me que não sentia emoções.

— As palavras do seu livro estão de acordo com os meus circuitos — explicou Easy. — Estabelecem pouco ou nenhum contrapotencial. Meus circuitos cerebrais são capazes de traduzir este fato mecânico numa palavra como “agradável”. O contexto emocional é fortuito.

— Compreendo. Por que acha agradável o livro?

— Trata de seres humanos, professor, e não de matérias inorgânicas, ou símbolos matemáticos. Seu

livro procura compreender os seres humanos e aumentar-lhes a felicidade.

— É o que você também procura fazer, de modo que minha obra está de acordo com os seus circuitos? É assim?

— Exatamente, professor.

Os quinze minutos estavam esgotados. Ninheimer saiu, dirigiu-se à biblioteca da universidade, que estava cerrando as portas, e forçou-a a ficar aberta o tempo suficiente para descobrir um texto sobre robótica elementar, que ele levou para casa.

À exceção do acréscimo ocasional de matérias, as provas seguiam para Easy e dali para os editores, com pequena intervenção de Ninheimer, a princípio, e nenhuma, mais tarde.

Meio inquieto, Baker disse:

— Isso me causa uma sensação de inutilidade.

— Devia causar-lhe a sensação de dispor de tempo para um novo projeto — replicou Ninheimer, sem levantar os olhos das anotações que fazia no último número de *Abstrações da Ciência Social.*

— É que eu não estou acostumado. Continuo a preocupar-me com as provas. Tolice, eu sei.

— É mesmo.

— No outro dia apanhei algumas provas antes que Easy as mandasse para o editor…

— O quê! — Ninheimer ergueu a vista, cenho franzido, e o número de *Abstrações* foi fechado. — Perturbou a máquina durante o trabalho?

— Só por um minuto. Estava tudo em ordem. Bem, mudou uma palavra. Você se

referia a qualquer coisa classificando-a de “criminosa”, Easy mudou a palavra para “imprudente”, achando que o segundo adjetivo se adaptava melhor ao contexto.

Ninheimer indagou, pensativo:

— E você, que achou?

— Sabe, concordei com a máquina. Deixei ficar. Ninheimer voltou a cadeira giratória para encarar seu jovem colaborador.

— Ouça, prefiro que não torne a fazer isso. Já que estou utilizando a máquina, gostaria de obter… todas as suas vantagens. Uma vez que a estou usando e você perde tempo supervisionando o que ela faz, quando justamente o que não precisa é supervisão, eu nada ganho, entende?

— Sim, Dr. Ninheimer — respondeu, cabisbaixo.

Algumas brochuras de *Tensões Sociais* chegaram ao gabinete do Dr. Ninheimer a oito de maio. Ele folheou rapidamente saltando páginas e parando aqui e ali para ler um capítulo. Depois guardou todas elas.

Segundo explicou mais tarde, esqueceu-as. Trabalhara no livro durante oito anos, e nos últimos meses outros interesses o tinham envolvido, enquanto Easy tirava de suas costas a responsabilidade da edição. Nem sequer lembrou-se de doar o costumeiro volume à biblioteca da universidade. Mesmo Baker, que se atirara ao trabalho e conservara-se afastado do chefe do departamento desde que recebera uma censura no último encontro, não ganhara exemplar algum.

A 16 de junho esse estágio terminou. Ninheimer recebeu uma chamada telefônica e olhou espantado para a tela.

— Speidell! Está aqui na cidade?

— Não, estou em Oeveland. — Sua voz tremia de emoção.

— Então, por que a chamada?

— Porque estive lendo seu novo livro! Ninheimer, você está louco? Ficou biruta?

Ninheimer levou um choque e perguntou, alarmado:

— Há algo… errado?

— Errado? Abra na página 562. Por que diabo interpretou dessa maneira o meu trabalho? No trecho em que eu afirmo que a personalidade criminosa não existe e que são os agentes da *lei* os *verdadeiros* criminosos. Ouça, vou ler…

— Espere! Espere! — gritou Ninheimer, procurando a página. — Deixe-me verificar. Deixe-me verificar … Meu Deus!

— E então?

— Speidell, não compreendo como isso aconteceu. Eu não escrevi isso.

— Mas é o que está impresso! E esta distorção não é a pior. Procure a página 690 e imagine o que Ipatiev fará ao descobrir a confusão que você fez com as descobertas dele! Ouça, Ninheimer, o livro está crivado de coisas assim. Não sei qual foi a sua idéia, mas a única providência que lhe resta é retirá-lo do mercado. E é melhor preparar-se para pedir reiteradas desculpas na próxima reunião da Associação!

— Speidell, ouça…

Mas Speidell desligara com tal violência que deixou o vídeo faiscante de "fantasmas" durante uns quinze segundos.

Foi então que Ninheimer leu o livro e começou a marcar as passagens em tinta vermelha.

Conservou-se extraordinariamente calmo ao enfrentar novamente Easy, mas tinha os lábios pálidos. Entregando-lhe o livro, disse.

— Quer ler as passagens marcadas nas páginas 562, 631, 664 e 690?

Easy obedeceu em quatro relances.

— Sim, Professor Ninheimer.

— Não estão iguais às da prova de paquê.

— Não, senhor. Não estão.

— Você as modificou dando-lhes nova redação?

— Sim, senhor.

— Por quê?

— Senhor, as passagens que se encontravam na sua versão eram muito desabonadoras para certos grupos de seres humanos. Achei aconselhável modificar a redação para evitar prejudicá-los.

— Como *ousou* fazer uma coisa dessas?

— A Primeira Lei, professor, não me permite, por omissão, prejudicar seres humanos. Considerando a sua reputação no mundo da Sociologia e a ampla circulação da sua obra entre os intelectuais, considerável prejuízo sofreriam os seres humanos de quem falou.

— Mas não compreende o mal que causou a mim?

— Era necessário escolher a alternativa que causasse menos mal.

O Professor Ninheimer, trêmulo de raiva, afastou—se. Para ele, era bem claro que a U.S. Robôs teria de pagar pela história.

Houve agitação na mesa dos acusados, que aumentou quando a acusação insistiu no ponto nevrálgico.

— Então o robô EZ-27 informou-lhe que o motivo das alterações baseava-se na Primeira Lei da Robótica?

— Exatamente, senhor.

— E que na verdade ele não tinha outra alternativa.

— Sim, senhor.

— Segue-se então que a U.S. Robôs desenhou um modelo que, em caso de necessidade, reescreveria livros segundo suas próprias concepções de direito. Contudo, apresentou-o como um simples revisor, não é assim?

A defesa interveio firme, imediatamente, observando que se pedia à testemunha uma decisão sobre o assunto no qual não era competente. O juiz advertiu a acusação nos termos costumeiros, mas não havia dúvidas de que o diálogo produzira efeito — sobretudo no advogado de defesa.

Solicitou este um curto intervalo antes de iniciar o interrogatório, usando um recurso legal que lhe proporcionou cinco minutos de meditação.

Inclinando-se para Susan Calvin perguntou:

— É possível, Dra. Calvin, que o Professor Ninheimer esteja dizendo a verdade e que Easy tenha sido motivado pela Primeira Lei?

Calvin comprimiu os lábios e respondeu:

— Não. Não é possível. A última parte do depoimento de Ninheimer é perjúrio premeditado. Easy não foi programado para julgar questões no estágio de abstração de um livro avançado de Sociologia. Seria incapaz de saber que certos grupos humanos ficariam prejudicados por determinada frase do livro. Sua mente não foi construída para isso.

— Suponho que isto não possa ser provado a um leigo — replicou o advogado, pessimista.

— Não — admitiu Calvin. — A prova seria altamente complexa. Nosso argumento continua o mesmo. Precisamos provar que Ninheimer está mentindo, e nada que ele diga modificará nosso plano de ataque.

— Muito bem, Dra. Calvin — replicou o advogado. — Aceitarei a sua palavra. Continuaremos segundo o que foi planejado.

No tribunal, o martelo do juiz soou e o Dr. Ninheimer novamente subiu à cadeira das testemunhas. Sorria de leve, como quem sente sua posição inexpugnável e saboreia a perspectiva de enfrentar um ataque inútil.

O advogado de defesa aproximou-se e começou, tranquilo:

— Dr. Ninheimer, quer dizer que ignorava completamente as alterações em seu manuscrito até que o Dr. Speidell lhe telefonou a 16 de junho?

— Exatamente.

— Examinou alguma vez as provas depois que o robô EZ-27 as havia revisado?

— A princípio, sim, mas pareceu-me uma tarefa inútil. Confiei nas afirmativas da U.S. Robôs. As mudanças absurdas foram feitas somente no último quarto do livro,

depois que o robô, segundo presumo, havia aprendido bastante Sociologia…

— Deixemos de lado as suas suposições! — replicou a defesa. — Soubemos que seu colega, o Dr. Baker, verificou mais tarde, as provas, pelo menos uma vez. Lembra-se de haver testemunhado esse fato?

— Sim, senhor. Conforme declarei, ele disse ter examinado uma página, e nesta o robô havia modificado uma palavra.

A defesa novamente interveio:

— Não acha estranho, senhor, que após mais de um ano de implacável hostilidade contra o robô, depois de votar contra ele e recusar-se a utilizá-lo para qualquer finalidade, de repente decidiu entregar-lhe seu livro, seu *magnum opus!*

— Não acho estranho. Resolvi simplesmente usar a máquina.

— E de repente adquiriu tanta confiança no robô EZ-27 que nem se preocupou em verificar as provas?

— Já disse que fui persuadido pela propaganda da U.S. Robôs.

— Tão persuadido que quando seu colega, o Dr. Baker, tentou chegar ao robô o senhor o censurou asperamente?

— Não o censurei. Simplesmente não queria que ele perdesse o seu tempo. Na época, pelo menos, julguei que seria uma perda de tempo. Não percebi o significado da troca de palavras no…

Sarcástico, o advogado de defesa interrompeu-o:

— Tenho certeza de que recebeu instruções no sentido de referir-se a este ponto, para que a troca de palavras fosse inserida nos autos… — E, para evitar objeções, modificou sua linha de ataque: — A questão é que o senhor ficou extremamente zangado com o Dr. Baker.

— Não, zangado, não.

— Não lhe deu um dos exemplares do seu livro quando os recebeu.

— Simples esquecimento. Não ofereci também à biblioteca. — Sorrindo cautelosamente acrescentou: — Professores são reconhecidamente distraídos.

— Acha estranho que, após mais de um ano de trabalho perfeito, o robô EZ-27 tenha falhado no seu livro? Numa obra escrita por alguém que se mostrou implacavelmente hostil a ele?

— Meu livro era a única obra humanista de fôlego que ele precisou enfrentar. As Três Leis da Robótica agiram então.

— Por diversas vezes, Dr. Ninheimer, o senhor quis dar a impressão de ser conhecedor de Robótica. Aparentemente, súbito interessou-se pela matéria, retirando da biblioteca obras sobre o assunto. Mencionou isso no seu depoimento, não mencionou?

— Um livro. Foi resultado do que me parece natural curiosidade.

— E isso lhe basta para explicar por que o robô deveria, segundo alega, ter alterado seu livro?

— Sim, senhor.

— Muito interessante. Mas tem certeza de que seu interesse em robótica não se destinava a ajudá-lo a manipular o robô para suas finalidades particulares?

Ninheimer corou ao responder:

— Não, certamente!

A voz do advogado de defesa ergueu-se:

— Tem certeza de que as alterações que alegou terem sido feitas não se encontravam nas suas primeiras provas?

O sociólogo ergueu-se.

— Isso é ridículo! Tenho as provas de paquê… Manifestou dificuldade em falar e a acusação ergueu-se para intervir:

— Com sua permissão, senhor juiz, pretendo apresentar como prova os paquês entregues pelo Dr. Ninheimer ao robô EZ-27 e os paquês enviados pelo robô EZ-27 aos editores. Eu o farei agora, se meu estimado colega o desejar, e estou disposto a uma interrupção para que os dois paquês sejam comparados.

O advogado de defesa fez um gesto de impaciência.

— Não é necessário. Meu prezado colega pode mostrar os paquês quando quiser. Tenho certeza de que apresentarão todas as discrepâncias alegadas pelo queixoso. O que eu gostaria de saber é se possui também os paquês do Dr. Baker.

— Os paquês do Dr. Baker? — repetiu Ninheimer, cenho franzido. Ainda não conseguira acalmar-se, de todo.

— Sim, professor! Refiro-me às provas de paquê do Dr. Baker. Segundo seu depoimento, o Dr. Baker recebia outras vias das provas separadas. Pedirei ao oficial que leia seu depoimento, caso de repente tenha sofrido uma crise de amnésia seletiva. Ou será apenas porque os professores são reconhecidamente distraídos?

— Lembro-me das provas do Dr. Baker — respondeu Ninheimer. — Eram desnecessárias, uma vez que a tarefa fora entregue à máquina de revisar…

— Queimou-as?

— Não. Joguei-as na cesta do lixo.

— Queimá-las, jogá-las fora, qual a diferença? O importante é que se desfez delas.

— Não há mal nenhum… — começou Ninheimer, sem convicção.

— Não há mal nenhum? — trovejou o advogado de defesa. — Nenhum mal, exceto que não dispomos agora de meios para verificar se, em determinadas provas

decisivas, teria substituído provas sem emendas do Dr. Baker por outras das suas, deliberadamente complicadas, de modo a forçar o robô a…

A acusação interveio com veemência. O Juiz Shane inclinou-se para frente e seu rosto redondo esforçou-se por assumir uma expressão de mau humor, de acordo com a intensidade da emoção do momento.

— Pode apresentar provas da importante afirmativa que acaba de fazer? — perguntou.

Tranquilamente, o advogado respondeu.

— Provas concretas, senhor juiz, positivamente, não. Mas gostaria de observar que súbita conversão do queixoso de anti-robô a inesperado interessado em robótica, sua recusa em verificar as provas ou permitir que alguém as verificasse, sua negligência em divulgar o livro após a publicação indicam claramente…

— Senhor advogado — interrompeu o juiz, impaciente —, o local não se presta a deduções esotéricas. O queixoso não está em julgamento. Nem o senhor o está acusando. Proíbo esta linha de ataque è observo que o desespero que o levou a assim agir só pode prejudicar o seu caso. Se tem perguntas objetivas a fazer, pode prosseguir com o interrogatório. Mas previno-o contra qualquer manifestação desta ordem neste tribunal.

— Nada mais tenho a perguntar, senhor juiz.

Robertson sussurrou agressivamente quando o advogado de defesa voltou ao seu lugar:

— Por que fez uma coisa dessas? O juiz ficará de prevenção contra o senhor.

O advogado replicou calmamente:

— Mas Ninheimer ficou abalado. E nós o preparamos para o ataque de amanhã. Cairá na armadilha.

Susan Calvin meneou gravemente a cabeça, aprovando.

O restante da acusação nada teve de importante. O Dr. Baker foi chamado e apoiou a maior parte do testemunho de Ninheimer. Os Drs. Speidell e Ipatiev compareceram igualmente, alongando-se sobre o choque e a surpresa de certas passagens do livro do Dr. Ninheimer, opinando que a reputação profissional do último estava seriamente comprometida.

As provas de paquê foram apresentadas, assim como exemplares do livro terminado.

A defesa não interrogou naquele dia. A acusação descansou e o julgamento foi adiado para a manhã seguinte.

A defesa apresentou sua primeira moção no início das atividades do segundo dia, pedindo que o robô EZ-27 fosse admitido como espectador.

Houve objeção imediata e o Juiz Shane chamou as partes.

O promotor, alterado, falou:

— É ilegal. Um robô não pode entrar num edifício destinado ao uso do público em geral.

— Esta corte — objetou a defesa — está fechada para todos, exceto aos que tenham ligação direta com o caso.

— Uma máquina enorme, cujo comportamento ninguém pode garantir, seria capaz de perturbar minhas testemunhas com sua simples presença! Complicaria toda a sessão.

O juiz parecia inclinado a concordar, e, voltando-se para o advogado de defesa, falou, meio agressivo:

— Quais as razões do seu pedido?

— Alegaremos que o robô EZ-27 não poderia, pela natureza da sua construção, ter-se portado conforme foi dito — replicou o advogado de defesa. — Será necessário fazer uma demonstração.

— Não vejo por que, senhor juiz — replicou o promotor. — Demonstrações feitas por funcionários da U.S. Robôs têm pouco valor quando a corporação figura como acusada.

— Senhor juiz, a validade de qualquer prova quem deve decidir é Vossa Senhoria, e não o promotor, a meu ver.

O juiz, sentindo abaladas suas prerrogativas, respondeu:

— Seu raciocínio é correto. Contudo, a presença do robô no local cria sérias complicações de caráter legal.

— É claro que só desejamos o que não infrinja as exigências da justiça. Mas se o robô não estiver presente seremos impedidos de apresentar nossa única defesa.

O juiz ponderou:

— Haveria a questão do transporte.

— É um problema que a U.S. Robôs resolve com frequência. Temos um caminhão estacionado diante do tribunal, construído de acordo com as leis que regem os transportes de robôs. O EZ-27 se encontra num caixote, no seu interior, guardado por dois homens. As portas do caminhão estão fechadas com segurança e todas as outras precauções necessárias foram tomadas.

— Parece convicto de que minha decisão lhe será favorável — disse o juiz, novamente irritado.

— De modo algum, meritíssimo. Se for contra, simplesmente voltaremos o caminhão no outro sentido. Nada presumimos com respeito à sua decisão.

O juiz acenou afirmativamente.

— O pedido da defesa é deferido.

O caixote foi carregado para o interior do recinto num carrinho de rodas e dois empregados o abriram. Na corte reinava silêncio mortal.

Susan Calvin aguardou enquanto retiravam o espesso revestimento de celuforme, depois estendeu a mão, dizendo:

— Venha, Easy.

O robô olhou na sua direção e estendeu um enorme braço metálico. Não obstante cerca de sessenta centímetros mais alto, o robô seguiu-a documente, como uma criança conduzida pela mãe. Alguém deu uma risadinha nervosa, mas abafou-a a um significativo olhar da Dra. Calvin.

Easy sentou-se cuidadosamente numa grande cadeira trazida por um funcionário. O móvel gemeu, mas resistiu.

— Quando necessário, meritíssimo, provaremos que este é verdadeiramente o robô EZ-27, empregado pela Universidade do Nordeste no período de tempo a que nos referimos — disse o advogado de defesa.

— Muito bem. Isto será necessário — falou o juiz. — Quanto a mim, não sei como podem distinguir um robô de outro.

— Agora, chamarei minha primeira testemunha — disse o advogado de defesa. — Professor Simon Ninheimer, por favor.

O escrivão hesitou, consultando o juiz com o olhar. O juiz perguntou, com evidente surpresa:

— Vai chamar o *queixoso* como testemunha?

— Sim, meritíssimo.

— Espero que compreenda que como sua testemunha o senhor não terá a mesma amplitude no interrogatório que teria no caso de ser uma testemunha da acusação.

— Em tudo isto, minha única finalidade é alcançar a verdade — disse o advogado, tranquilamente.

— Não farei mais do que algumas amáveis perguntas.

— Bem, é o senhor quem está defendendo a causa

— falou o juiz, céptico. — Chame a testemunha. Ninheimer instalou-se e foi informado de que ainda

se encontrava sob juramento. Parecia mais nervoso do que na véspera, quase apreensivo.

Mas o advogado de defesa fitou-o com benevolência.

— Professor Ninheimer, o senhor exige de meus clientes a indenização de setecentos e cinquenta mil dólares.

— Esta é a soma. Sim.

— É uma grande quantia.

— Sofri um grande dano.

— Não equivale a isso, com certeza. A questão material envolve apenas algumas passagens do livro. Talvez tenham sido trechos infelizes, mas, afinal, às vezes há obras que são publicadas com erros esquisitos.

Narinas dilatadas, Ninheimer protestou:

— Este livro deveria ser o clímax de minha carreira profissional! Em vez disso faz-me parecer um intelectual incompetente, um perversor das opiniões de meus distintos colegas e associados, alguém que adota pontos de vista ridículos e ultrapassados. Minha reputação foi irrecuperavelmente destruída! Não posso entrar de cabeça erguida numa reunião de intelectuais, seja qual for o resultado do julgamento. E não posso continuar a minha carreira, que tem sido toda a minha vida. A própria razão da minha existência foi abortada e destruída.

A defesa não fez a menor tentativa para interromper o discurso. Enquanto ele era pronunciado, o advogado olhava distraidamente para as unhas.

Tranquilo, disse então: — Mas, Professor Ninheimer, na sua idade não poderia esperar ganhar mais do que — sejamos generosos — cento e cinquenta mil dólares no restante de sua vida. No entanto pede à justiça que lhe conceda cinco vezes mais.

Ninheimer explodiu, mais alterado ainda:

— Não fui prejudicado apenas em vida. Ignoro por quantas gerações me apontarão os sociólogos como um tolo e um louco. Minhas verdadeiras realizações ficarão enterradas e ignoradas. Estou arruinado não só até o dia de minha morte, como para além, pois sempre haverá quem não acredite que o robô fez aqueles acréscimos…

A esta altura, o robô EZ-27 levantou-se. Susan Calvin não fez o menor gesto para detê-lo. Ficou imóvel, olhando para a frente. O advogado de defesa suspirou com moderação.

A voz melodiosa de Easy era nitidamente ouvida.

— Gostaria de explicar a todos por que inseri algumas passagens nas provas de paquê, passagens que pareciam contrariar diretamente o que fora dito anteriormente…

Mesmo o promotor ficou tão surpreso com o espetáculo de um robô falante de mais de dois metros de altura, que não se dirigiu à corte solicitando a interrupção de algo que era evidentemente irregular.

Quando se refez era tarde demais. Pois Ninheimer levantara-se da cadeira das testemunhas, rosto convulsionado, gritando:

— Maldição, recebeu ordens para calar-se… Deteve-se bruscamente, e Easy ficou também silencioso.

O promotor levantou-se, exigindo anulação da sessão.

O Juiz Shane fez soar desesperadamente seu martelo.

— Silêncio! Silêncio! Há certamente razões para se declarar uma anulação, mas no interesse da justiça gostaria que o Professor Ninheimer completasse sua declaração. Ouvi-o dizer distintamente ao robô que este recebera instruções para conservar-se calado a respeito de alguma coisa. Não houve menção no seu depoimento, professor, de quaisquer instruções ao robô para manter silêncio a respeito do que quer que fosse!

Ninheimer olhou para o juiz, mas não respondeu. O Juiz Shane perguntou:

— Deu instruções ao robô EZ-27 para manter silêncio a respeito de algum detalhe? Neste caso, sobre o quê?

— Meritíssimo… — principiou Ninheimer, voz rouca. E não pôde continuar.

Áspero, o juiz prosseguiu:

— Ordenou as alterações nos trechos em questão nas provas de paquê e depois deu ordens ao robô para não falar no assunto?

O promotor objetou vigorosamente, mas Ninheimer gritou:

— É inútil! Sim! Sim! — E saiu correndo da cadeira das testemunhas, mas foi detido à porta pelo ordenança, deixando-se cair numa cadeira da última fila, a cabeça entre as mãos.

— É evidente que o robô EZ-27 foi trazido à corte como um truque — disse o Juiz Shane. — Se o truque não houvesse servido para impedir uma grave injustiça, eu certamente censuraria o advogado de defesa. Está bem claro agora, sem sombra de dúvida, que o queixoso cometeu o que me parece uma fraude inexplicável, já que, aparentemente, arruinou deliberadamente sua carreira…

A sentença, é claro, foi a favor dos acusados.

A Dra. Susan Calvin apresentou-se pessoalmente ao apartamento de solteiro do Dr. Ninheimer, na Universidade. O jovem engenheiro que a transportara de carro oferecera-se para acompanhá-la, porém ela o fitara com desdém.

— Julga que ele seria capaz de me atacar? Espere aqui embaixo.

Ninheimer não estava com disposição para atacar ninguém. Fazia as malas, sem perda de tempo, ansioso para afastar-se antes que a sentença contrária viesse a ser do conhecimento geral.

Fitando a Dra. Calvin com estranho desafio, disse:

— Veio me prevenir de um contraprocesso? Neste caso, nada obterão. Não tenho dinheiro, nem emprego nem futuro. Não posso sequer pagar as custas do processo.

— Se está angariando simpatia não se volte para mim — disse a Dra. Calvin friamente. — Isto foi obra sua. Mas não moveremos ação nem contra a sua pessoa, nem contra a universidade. Faremos o possível para impedir que seja preso por perjúrio. Não somos vingativos.

— Ah, é por isto que não estou ainda sob custódia? Estava intrigado. — E acrescentou, amargo: — Por que seriam vingativos? Têm tudo o que querem agora.

— Parte do que desejamos — replicou Calvin. — A universidade conservará Easy por uma quantia consideravelmente mais alta. Além disso, certa publicidade subterrânea referente ao julgamento possibilitará a colocação de mais alguns modelos EZ-27 em outras instituições, sem perigo de uma repetição deste caso.

— Então, por que veio me procurar?

— Porque ainda não sei tudo o que desejo. Quero saber por que odeia tanto os robôs. Mesmo que tivesse ganho a questão, sua reputação estaria arruinada. O dinheiro que obtivesse não o compensaria. A satisfação do seu ódio pelos robôs bastaria?

— Está interessada em mentes *humanas,* Dra. Calvin? — perguntou Ninheimer em tom de zombaria.

— Enquanto suas reações envolverem o bem-estar dos robôs, estou. Por esta razão aprendi um pouco de psicologia humana.

— O bastante para me enganar!

— Isso não era difícil — replicou a Dra. Calvin, tranquilamente. — O difícil era fazê-lo de maneira a não prejudicar Easy.

— É bem seu isso de preocupar-se mais com o bem-estar de uma máquina do que de um ser humano. — E fitou-a com todo desprezo.

Calvin não se abalou.

— Aparências, Professor Ninheimer. — É preocupando-me com robôs que posso cuidar verdadeiramente do homem do século vinte e um. Compreenderia se fosse roboticista.

— Li o bastante de Robótica para saber que não quero ser roboticista!

— Perdão, leu apenas um livro, que nada lhe ensinou. Aprendeu o bastante para saber que podia ordenar um robô a fazer uma série de coisas, até a falsificar um livro, se usasse os processos adequados.

Aprendeu o bastante para saber que não poderia dar-lhe ordem para esquecer de tudo sem correr o risco de ser surpreendido, mas julgou que poderia mandá-lo simplesmente silenciar, com absoluta segurança, e estava errado.

— Adivinhou a verdade pelo silêncio dele?

— Não adivinhei. Como amador, ignorava o que fazer para cobrir suas pegadas. Meu único problema era provar ao juiz, e teve a bondade de nos ajudar, com sua ignorância da Robótica que alega desprezar.

— Há alguma finalidade nesta discussão? — perguntou Ninheimer, cansado.

— Para mim, há — disse Susan Calvin —, pois quero que compreenda o quanto julgou mal os robôs. Silenciou Easy dizendo-lhe que se contasse a alguém a sua distorção

do livro você perderia o emprego. Isto estabeleceu em Easy úm certo potencial para o silêncio, bastante forte para resistir aos nossos esforços para rompê-lo. Teríamos prejudicado seu cérebro se houvéssemos insistido. Mas no banco das testemunhas você mesmo estabeleceu um contrapotencial mais elevado, dizendo que, como todos pensariam que você e não o robô havia escrito as passagens discutidas, perderia muito mais do que apenas o emprego. Perderia a reputação, o respeito, a posição e a razão de viver. Perderia até a memória após a morte. Um novo e mais alto potencial foi estabelecido e Easy falou.

— Ó meu Deus! — murmurou Ninheimer, voltando a cabeça.

Calvin foi inexorável.

— Compreende por que ele falou? Não foi para acusá-lo, e sim para *dejendê-lo* Pode ser matematicamente demonstrado que ele ia assumir plena responsabilidade do seu crime, negar que havia feito qualquer coisa. A Primeira Lei o exigia. Ele ia mentir, prejudicando-se e prejudicando monetariamente a companhia. Tudo isso significava menos para ele do que salvá-lo. Se compreendesse verdadeiramente robôs e Robótica tê-lo-ia deixado falar. Mas não compreendia, como eu estava certa, e garanti ao advogado de defesa. No seu ódio pelos robôs, estava convicto de que Easy agiria como um ser humano, defendendo-se às suas custas. De modo que interrompeu-o em pânico… e destruiu a si mesmo. Ninheimer falou com veemência:

— Espero que algum dia seus robôs se voltem contra você e a matem!

— Não seja tolo. Agora quero que me explique por que fez tudo isso.

Ninheimer contorceu o rosto num sorriso sem humor.

— Terei que dissecar minha mente para satisfazer sua curiosidade intelectual ficando, em recompensa, imune da acusação de perjúrio?

— Se quiser, considere as coisas dessa maneira — disse Calvin, sem se alterar. — Mas explique.

— Para poder combater mais eficazmente futuros ataques aos robôs, dotada de maior compreensão?

— Aceito isso.

— Sabe, eu lhe direi só por saber que não vai lhe adiantar nada. É incapaz de compreender motivações humanas. Só compreende suas malditas máquinas, pois é também uma máquina revestida de pele.

Tinha a respiração alterada e falava sem hesitação, sem busca de precisão. Era como se a precisão não tivesse mais utilidade para ele.

— Durante duzentos e cinquenta anos, a máquina foi substituindo o homem e destruindo o artesanato. A cerâmica foi reduzida a moldes e prensas. As obras de arte foram substituídas por objetos idênticos, sem valor, mergulhados num colorante. Chame a isso de progresso, se quiser! O artista foi reduzido a abstrações, confinado ao mundo das idéias. Esboça algo na mente — e depois a máquina faz o resto. Acha que o ceramista contenta-se com criação mental? Acha que basta a idéia? Que nada existe no contato da

própria argila, na observação do objeto tomando forma enquanto as mãos e a mente trabalham juntas? Julga que sua elaboração não age como uma retrocarga para apurar a idéia?

— O senhor não é um ceramista — falou Susan.

— Sou um artista criativo! Desenho e elaboro artigos e livros. Isto encerra mais do que a mera reunião de palavras colocadas em determinada ordem. Se fosse apenas isso não haveria prazer na criação, nenhuma compensação.

Ele falava agora mais devagar.

— Um livro deve tomar forma nas mãos do escritor. É preciso ver os capítulos crescerem e desenvolverem-se. É preciso trabalhar e refazer, e observar as transformações que ocorrem para além do conceito original. É preciso tomar as provas de paquê e ver como as sentenças ficam depois de impressas e remodelá-las. Há centenas de contatos entre um homem e sua obra em todos os estágios do jogo — e o próprio contato é agradável, recompensando o autor pelo trabalho que teve na criação, mais do que qualquer outra coisa o faria. *Seu robô acabará com tudo isso.*

— O mesmo acontece com a máquina de escrever. E com a impressora. Pretende voltar à iluminuras de manuscritos?

— Máquinas de escrever e imprimir roubam um pouco, mas o seu robô nos privaria de tudo. Seu robô encarrega-se das provas. Em breve, ele ou outros robôs se encarregariam da escrita original, a pesquisa de fontes, a verificação e a contraverificação das passagens, talvez até a dedução de conclusões. Que restaria ao intelectual? Uma única coisa: as áridas decisões relativas às ordens dadas ao robô! Quero salvar as futuras gerações de intelectuais de inferno semelhante. Isto significava mais para mim do que a minha própria reputação, de modo que resolvi destruir a U.S. Robôs, fosse por que meio fosse.

— Estava destinado a fracassar — disse Susan.

— Precisava tentar — replicou Simon Ninheimer. Calvin voltou-se e saiu, fazendo esforços para conter sua simpatia pelo homem arrasado.

Mas não conseguiu de todo.

[1] *O papel faustiano da ciência na 1 Guerra Mundial é reduzido à insignificancia pelo que representou na segunda e na guerra-fria. A bomba de hidrogênio e a guerra bacteriológica reduzem a simples inconvenientes os ataques a gás venenoso.*